

CORAÇÕES

entrelaçados

DUOLOGIA CORAÇÕES - LIVRO 2

JAUQUE SALEMA



CORAÇÕES entrelaçados

Duologia Corações – Livro 2

Copyright © 2020 Jaque Salema

Revisão: Deborah A. A. Ratton

Diagramação: Deborah A. Ratton

Capa: Michelle Mariani

Créditos Imagem: por topntp26 - br.freepik.com

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra respeita as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito das autoras.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Bônus](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)

[Vinte e Seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e Oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e Um](#)

[Trinta e Dois](#)

[Trinta e Três](#)

[Trinta e Quatro](#)

[Trinta e Cinco](#)

[Trinta e Seis](#)

[Trinta e Sete](#)

[Trinta e Oito](#)

[Trinta e Nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e Um](#)

[Quarenta e Dois](#)

[Quarenta e Três](#)

[Quarenta e Quatro](#)

[Quarenta e Cinco](#)

[Quarenta e Seis](#)

[Quarenta e Sete](#)

[Quarenta e Oito](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Em breve](#)

Dedicatória

Mãe,

Tentei te escrever a letra de uma canção, então comecei assim:

Descobri que não existem palavras no mundo para que eu possa escrever esta canção e descrever meu amor por ti...

Minha eterna gratidão...

Amo-te...

Jaqueline Salema

César & Bianca

Ontem

Meu sonho

Hoje

Minha realidade.

Jaque Salema

Pronto para recomeçar...

Quando estiver
Pronto para viver
Esteja pronto para sofrer

Quando estiver
Pronto para amar
Esteja pronto para chorar

Quando estiver
Pronto para sonhar
Esteja pronto para acordar

Quando estiver
Pronto para desistir
Esteja pronto para recomeçar...

Jaque Salema

Quando você leva uma
Vida perfeita e do nada
Tudo desanda...
Se sente aprisionado
E sem forças...
Mas o inesperado sempre acontece...

Jaqueline Salema

Prólogo

“Que o amor, de olhos vendados,
encontre o caminho para a sua vontade.”

Willian Shakespeare

César

Aos dez anos eu, César Alvim Montes, já sabia tocar violão e piano. Meus pais não me deixavam ter um minuto de folga, achavam que eu iria me acomodar, faziam com que eu participasse de todos os cursos que eram oferecidos pelo colégio. Não conseguia ter amigos, vivia em função de estudos e, quando chegava a minha casa, continuava a saga estudar.

Mamãe nunca estava, vivia acompanhando papai em viagens e jantares, pois ele sempre foi um homem muito importante, sempre foi o grande Cleiton Carlos Alvim Montes Neto, um CEO admirado por todos os empresários, e isso não deixava tempo para transformar nossa casa em um lar.

Eu queria muito ter uma família de verdade, mas mamãe dizia que, “ou bem se tem dinheiro ou se constrói uma família”. Certa vez a indaguei sobre isso, afinal ela havia se casado e tido um filho. Minha mãe me olhou nos olhos e respondeu que, ao descobrir que estava grávida de mim, foi obrigada pela minha avó a se casar; ele, como não gostava de escândalos, aceitara. Dois dias depois já estavam casados e mamãe já era Sra. Elizabeth Alvim Montes. Ela confessou, porém, que isso não era algo de que se

orgulhasse, pois sabia que o meu pai não era homem de uma mulher só. Mesmo assim se esforçava, pois o amava muito.

Assim fui vivendo, passava mais tempo com a governanta do que com um dos dois, mas isso foi bom, de certa forma, pois a Nilza era gentil e amável. Brincávamos e ela me ensinava que eu tinha que ser um cavalheiro. Dizia que, quando eu crescesse e tivesse uma namorada, tinha que fazê-la sentir-se nos céus. Eu não entendia muito bem o que a governanta queria dizer, mas ela me garantiu que no momento certo eu descobriria.

Assim foram passando os anos e a relação dos meus pais foi ficando a cada dia mais insuportável. Então, em uma bela noite, haviam saído para ópera e, quando retornaram, papai estava de mãos dadas com uma amiga.

Quando me viu, ele soltou a mão da mulher e me chamou para me apresentar. Notei que os olhos da mamãe estavam marejados, mas ela nada falou. Cumprimentei a tal da Zuleica, e foi inevitável olhá-la. Era uma mulher lindíssima, e eu, no auge dos quinze anos e com os hormônios gritando, fui incapaz de impedir que os pensamentos viajassem por tantas curvas.

Pedi licença e me retirei da sala, mas fiquei escondido atrás de uma coluna que dava acesso aos quartos e ao escritório do papai. Ouvi quando ele falou para minha mãe que ela poderia ir para o quarto, que ele teria que ensinar a Zuleica algumas atividades. Também avisou que durante a semana a mulher viria fazer uns trabalhos extras.

Mamãe nem se despediu da colega do papai, entrou no quarto igual a um furacão e bateu a porta.

Os dois permaneceram na sala às gargalhadas, até que papai começou a beijar a amiga de forma bem quente. Fiquei assustado e furioso enquanto, ainda a beijando, ele a pegou no colo e veio em minha direção. Sem saber o

que fazer, entrei no escritório; não imaginava que era exatamente para ali que ele a levaria.

Eita, infelicidade! — praguejei em silêncio quando o vi trancar a porta.

Para minha sorte, o escritório era imenso, com muitas estantes, cortinas escuras bastante franzidas, e foi atrás de uma delas que fiquei.

Ele acionou um interruptor, ajustando-o para que o ambiente ficasse à meia-luz, pegou um vinho e encheu duas taças. Em seguida sentou-se em uma poltrona e pediu à mulher que começasse a fazer um *strip*. Eu não sabia onde enfiava a cara mas também não queria deixar de olhar; a mulher era um avião e, mesmo que eu quisesse fechar os olhos, eles se mantinham abertos. Papai, porém, estava tão bêbado que eu duvidava que ele conseguiria fazer alguma coisa.

Minha vontade era me fazer notar ali, atrás daquela cortina, mas não foi preciso, porque, naquele instante, ela tirou a taça de vinho da mão dele e começou a reclamar das promessas não cumpridas, dizendo que agora ficaria “chupando dedo”. Ele havia adormecido.

Ela se vestiu e partiu furiosa, então saí de trás das cortinas, certo de que meu pai não acordaria tão cedo. Sempre que ele bebia muito, era assim.

Já eu não podia evitar, ao contrário dele tinha os hormônios alvoroçados depois de ver aquela beldade fazendo *strip*, mas o ódio pela infidelidade do meu pai era maior que tudo. Sabia que naquele momento ele não poderia me dar as respostas de que eu precisava, contudo lhe cobraria isso em breve.

No dia seguinte quando o procurei, ele já havia saído para o trabalho. Quando finalmente consegui confrontá-lo, negou tudo alegando que eu estava tendo alucinações. Sua atitude só me fez sentir mais raiva dele e de sua amiga.

Os meses foram passando, e eu já estava de saco cheio daquela mulher na minha casa. Ficava me perguntando se minha mãe sabia, ou se realmente estava “tapando o sol com a peneira”, como parecia. A tal Zuleica vinha três vezes na semana a nossa casa, ficava no escritório com meu pai, a portas fechadas, e isso só me trazia mais revolta.

Nesse mesmo período, uma jovem linda havia se mudado para a casa ao lado, e eu me apaixonei assim que a vi. Descobri que seu nome era Madalena e fiz de tudo para que me enxergasse, mas a garota olhava para todo mundo, até para o Alex.

Já ele se tornara meu melhor amigo assim que nos conhecemos, no primeiro ano do ensino médio. Andava meio revoltado por conta de uma menina que havia conhecido e que havia sumido. Foi difícil, mas acabei conseguindo fazê-lo se concentrar nos estudos e colocar a cabeça no lugar.

No dia em que fiquei muito frustrado com a Madalena, porque ela continuava tendo olhos para todo mundo menos para mim, cheguei a minha casa “vendendo azeite”. Quando entrei em meu quarto, deitei-me na cama e a revolta me consumiu por inteiro; enquanto eu queria tanto o amor de uma garota, meu pai jogava fora o amor da minha mãe.

Levantei-me decidido a confrontá-lo e, ao chegar ao seu escritório, entrei sem bater. Então, justo o que eu mais temia aconteceu, Zuleica e o meu pai estavam nus, em um sofá, numa posição bem constrangedora.

Da mesma forma que eu havia entrado, saí. Ele gritou meu nome e disse que aquilo não era o que eu estava imaginando, mas a cena que eu havia presenciado não deixava nada para a imaginação, e a conclusão era incontestável.

Entre em meu quarto, bati a porta e joguei algumas coisas no chão fazendo barulho e quebrando. Fui para o banheiro, precisava de um banho antes que cometesse uma loucura.

Quando retornei para o quarto, ouvi gritos, um falatório interminável. Vesti um short e saí apressadamente para ver o que estava acontecendo. Avistei meu pai e a amante, ambos um tanto desalinhados, enquanto apenas a minha mãe falava, já com uma mala nas mãos. Um momento depois, ela me notou. Aproximou-se, beijou e alisou o meu maxilar, pedindo que eu ficasse bem. Então me deu adeus e saiu.

Nesse momento Zuleica baixou o rosto. Papai me pediu que saísse e fechasse a porta, então fui atrás da minha mãe pedindo que ficasse. Tentei convencê-la de que poderíamos arrumar as coisas, mas ela negou dizendo que não aguentava mais as loucuras do meu pai, que não suportava mais fingir que não via suas farras. Agora que ele havia levado a amante para dentro de casa, ela não ficaria nem mais um segundo e, de certa maneira, eu a entendia.

Não queria olhar para ele e aquela mulher, eu sentia nojo, então, mesmo sob os protestos de meu pai, peguei minha carteira e saí às pressas para a casa de meu amigo Alex.



Um

“Quem quer colher rosas,
deve suportar os espinhos.”
Provérbio Chinês

Bianca

Como eu queria ter tido o amor dos meus pais. De nada me beneficiava ser Bianca Castilho Moura, preferiria ser só Bianca e ter amor, carinho, atenção. Mas eles só se importavam com status, noitadas e dinheiro.

Meus pais viviam do montante que meus avós maternos depositavam todo mês, e o que minha mãe mais apreciava era o peso de seu sobrenome. Ela se orgulhava dele e o usava para se sobrepôr às pessoas, a temida Sra. Vera Dantas Castilho Moura. Já papai era simplesmente o Sr. Pedro Moura, mas se valia dos benefícios que a esposa lhe proporcionava, principalmente quando ela, lançando mão de alguns contatos, conseguia rapidamente satisfazer-lhe os vícios; era droga para todos os lados, além da verdadeira bebedeira.

Lembro-me de quantas surras ela me deu, enquanto estava drogada e julgava que eu não tinha feito as coisas direito. Ao contrário de como agia com minha irmã, que era mais velha. Valéria não baixava a cabeça para eles e passava a maior parte do dia na rua. Já era independente, trabalhava fora e era dona da própria vida.

Chegou, porém, o momento em que nossos familiares descobriram a vida que mamãe levava e bloquearam todas as fontes de renda. Ela ficou sem um centavo e acabou dependendo do dinheiro da minha irmã. Fazia um gesto de carinho e a Valéria acabava cedendo, dando dinheiro para sustentar o vício dos dois.

Eu era tão pequena, com meus dez anos, só precisava de atenção e afeto, mas não poderia contar com isso. Eles passavam o dia usando drogas e, quando estavam em casa, limitavam-se a descontentar em mim todas as frustrações; as brigas eram intermináveis.

Lembro-me de quando completei treze anos. Meu pai apareceu com um amigo drogado e esse sujeito quase me agarrou à força; o homem que deveria me proteger permaneceu no sofá, sorrindo. Então, ao chegar com uns drinks em uma bandeja, minha mãe disse:

— Ei, André! — era esse o nome do infeliz. — Se está pensando que a terá de graça, está muito enganado, isso vai custar muito caro.

— Eu pago o que for preciso — ele rapidamente falou. — Ela é linda; magra, mas bem-dotada nas partes de que eu mais gosto — completou, e senti uma repulsa sem tamanho.

Como eu sabia que meus pais adoravam dinheiro e que além disso eram loucos, desconfiei que o “bendito” junto deles era de uma família muito rica.

Saí de fininho da sala e entrei em meu quarto. Lá peguei um casaco, calcei uns tênis — já estava de calça jeans —, peguei minha certidão de nascimento, carteira de identidade e CPF.

Deixei a casa sem fazer barulho, pela porta da cozinha. Corri até ficar sem fôlego e, quando não aguentava mais, acabei me esbarrando em uma senhora

que estava com umas sacolas.

Naquele momento havia acabado de começar a chover, e fiquei com tanta pena daquela senhora que, mesmo sem forças, peguei as sacolas, perguntando se ela estava bem.

— Estou, sim, não se preocupe. — A mulher sorriu e perguntou para onde eu ia com tanta pressa.

Intuí que poderia confiar nela e a verdade era que me sentia sozinha, desamparada, então lhe contei rapidamente o que havia acontecido. A senhora pareceu se compadecer da minha história, mas apenas pediu ajuda para levar suas bolsas. Minha cabeça dava voltas e, sem saber em que direção ir, aceitei.

Como a chuva apertava, ela fez sinal para um táxi. Mesmo assim, ao chegarmos a sua casa, entramos pela porta da cozinha, pois estávamos encharcadas.

Pedi a ela que me deixasse colocar meus documentos onde pudessem secar e a senhora me ajudou colocando-os na área de serviço, em cima de uma mesinha; depois sugeriu que eu tomasse um banho quentinho enquanto ela procurasse uma roupa para me emprestar. Eu aceitei, não sentia medo de estar em sua companhia, via em seus olhos segurança, e nisso me apoiei.

A senhora me deu um conjunto de moletom ainda com etiquetas, que havia comprado para si; coube perfeitamente em mim, ela era bem magrinha. Também já estava de banho tomado e com um conjunto de lã vermelho. Uma toalha cobria seus cabelos, e ela me estendeu outra para que eu secasse os meus.

Fechei os olhos e inspirei fundo. Ela pareceu notar e contou que estava esquentando uma canja que havia feito antes de sair para ir ao mercado. Perguntei-lhe onde poderia estender minhas roupas molhadas e a senhora as tomou da minha mão, dirigindo-se a uma área de serviço bem ampla, ao lado da cozinha, onde havia posto meus documentos. Colocou tudo na máquina para lavar, apagou o fogo e me chamou até o quarto, que presumi ser o dela.

O cômodo era bem amplo e todo decorado em rosa e lilás, com papel de parede floral em uma só parte. Nela havia um quadro imenso, tomando quase

toda a extensão da parede. A obra retratava uma mulher jovem, de cerca de dezesseis a dezoito anos, que vinha por um caminho, de frente para quem entrava no quarto. E, nas costas dela, nessa mesma estrada, havia outras duas direções. A pessoa da pintura lembrava muito a dona da casa, com todos os seus traços e a silhueta, porém era mais jovem.

Eu me perdi olhando aquele retrato feito a lápis, muito lindo, e, quando ela percebeu meu fascínio pelo belo trabalho à minha frente, perguntou se eu havia gostado.

— Gostei muito, mas ainda não consegui entender.

— Sim, nunca conseguimos entender. Fazemos escolhas na vida e muitas das vezes tomamos o caminho certo. Em outras escolhemos um caminho que nos levará à dor e ao sofrimento, mas sempre fazemos nossas próprias escolhas. Nunca se esqueça disso, mocinha, você é a única responsável por suas escolhas. Venha, irei secar seu cabelo para que não fique resfriada.

Ela falou que eu poderia chamá-la de vó Glória, então secou meus cabelos e fez uma trança. Eu também sequei os seus, eram bem curtinhos, ralos, e logo estávamos à mesa nos fartando com aquela canja maravilhosa.



Dois

~Uma semana depois~

Bianca

Fiquei durante toda aquela semana com vó Glória, que depois me acompanhou até minha casa e ofereceu dinheiro a meus pais, para que permitissem que eu trabalhasse para ela. Mas essa era só uma desculpa para que eu não precisasse ficar mais naquela casa.

Com dinheiro nas mãos, eles assinaram um documento autorizando e nós duas nos mudamos para Novo Hamburgo, onde comecei a estudar.

Morar com ela, para mim, foi um verdadeiro aprendizado. Vó Glória era uma mulher de fibra, sempre tinha um ensinamento para me oferecer, sem perder a calma. Também tinha seus segredos. Nunca me contou do que

se tratava, mas no fundo sei que havia algo que ela não compartilhava com ninguém.

Quando eu estava com dezesseis anos, conheci o Raul e logo me interessei por ele. Um belo dia, em frente à porta do cursinho, nós nos esbarramos quando ele vinha do trabalho e começamos a conversar. Ele tinha vinte um anos e morava sozinho, seus pais viviam longe.

Acabamos nos tornando amigos, ele fazia questão de todos os dias passar pela porta do pré-vestibular e me olhava feito leão querendo devorar a presa. Eu ficava a cada vez mais eufórica com suas investidas, até que, certo dia, ele me convidou para tomarmos um sorvete. Rapidamente, liguei para vó Glória e lhe comuniquei. Ela pediu que eu tivesse cuidado, então eu fui.

Na sorveteria dei meu primeiro beijo e, desse dia em diante, nós nos víamos com regularidade.

Ele sempre preferia ficar em um cantinho, dizia que era mais romântico. Raul me levava para casa, mas sempre me deixava na esquina e depois ia embora. Foi assim durante seis meses, até que ele prometeu se casar comigo, quando eu completasse dezoito anos. Eu me senti no céu, mesmo com a vó Glória sempre me puxando para a realidade. Cega de paixão, eu achava que ela estava só querendo me proteger.

Eu e Raul não nos encontrávamos durante a noite, nem aos finais de semana, nem nos feriados e, de tanto eu reclamar, ele alegava ter que dobrar no serviço, conseguir dinheiro para viajar e rever os pais nos feriados. E eu acreditava.

Eu vivia pedindo a ele que me levasse para conhecê-los, mas o custo da viagem era alto e estávamos economizando para o casamento. Então programamos um encontro para quando estivéssemos em lua de mel. Raul sempre me trazia algo que sua mãe mandava, dizia que ela estava louca

para me conhecer, e eu retribuía enviando um cartão, além de algum agrado, sempre que ele ia vê-los.

Um belo feriado, estava sozinha em casa e Raul apareceu. Fiquei feliz da vida quando me deu de presente um anel lindo, em ouro branco. Ele disse que estava morrendo de saudades e que por isso não havia viajado, então me convidou para ir ao cinema. Eu aceitei, mas, depois que saímos, resolveu me levar até sua casa. Morava em uma quitinete, mas prometeu comprar um apartamento maior para quando nos casássemos.

Assim, em meio a tantas juras de amor e promessas, ele me levou para a cama e fizemos amor.

Desde esse dia, depois do pré-vestibular sempre íamos para sua quitinete. Em seguida ele me levava para casa.

Quando completei dezoito anos, ainda não havia conhecido sequer um familiar dele, e nem mesmo um amigo, mas, conforme prometido, fomos até o cartório para dar entrada no processo para o nosso casamento. Raul parecia a cada dia mais nervoso, embora fosse o homem mais carinhoso da face da Terra — sempre chegava com presentes, flores...

No dia marcado para nossa cerimônia, cheguei uma hora antes e ele ainda não estava lá, embora tivesse cuidado de tudo.

Meus nervos à flor da pele — já havia passado a hora da cerimônia e ele não havia chegado ainda —, quando vó Glória se dirigiu até o balcão para saber sobre o casamento que deveria ter acontecido uma hora atrás. Estranhei ao ver o rapaz lhe mostrando um livro de registro, ela colocando a mão na boca, como se não acreditasse no que ele dizia. Quando me levantei para verificar o que estava acontecendo, meu telefone tocou e logo apareceu aquele rosto lindo, com um sorriso encantador, que me elevava até os céus.

Atendi chorando e ele logo me pediu mil perdões, dizendo que seus pais haviam sofrido um acidente e que ele tivera que viajar de madrugada.

Contou que infelizmente não haviam resistido e, nossa, eu me senti tão mal.

Se antes meu choro se devia ao fato de ter sido abandonada, agora era de pura culpa. Quis, no mesmo instante, estar ao lado dele, prestar minhas condolências, oferecer meu apoio; sabia que naquele momento ele estava só e desorientado. Mas Raul me demoveu alegando que o velório já estava em andamento. Como seus pais moravam em Belo Horizonte, eu demoraria aproximadamente vinte horas de carro para chegar, seria inviável.

Quando vó Glória retornou e tentou me dizer alguma coisa, contei-lhe sobre a morte dos pais do Raul. Sem demonstrar nenhum sentimento, ela fez sinal para um táxi que passava e fomos para casa. Ainda parecia querer me falar algo, mas seu bom senso não permitia, então apenas me consolou, fazendo de tudo para que eu esquecesse aquele dia.

~Uma semana depois~

No final daquela semana, fomos até o centro de Gramado, onde vó Glória queria me matricular, na faculdade de direito. Após fazermos a matrícula, saímos, compramos um sorvete e caminhamos até a praça.

Avistei um casal se beijando perto de dois garotinhos, de aproximadamente quatro e três anos de idade, que brincavam por ali. A mulher ostentava uma exuberante barriga, de cerca de oito meses, era loira e linda como aquelas crianças, que me pareciam tão familiares.

Quando um dos meninos chamou pelo pai, este logo respondeu, e aquela voz me pareceu familiar demais para que eu acreditasse ser só coincidência. O homem, que estava de costas para nós duas, tinha uma aliança enorme no dedo anelar da mão esquerda; não poderia ser o meu Raul, mas alguém muito parecido.

Vó Glória tentou segurar meu braço, mas eu precisava tirar aquela história a limpo. Já havia se passado uma semana desde o casamento cancelado e ele ainda não tinha aparecido. Só me ligara dizendo que estava ajeitando as coisas e que em breve voltaria, que me amava mais que tudo na vida.

Criei coragem e me encaminhei em sua direção, mas ele estava de costas para mim, agachado no chão, conversando mansamente com aquelas duas crianças que o chamavam de papai.

— Quando voltarmos para casa, vamos ajudar a mamãe a arrumar o berço das irmãs que vão chegar esta semana — dito isso, o homem esticou o braço e pegou na mão daquela mulher, beijando seus dedos.

Coloquei mansamente a mão em seu ombro e, como em câmera lenta, ele se pôs de pé sem se virar; acredito que reconheceu meu toque ou meu perfume, que a todo instante dizia ser indescritível. Quando se virou e olhou em meus olhos, uma lágrima corria em sua face. Ele nada disse, completamente mudo, então resolvi quebrar o gelo:

— Nossa, Raul, há quanto tempo não nos vemos, acho que desde a morte de seus pais, não é mesmo?

Logo a mulher se meteu na conversa.

— Minha lindinha, você deve estar enganada, meu marido tinha um irmão que se chamava Raul, mas ele já faleceu há cinco anos, não chegou nem a conhecer os sobrinhos. Esse aqui é o Ricardo e seus pais estão vivos, nunca gozaram de tanta saúde... Ainda mais agora, que nossas gêmeas estão para chegar; já estão na comemoração, contagem regressiva.

— Perdoem-me, você deve ser muito parecido com o Raul que eu julguei conhecer, mas com certeza é só coincidência mesmo. O homem a que me refiro eu nem conheci de fato, descobri que era um fantasma. Mas a

vida tem dessas coisas. — Eu me dirigi à mulher a minha frente, que alisava a barriga. — Como é mesmo seu nome?

— Eu me chamo Bianca.

— Nossa, que coincidência, eu também.

Nesse instante, retirei o anel de noivado que ele havia me dado, onde havia o nome Bianca gravado, sem data, só o nome, e entreguei para ela, que estendeu a mão e o pegou dizendo ter um igualzinho.

E eu, tentando manter todo o meu controle, com a voz mais branda do mundo, falei:

— Acabei de achar na rua... Tem seu nome gravado, então imagino que seja seu.

— Mas faz cinco anos que não o uso! Na primeira gravidez as mãos ficaram inchadas, então tive que tirar.

Sem saber se sentia pena dela ou de mim mesma, respondi:

— Vai ver seu esposo trouxe para aumentar e lhe fazer uma surpresa; perdeu e nem sentiu, não é mesmo, Sr. Ricardo?

Ele não conseguia nem mesmo abrir a boca, acho que tinha medo de me ver e perder a cabeça. De fato não me conhecia, eu jamais perderia a compostura, mesmo sendo apaixonada por aquele homem. Só eu sabia como estava sangrando o meu coração, como queria correr, gritar, eu queria morrer. Mas não ali, naquele momento não daria a ele o gosto de se sentir superior a mim.

— Bianca, espero que encontre o seu Raul — disse a esposa do crápula.

— Não quero encontrar nunca mais o Raul que um dia apareceu em minha vida, ele foi só um disfarce momentâneo de alegria, um homem descartável e que no fundo é aquele tipo de pessoa desprezível, que não

serve para nada. Quero encontrar um homem de verdade, não um projeto: desse tipo a lixeira está cheia.

Vó Glória fez um aceno de cabeça, pegou em minha mão e caminhamos até um táxi que já estava a nossa espera. Quando o motorista abriu a porta do carro, larguei meu corpo no banco traseiro e soltei o ar que nem percebia que estava prendendo. Estava imersa no vazio que se instalara em meu peito, até que braços amorosos me envolveram. E eu chorei feito criança nos ombros daquela que estava sempre ao meu lado, minha conselheira, a única pessoa que me dava amor.

Chegamos e fui para meu quarto. Sem parar para pensar, coloquei algumas coisas dentro de uma mala pequena e peguei umas economias que havia juntado durante esses anos — quando a vó me dava e eu não gastava, juntava para o caso de precisar pagar o curso de Direito.

Em busca de uma fuga, descí com aquela mala nas mãos e, para minha surpresa, havia uma mulher muito parecida com a vó Glória, ambas conversando amigavelmente. Eu já tinha escrito uma cartinha de agradecimento por tudo e deixado em seu travesseiro, sabia que ela me entenderia.

Quando cheguei ao último degrau, ela me olhou com carinho e me abraçou.

— Tem certeza de que quer ir embora? — vó Glória questionou. — Porque terei que fazer uma viagem e posso levá-la junto comigo.

Eu já tinha tomado minha decisão, mas a curiosidade me consumia.

— Aonde vai?

— Terei que ir até a Itália, resolver algumas pendências de certas escolhas malsucedidas — respondeu.

Totalmente grata a ela, eu disse: — Obrigada, vó, já fez muito por mim, agora chegou minha hora de cortar laços e aprender a voar.

Com os olhos marejados, vó Glória me abraçou.

— Então desejo-lhe sorte e juízo nesta sua cabecinha. Nunca se esqueça, você, e só você, é responsável por suas escolhas.

Ela me levou até a área de serviço, pegou um *nécessaire* quadrado e me entregou, fazendo-me colocar dentro da bolsa.

Mas eu não queria aceitar seu dinheiro, suas economias, e recusei.

— No lugar aonde vou, não precisarei deste dinheiro — ela explicou.
— Faça sua faculdade e seja muito feliz, mesmo que não nos encontremos mais. Aja sempre sabendo que só você pode determinar ser feliz ou sofrer, caso faça escolhas erradas.

Choramos juntas e ela me confessou que aquela mulher na sala era sua filha. E se deteve nisso. Vó Glória me levou até a jovem, que a esperava ali, e nos apresentou. Fiquei feliz porque ela compartilhava comigo parte de suas escolhas e em ver a felicidade exposta no sorriso da mulher a minha frente.



Três

Quero simplesmente acordar desse pesadelo
e me encontrar em um lindo sonho verdadeiro...

Jaque Salema

Bianca

Eu sempre ouvia o meu subconsciente dizer que o universo conspira ao nosso favor, mas há dias em nossa vida que ele, e até mesmo o destino, parece não existir. Não que eu me esquecesse de Deus ou de seu favor, não se tratava disso, mas, às vezes, eu achava que a sorte não nascera para ser minha.

Mesmo assim era grata por poder acordar a cada novo dia e constatar, mediante o caos, que enquanto havia vida existia esperança, nem que fosse de viver um dia após o outro. Aprendi que viver é um risco e que temos que correr, ousar sempre para chegar a algum lugar.

Sabia que não tinha nascido para ser amada, mas tinha pelo menos que correr atrás de meus objetivos e tentar prosseguir, ser uma pessoa melhor do que meus pais.

Vou estudar, trabalhar, tentar ser feliz a minha maneira e, por ora, vou deixar o destino seguir seu curso.

Uma insegurança se apossou de mim, mas no mesmo instante respirei fundo e prossegui; esse era meu momento de fazer tudo diferente.

Sem destino certo, fui até a rodoviária e comprei um bilhete para o Rio de Janeiro. Logo desembarquei nessa cidade e me dirigi ao ponto de táxi.

Antes que um pivete alcançasse minha bolsa, eu estava sendo salva por um moreno alto, porte atlético e muito, muito atraente, que me encarava de forma intensa. Para completar e arruinar de vez meu psicológico, ele estava uniformizado — o bendito, além de lindo, cheiroso e viril, era policial. Imagine esse homem com uma arma em punho, Senhor amado!

Por um momento permiti a minha mente divagar, mas no mesmo instante retornei ao estado normal; travei na hora com o pensamento no Raul, que era Ricardo, e comecei a chorar.

O rapaz achava que eu estava chorando pelo nervosismo, afinal acabava de sofrer uma tentativa de assalto, mas só eu sabia o motivo real.

Ele me ofereceu uma carona para casa e expliquei que precisava arranjar um lugar para morar, que não conhecia o Rio. Na mesma hora o policial se prontificou a me ajudar, contou que um amigo havia se mudado e que estava alugando um imóvel por um preço bem baratinho. A casa já estava mobiliada, e eu amei esse detalhe.

Fomos até lá e eu notei que o condomínio era bem arrumado. Bruno contou que a casa do lado direito estava vazia havia anos, mas o restante das moradias estavam ocupadas, de modo que eu não precisava ficar com medo. Ele prometeu que a partir daquele dia faria a ronda por ali todos os

dias em que estivesse de serviço e percebi certo entusiasmo em sua voz, mas dei de ombros.

Caí na besteira de comentar que acordava cedo, que sempre estudara pela manhã e que por isso meu organismo estava habituado àquela rotina, e isso o encheu de ideias. A partir desse dia, sempre pela manhã, bem cedinho, Bruno tocava a campainha. Trazia pão de queijo, bolo... Cada dia vinha com algo diferente.

Acabamos nos tornando grandes amigos, e ele me levou para fazer a matrícula na faculdade. No Rio o curso de Direito era mais caro, por isso optei por Recursos Humanos, que seria concluído em menos tempo. Decidi que depois faria outros cursos, e assim eu fiz.

Nessa mesma semana Bruno me conseguiu um emprego no consultório do Dr. Wini e, no sábado, apareceu com um buquê de rosas vermelhas, além de ingressos para o cinema, dando todos os sinais de que não aceitaria um não como resposta. E como eu poderia recusar o convite de um homem lindo e desejável, que o tempo todo só havia me ajudado? Claro que eu percebia, por seu olhar, que ele não estava interessado só em minha amizade, mas em momento nenhum Bruno havia forçado uma situação, então aceitei.

Depois do cinema, fomos a um restaurante maravilhoso, onde já havia uma reserva em seu nome, Bruno Belmonte. Passamos uma noite muito agradável, regada a gargalhadas infundáveis e a vinho.

Perguntei se poderíamos comer a sobremesa em minha casa, pois eu tinha feito uma torta de morango; Bruno tinha verdadeira paixão por essa fruta e, como agradecimento, eu tinha preparado o postasto especialmente para ele.

Na mesma hora seus olhos brilharam, como se estivessem em chamas, não sei se pensando em devorar os morangos, ou se em algo mais... Mas só

o pensamento me causou comichão em certas áreas abaixo.

Sem titubear, ele chamou o garçom, pagou a conta e, em passadas rápidas, alcançamos a porta.

Quando já estávamos no interior do carro e bem distantes, ele encostou junto a uma calçada, onde só havia árvores. Nenhum pedestre passava, devido ao horário. Bruno respirou fundo, pegou em minha mão e acariciou meu rosto:

— Bi, tô louco por você todos esses meses, estou criando coragem para dizer isso, mas hoje não estou conseguindo me segurar.

Antes que ele terminasse a frase, eu o beijei. Tanto Bruno como eu queríamos aquilo e eu sentia que precisava dele para tentar esquecer o que o Raul havia feito comigo. Naquele mesmo instante, ele me puxou para seu colo.

— Você é gostosa demais, estou completamente apaixonado por você.

Enquanto ele falava palavras de amor, minhas mãos percorriam sua calça. Desde a hora em que Bruno havia chegado a minha casa — com o jeans rasgado na altura da coxa, todo arrochado, como um cantor sertanejo —, eu sentia a tentação de passar as mãos por aquele volume visível. Estava a ponto de explodir e minha cabeça não estava sabendo lidar com aquilo, então abri seu fecho-ecler e alisei seu membro.

— Não faz assim, Bi! Não vou conseguir me segurar — Bruno falou com um sussurrar de voz, que me enlouqueceu, e dei graças por estar com um vestidinho de saia *evasê*.

Abri os botões da blusa e logo ele passou a língua nos lábios, umedecendo-os e me olhando com verdadeira malícia.

— Eu te quero tanto — disse, aflito.

Eu já estava impaciente de desejo e acabei explodindo em desabafo:

— Não parece, porque não para de falar.

Ele arqueou uma sobrancelha, sorriu e falou que meus desejos eram ordens. Retirou do bolso a carteira, onde pegou um preservativo, e reclinou o banco. Começou a me beijar, e eu queria morder sem parar sua boca carnuda, enquanto suas mãos habilidosas me faziam implorar por mais. Bruno também parecia estar no limite, colocou o preservativo, pôs para o lado meu fio-dental e me penetrou de uma só vez.

Durante os instantes em que estivemos nos amando, não me lembrei um minuto sequer do Raul, mas, bastou chegarmos ao ápice, logo me veio a “praga” à cabeça. Disfarcei, claro, e fomos para casa para terminar o que havíamos começado.

Assim que entramos, seguimos para o banheiro e tomamos banho, mas não ficamos só nisso, houve algo a mais. Depois fomos para a sala comer a sobremesa, acabamos levando-a para o quarto e ela nos foi muito útil durante toda a madrugada.

Começamos a namorar naquele dia e, com três anos de relacionamento, ficamos noivos. Diferentemente de Raul, Bruno logo me levou para conhecer sua família, em Florianópolis. Seu pai era um fazendeiro rude, mas faltou me carregar no colo; já sua mãe, uma mulher requintada, de primeira me detestou. Ficamos o final de semana lá e retornamos para o Rio.

Bruno comprou outro apartamento para morarmos depois de casados, compramos móveis novos, tudo do meu gosto e do dele. Ele não fazia nada sem meu consentimento, até para comprar uma jarra ligava pedindo opinião, e isso me aquecia o coração, pois eu via que era algo real. Eu conhecia seus pais, seus amigos, seu trabalho, compartilhávamos uma mesma vida; ele era tudo o que eu queria.

Assim fomos vivendo nosso noivado, e o tempo foi passando.

O tempo e o amor que se vão
Mais depressa que os segundos que se passam
Mais depressa que o próprio tempo...

Jaqueline Salema



Quatro

“Não corra atrás das borboletas;
plante uma flor em seu jardim e todas as borboletas
virão até ela”.
D. Elhers

Bianca

Eu estava junto ao portão quando parou um caminhão de mudança, e logo um táxi estacionou. Dele desceu uma moça linda, com um semblante muito triste, minha nova vizinha.

Logo fui saudá-la, e ela sorriu de um jeito gostoso, como aquelas pessoas que nos abraçam com sorriso e nos fazem sentir como se todo o nosso corpo estivesse sendo aquecido nesse gesto. Eu retribuí o abraço, de verdade lhe dando boas-vindas, pressentindo que era uma bênção sua presença ali.

Dei graças a Deus por Bruno ter passado para me dar um beijinho, pois ele e mais dois que estavam na viatura meteram a mão na massa e começaram a ajudar a Emilly com a mudança. Ficaram alucinados por minha nova vizinha, mas ela em momento nenhum se mostrou interessada.

Quando terminaram de carregar tudo e pôr as coisas pesadas no lugar, os meninos foram embora e eu fiquei ajudando-a com os objetos menores, colocando tudo em seu devido lugar.

A semana decorreu assim e passamos a conversar, até que contei para ela toda a minha vida. Emilly também me segredou a dela. Nunca imaginei que eu fosse ter uma amiga, mas minha vizinha se tornou mais que isso, tornou-se uma irmã, e é assim até hoje.

Eu e o Bruno sempre a incluíamos em nossos passeios, porque, se não fosse assim, ela ficaria alheia ao resto do mundo; sempre trancada, lendo ou trabalhando. Sua verdadeira paixão era o trabalho. Tentávamos, de todo modo, apresentá-la a uns carinhas, mas ela sempre corria de todos.

Certo dia percebi que Bruno havia esquecido o celular em cima da mesa, depois de tomar um café comigo. Pensando em levar para ele, passei um batom, e só; já estava arrumada, pois não tinha o hábito de me enfeitar.

O bom de ter os cabelos cacheados é que eles estão sempre arrumados — ou melhor, depois do banho, porque quando acordo parecem mais uma juba de leão.

Usava uns tênis All Star brancos, um short jeans, blusa de ombro de fora. Adorava ficar à vontade quando estava em casa, já passava a semana toda trabalhando de saltos. Passei meu perfume de lavanda, que adoro, e saí.

Ao chegar ao distrito, pedi que não me anunciassem, pois queria fazer uma surpresa, mas acabei sendo surpreendida por uma amiga de trabalho do Bruno. Ela estava falando algo com meu namorado, totalmente debruçada

sobre a mesa dele, a um milímetro de sua boca. Quando me deixei ser vista, ele ficou mais branco que uma vela, então a mulher se ajeitou, pediu licença e saiu.

— Oi, amor! — disse Bruno todo desconfiado.

Eu, puta da vida, tentei lhe explicar meu aparecimento repentino.

— Só vim entregar seu celular, você o esqueceu. Como ele não parava de tocar, resolvi trazer, mas acho que não foi uma boa ideia.

Bruno se levantou.

— Como não? — disse. — Eu adorei, exceto por essa sua roupa indecente.

Eu, já cheia de raiva, fui logo retrucando: — Sério que acha minha roupa indecente? E sua amiga se oferecendo, quase deitada na sua mesa, era o quê?

— Por favor, amor, não era nada disso, ela estava me contando algo que não queria que ninguém escutasse. Você sabe que não podemos namorar ninguém que faz parte da mesma jurisdição, é norma de nossa delegacia justamente para não haver nenhum tipo de agarramento em serviço. E eu sou louco por você. Algum dia dei motivos para pensar diferente? Responda.

— Não!

— Então, tira essa minhoquinha que está andando nessa cabecinha... Anda, vem, vou te levar para casa.

— Não precisa.

Bruno pareceu possesso.

— Como não, acha que vou te deixar dando sopa com esses pernões de fora, pode ir parando, anda.

— Você é ridículo — falei.

— Vem cá, que vou te mostrar o ridículo — retrucou.

— Para, pode entrar alguém.

— Se entrar, estarei beijando minha noiva, qual o problema?



Cinco

“Confiança não se impõe. Conquista-se.”

L. J. Lebrete

César

É engraçado, depois que tudo acontece na sua vida e você se detém para analisar, descobre que, embora tenha tudo, esse tudo não parece nada. Você caminha por estradas sem fim, como se andasse em círculos, e nunca chega a um determinado lugar.

Quando cheguei à empresa, contemplei aquele prédio tão suntuoso e imponente. Ao passar pelos corredores, pude observar a arborização que havíamos feito questão de manter em cada corredor, trazendo mais luz e harmonia, para nosso bem-estar. Minha sala, totalmente clássica, em tons pastel, cinza e grafite, com uns detalhes em preto, fazia que eu me sentisse importante. Não que eu achasse isso relevante, mas gostava de saber que, de

tudo que eu conseguira na vida, esse era o meu tudo, o trabalho a que me dedicava e que me fazia esquecer as perdas da vida.

Por um instante eu me senti sufocado e me dirigi à janela atrás de mim, abrindo-a. Fechei os olhos ao respirar o ar fresco que havia pouco me faltava e, nesse momento, consegui parar e vislumbrar o azul do céu. Algo fora do comum acontecia comigo. Não costumava fazer isso, havia anos não me permitia deslumbrar com as figuras que as nuvens espessas formavam enquanto se amontoavam no céu.

Nesse momento senti algo salgado em minha boca e percebi que, involuntariamente, uma lágrima corria em meu rosto. Ao elevar a mão, pude ver os raios do sol que queimavam sobre o vidro da janela e pincelavam meus dedos. Sequei a lágrima e voltei para minha cadeira, sem entender o que havia acabado de acontecer. Também não queria tentar descobrir, preferia deixar a vida seguir seu caminho como sempre. Tinha perdido muito tempo admirando o céu, agora tinha que correr atrás das horas perdidas e trabalhar dobrado. E isso me fez esquecer o episódio.

Havia cinco dias Alex não aparecia na empresa, e eu não estava mais suportando lidar com o chato do Will, que só queria ser recebido pelo meu sócio. Sua filha tentara me seduzir e eu não havia caído nas investidas dela. A garota queria um idiota com quem se casar e, como ainda estava para nascer a mulher que conseguiria mudar minha cabeça, suas tentativas não deram em nada. Eu já havia feito burrada uma vez na minha vida — confiar em uma mulher —, não cometeria a segunda. Por isso me negava a sair com a mesma pessoa duas vezes.

Madalena havia sido o grande amor da minha vida, mas passara como tudo, que um dia passa. Posso até dizer que ela foi uma chuva de verão, veio, fez a arruaça dela e depois passou. Claro que, como toda boa tempestade, deixara alguns estragos.

Meu telefone tocou me tirando dos pensamentos, era a secretária do meu amigo informando que ele estava na empresa. Fui correndo a sua sala, estava preocupado, e fiquei junto à porta do banheiro enquanto conversávamos e ele tomava um banho. Alex me explicou que havia passado todos esses dias no hospital, sem tomar um banho decente, e aproveitei para colocá-lo a par de tudo que havia ocorrido.

Quando Alex abriu a porta, tomei um susto. Nós nos entreolhamos, eu com um sorriso no rosto e um ar incrédulo. Pensava que meu amigo nunca mais fosse esquecer a falecida esposa, mas graças a Deus estava enganado, porque o brilho que eu via nos olhos dele era realmente de um homem apaixonado. Eu só sentia vontade de abraçá-lo.

Alex era meu irmão de coração. Meu porto seguro, suportava todas as minhas barras e nunca me permitia fraquejar. E eu também sempre estava ao seu lado, ajudando, éramos como unha e carne.

Estava supercurioso para saber tudo sobre essa mulher — uma vitoriosa, para ter conseguido o coração do meu amigo. Ele ainda não havia percebido que estava apaixonado, mas eu tinha certeza que dali a pouco “a ficha cairia”. Só esperava que ela estivesse sentindo o mesmo, pois não suportaria ver meu amigo afundado em outra depressão.

Conversamos sobre amenidades, assuntos da empresa, e com muito custo consegui convencê-lo a tomar um café comigo. O babaca teve coragem de dizer que eu estava carente, e eu quis rir. Se voltar para casa às cinco da manhã, depois de *pegar* as mais gostosas da cidade, é estar carente, então eu estava carente e doido para repetir a dose.

Depois de pôr os assuntos em dia, nós nos despedimos e retornei para minha sala, a fim de terminar um projeto. Havia um número restrito que não parava de me ligar e aquilo já estava me incomodando, deixando com os nervos à flor da pele, então atendi.

A pessoa do outro lado da linha só respirava, já fazia dois dias que acontecia essa palhaçada.



Seis

“Não julgue cada dia pela colheita que você obtém,
mas pelas sementes que você planta.”

Robert Louis Stevenson

~Uma semana depois~

César

Não estava mais aguentando a merda daquelas ligações. A pessoa do outro lado continuava sem falar nada, e isso estava mexendo demais com meu humor.

Assim que o Alex chegasse, eu iria até a delegacia, tinha certeza de que Wendel, meu vizinho, conseguiria resolver e descobrir esse mistério. Ele trabalhava no Centro, como subdelegado, e sempre que eu entrava em alguma confusão, era quem me socorria. Acredito que devia alguns favores para o papai, por isso sempre vinha em meu auxílio, sem pedir nada em troca. Eu preferia sempre resolver sozinho minhas merdas, para não ter rabo preso com ninguém, mas em casos extremos não recusava ajuda, e esse era um deles.

Meu telefone tocou e já me preparei para atender à “bendita” ligação anônima, que vinha me atordoando durante todas essas semanas, mas, para minha surpresa, era meu amigo.

Eu já estava puto da vida e acabei despejando em cima dele meu estresse:

— Cadê você, Alex?! Acho que, há umas duas ou três horas, tinha me dito que estava chegando à empresa, e até agora estou aqui esperando. Fala sério, companheiro, está fazendo essa festa toda por causa de um beijo, precisa transar com ela. Eu é que sou o idiota agora! Você sempre pode ter uma conversa sensata comigo! Estou deixando você abrir seu coração, sim, só não vejo motivo para essa festa toda por causa de um beijo. E agora me acusa de ser um pervertido? Eu sou realista e prático.

Depois de meu amigo me contar tudo o que estava se passando com ele, eu lhe informei que precisava ir à polícia resolver um problema pessoal. Assegurei que não se tratava de nada importante ao notar que ele estava todo preocupado e, depois do almoço, fui até a delegacia.

Lá conversei com Wendel, que prometeu rastrear as tais ligações, e fiquei mais tranquilo, pois enfim descobriríamos o motivo dessa palhaçada.



Sete

“Sonhos determinam o que você quer.
Ação determina o que você conquista.”
Aldo Novak

Bianca

Assim que retornei do almoço, liguei para minha amiga, pois fazia uns dias que não conseguia falar com ela. Emilly não atendeu, e meu celular tocou logo em seguida, enquanto eu me perguntava onde ela poderia estar.

Vi que a ligação era de um número restrito, mas atendi assim mesmo, ouvindo a voz potente e ao mesmo tempo suave. Para meu desespero, o homem do outro lado da linha comunicou que minha amiga estava hospitalizada, então peguei minha bolsa no mesmo instante e voei para o hospital; precisava ver com meus próprios olhos como ela estava.

Graças a Deus, Emilly estava bem e me assegurou que o homem que a havia atropelado estava lhe dando total assistência.

Depois de conversarmos um pouco, tive que retornar ao trabalho, mas, no decorrer da semana, fomos conversando.

Percebi, pela voz da minha amiga, que ela estava bem mexida com o tal do Alex, mas quem não ficaria? O cara era um verdadeiro deus grego, tão lindo que certamente tinham jogado a fórmula fora depois de o fazerem. *Nossa, será que tem algum irmão tão lindo feito ele?* Ai, meu coração iria até errar algumas batidas se isso fosse possível.

~Alguns dias depois~

A semana se arrastou, meu chefe mais chato a cada dia. Ele não me dava sossego, pegava o tempo todo em meu pé. Quando algo que ele fazia dava errado, virava um bicho, saía descontando em todo mundo, e eu que tinha que aturar o porre de homem que se tornava. Mas rabugento mesmo ficava quando via o Bruno me buscar no final do expediente, *até parece que ligo para a cara feia dele.*

Meu telefone tocou me tirando do transe em que estava, era o Bruno comunicando que estava num mercadinho próximo ao meu trabalho, comprando o material para fazermos uma rodada de pizza. Queria saber o que eu achava, e, como sou louca por pizza, concordei na hora. Então ele falou que em dez minutinhos estaria passando para me pegar. Fiquei tão animada que até esqueci a chateação com meu chefe.

Quando chegamos vi que a luz na casa da Emilly estava acesa. Eu tinha passado toda a semana tentando convencê-la a sair, pois ela havia se desentendido com o Alex. Minha amiga andava tristonha, não tinha ainda resolvido as coisas com ele, então resolvi convidá-la para o nosso programa

gastronômico. Ela amava pizza e, junto com Bruno, era imbatível, os dois não deixavam sobrar uma fatia.

Assim que acabei de tomar banho e comecei a me vestir, pedi ao meu noivo que ligasse para Emi, o que ele fez no mesmo instante.

— O que ela respondeu, amor? — indaguei.

— Falou que daqui a pouco dá a resposta.

Eu tinha certeza de que ela daria uma desculpa só para não ir, então resolvi dar uma forcinha.

— Bruno, como já está tudo pronto, quero que vá à casa da Emilly e a traga nem que seja à força. Pode até colocá-la no ombro, mas não permita que diga não. Ela andou brigando com a paquera dela e está um pouco para baixo, não quero deixar que se enfie em mais uma depressão. Proibido retornar sem minha amiga.

— Ok, meu amor, a missão dada será missão cumprida! — respondeu Bruno.



— Emilly, por que não falou no telefone que estava com Alex; eu não teria mandado o Bruno ir buscar você, achei que estava sozinha.

— Ai, amiga, nem te conto, estava tudo indo tão bem entre nós... — disse Emilly tentando desabafar. — Ele entendeu tudo errado. Acho que ouviu o Bruno falar que iria me levar no colo, que estava doido para comer uma gostosa e que só poderia fazer isso comigo.

Tive que gargalhar da cara inocente de minha amiga.

— KKKKK! Desculpa, Emi, mas isso é hilário! KKK!

Emilly, indignada com a falta de maturidade de seu namorado, comentou:

— É, eu sei. Se não estivesse com tanta raiva daquele idiota, eu estaria dando gargalhadas. Como ele pode achar que eu seria tão fácil a ponto de dar liberdade para alguém chegar e já ir me carregando para a cama?

Tentei consolar minha amiga.

— Emi, ele vai perceber a burrada que cometeu e vai ligar.

Emilly, coberta de raiva, respondeu:

— Se ele ligar, vai direto para a caixa postal, porque me recuso a falar com ele.



Qito

“É fraco e depreciativo continuar querendo coisas e não tentar consegui-las.”

Joanna Field

César

Eu havia marcado um encontro com uma mulher que conheci na boate, para a hora do almoço, mas justo nesse momento meu celular tocou. Era Alex, vai ser empata-f... lá longe.

Ele estava muito para baixo e eu precisava encontrá-lo, mas antes de dispensar o mulherão garanti levá-la para almoçar no dia seguinte — e meu almoço seria duplo. Com um sorriso malicioso, eu a coloquei no táxi e fui socorrer meu amigo.

Chegado o dia seguinte, o descarado teve a coragem de me dizer que não vinha para a empresa e, mais uma vez, tive que dispensar aquele pedaço de mau caminho. *A mulher vai achar que nem gosto da fruta*, pensei. Mas,

enfim, não precisava me preocupar com isso, o que não faltava era mulher doida para ir para a minha cama; nada que eu não pudesse remediar essa noite, quando eu poderia ir à desforra.

Almocei no escritório mesmo, para poder adiantar o projeto sobre a reforma do shopping do Rio Centro. O dia foi bem produtivo, nem me dei conta de que estava sozinho na empresa. Apaguei as luzes da minha sala e saí.

Ao chegar ao estacionamento, meu celular tocou e novamente vi aquele número restrito, que até então não havíamos conseguido descobrir de quem era. *Quem é o imbecil que está fazendo essa gracinha?* Já puto da vida, atendi e, novamente, só a respiração. Desliguei o celular. Essa noite não queria me estressar, precisava me distrair.

Fui para casa, tomei um banho e me arrumei. Saí dirigindo sem rumo, mas acabei indo para a boate da Barra, onde Kauã, o filho do Wendel, meu colega da delegacia, estava. O garoto era um amigo muito querido e, quando eu perdia a linha com a bebida, era quem me levava para casa.

Assim que entrei, ele fez sinal, do bar, para que eu me aproximasse.

— E aí, garotão, o que manda? — cumprimentei.

— Fala aí, César, não mando nada, mas olha aquela mulher no canto esquerdo, de vestido vermelho. Vem quase todos os dias aqui e sempre pergunta por você; pela descrição que ela faz, de um homem lindo, cheiroso, com cara de *pegador*, só me veio você em mente.

No mesmo momento gargalhamos com sua descrição.

— Ultimamente só estou *pegando* macarrão — brinquei. — Mas nada o impede de me apresentar a ela. Tenho quase certeza de que é aquela mulher para quem você deu o guardanapo pedindo que escrevesse o número dela.

— Mas você saiu com ela aquela noite, o que mudou? Já está repetindo mulher? Acho que me disse que mulher a gente não pode repetir, ou ela vicia e não larga mais do nosso pé.

Gargalhei com seu ar de espanto.

— Fico feliz que tenha aprendido direitinho a lição de casa, Kauã.

Já com meu uísque na mão, fiz uma saudação para a mulher, que prontamente veio em minha direção; acho que me reconheceu, a boate ainda estava fazendo.

A mulher, toda manhosa, falou: — Oi, delícia, achei que não fosse ter a oportunidade de te rever.

— Tivemos alguns desencontros, mas nada que não possamos recompensar neste momento.

— Então vamos para o meu apartamento — sugeriu ela.

— Fica muito longe? — indaguei.

— Não, antes do final desta mesma rua.

— Adorei a ideia.

Eu me despedi do Kauã com um aceno de mão e saímos. Estava sem meu carro, porque havia saído com intenção de beber, *pegar* todas, e, sempre que era assim, preferia pegar um táxi. Bebida e direção não combinam, como sexo sem preservativo. Nunca iria rolar, pois “o precavido morreu de velho”. Sei que é uma expressão antiga, mas prefiro soar como um velho a parecer um imbecil.

Assim que chegamos ao elevador, antes que eu pensasse em falar alguma coisa, a mulher me atacou. A porta se abriu e, em passadas rápidas, guiou-me até alcançarmos a porta.



Cheguei a minha casa tão exausto que só tomei um banho e caí na cama. Acordei às onze e meia do dia seguinte e, quando liguei o celular, vi que havia centenas de ligações da casa do Alex. Preocupado, retornei.

Dorote foi quem atendeu e me falou que ele havia tido uma recaída, então, embora ela garantisse que agora meu amigo estava bem, achei melhor conferir pessoalmente.

Chegando lá pude constatar que Alex realmente estava bem, já que a Emily já estava cuidando dele. Saí mais despreocupado, sabia que meu amigo estava em boas mãos.



Alex andava com a cabeça nas nuvens por conta dessa paixão, mas eu estava muito feliz por ele ter resgatado algo perdido dentro de si. Ainda assim, essa semana estava sendo osso. Eu tinha tanto pepino para resolver ultimamente e, para acabar de completar meu quadro de azar, teríamos que subir a serra às pressas, devido a um acidente em uma das obras. Teríamos que tentar resolver o prejuízo e ver o pessoal que estava hospitalizado.

O pior de tudo seria aguentar a fúria do Alex, que não admitia erros. Ele andava com os nervos à flor da pele; ficara tanto tempo sem se envolver com alguém que não estava sabendo lidar com os sentimentos. *Fazer o que, temos que enfrentar os problemas.*

Conseguimos chegar à serra antes de a chuva desabar, mas, como já era tarde, deixamos para ir ao hospital pela manhã.

Como não conseguia falar com a namorada, Alex começou a falar sem parar:

— Não posso esperar, César

— Não só pode, como vai.

Alex começou a despejar sobre mim todas as suas frustrações.

— Você fala isso porque nunca se apaixonou na vida, não tem ninguém esperando por você.

Ele falou tudo isso sem medir o quanto estava me ferindo, pois fora o primeiro a me ajudar com uma paixão desenfreada. Porém, por um lado, estava coberto de razão, já que eu realmente não tinha ninguém me esperando. Bem, de qualquer forma, eu não deixaria que isso me ferisse ainda mais.

— É isso mesmo! Você está coberto de razão! Agora vou dar o meu parecer pensando com a razão, com a cabeça de cima, e não com a de baixo, como você tem feito ultimamente. Se nunca me apaixonei ou se não tenho ninguém me esperando, agradeço a nossa empresa e a você. Porque, enquanto meu amigo aqui se entregava às suas paixões, eu me dedicava à empresa, para ela não ir para o buraco.

Alex tentou consertar as coisas, mas já era tarde demais, o estrago já estava feito.

— Desculpe, irmão, estou muito nervoso não tive a intenção de ofender e reconheço sua lealdade para comigo e nossa empresa. Sei que por nossa amizade, durante todos esses anos, você tem anulado sua vida e favorecido a minha, foi mal!

— Foi péssimo! Estou indo jantar, você vem?

Talvez fosse melhor deixá-lo meter os pés pelas mãos, mas eu não era assim e gostava demais dele, o irmão que nunca tive, então tentei ajudá-lo. Jamais o abandonaria, nem mesmo quando ele agia feito um total babaca comigo. Talvez eu fosse masoquista às vezes, porque sempre o perdoava.



Graças a Deus, Alex conseguiu falar com a Emilly. Seu humor não melhorou muito, mas preferi nem saber o motivo, pois tinha que manter a cabeça centrada no trabalho e, por sinal, isso era o que não faltava.

Depois de tudo esclarecido, meu amigo retornou para o Rio e eu precisei ficar mais uns dias.



Nove

“Às vezes o que a gente precisa
é só de um abraço apertado.”

Sofia Almeida

~Alguns meses depois~

César

Se eu não encontrasse o Alex, teria que ir para fora do país e isso não estava em meus planos; já tinha um esquema maravilhoso para o final de semana e não perderia isso por nada nessa vida. Tinha que achar meu amigo de qualquer jeito, mas, que droga, onde esse homem havia se enfiado?

Era sempre assim quando eu precisava falar urgentemente com Alex e não conseguia; sem comunicação com nenhum dos telefones, nem com o

contato da Emilly. Ela não atendia e a Dorote me garantira que Alex estava na casa da namorada. Eles que me desculpassem, mas eu teria que ir até lá.

Assim que cheguei à casa da Emilly, expliquei o motivo de aparecer ali, o fato de não ter conseguido falar e a urgência. Ela, como sempre meiga e atenciosa, deixou-me à vontade e foi chamá-lo. Nesse meio-tempo a campainha tocou por duas vezes e ela gritou, de onde estava, pedindo que eu atendesse quem quer que fosse.

Ao abrir a porta, fui recebido por um vendaval, que a fechou novamente e correu para o interior da sala. Quando consegui sair da névoa confusa em que fora envolvido, percebi que aquela mulher, além de sexy pra caramba, chorava copiosamente.

Em um ímpeto, eu me aproximei e, no mesmo momento, ela me abraçou tão forte que todo o meu corpo se aqueceu. Aquele abraço acendeu uma fagulha que havia muito tempo estava esquecida, seus soluços na curva de meu pescoço me deixando desorientado.

Eu a abracei forte e inalei aquele perfume maravilhoso de lavanda que vinha de seus cabelos, os cachos perfeitos. Mas fiquei me perguntando quem era aquela mulher, o que teria acontecido para ela chorar daquele jeito.

Alex e a namorada chegaram à sala e logo a Emilly a chamou pelo nome. Começou a questioná-la tentando ampará-la, mas a garota não me largava e não conseguia parar de chorar. Meu corpo também não conseguia se separar do dela, eu sentia uma necessidade enorme de a apertar, como se fosse minha.

Nesse momento alguém começou a bater à porta e a tocar a campainha. Emilly foi abrir e um homem irrompeu, todo marrento, metido a gostoso e autoritário. O cara era um verdadeiro poste de músculos ambulante e arrogante.

Emilly pedia-lhe calma e o chamava pelo nome de Bruno, mas, certamente notando a falta de paciência do sujeito com ela, Alex logo se interpôs. O cara estava totalmente transtornado e se direcionou para cima de nós como um foguete.

— Agora não, Emilly, preciso resolver algo com a Bianca — ele disse e ficou estático quando viu a garota nos meus braços. — Ah, então foi por isso que você terminou comigo, já estava trepando com outro, né, sua vadia.

Surpreendendo até a mim mesmo, e sem que ninguém esperasse, com uma agilidade tremenda soltei a Bianca e me joguei em cima do imbecil que desrespeitava aquela mulher; dei-lhe um soco no pau do nariz, e o sangue jorrou na hora.

Alex se enfiou entre nós dois, mas, não sei de onde ela tirou toda aquela voz, Emilly deu um grito tão potente que todos nós paramos e lhe direcionamos o olhar.

— Chega dessa bagunça na minha casa, onde vocês pensam que estão? Bianca, você quer conversar com o Bruno? — e a pobre, sem conseguir falar, sacudiu a cabeça em negativa. — Bruno, quando vocês estiverem calmos, poderão conversar. Vá para casa, deixe a Bianca se acalmar.

— Será que não está vendo que ela me largou por causa desse aí?

— Eles acabaram de se conhecer — Emilly respondeu.

Bianca respirou fundo e, com o dorso das mãos, secou as lágrimas num gesto atrevido e petulante, que a deixava mais linda. Sua pele, além de morena, estava com um bronzeado de tirar o fôlego, uma verdadeira miragem. Eu não conseguia nem processar direito todos os acontecimentos, só passava por minha cabeça aquele bronzeado e o tamanho da marquinha de seu biquíni.

Sacudi a cabeça para afastar os pensamentos insanos e inoportunos, mas não imaginava que o cara que estava querendo bancar o bom-moço

pudesse ser tão crápula, até ouvir o desabafo dela, que respondeu:

— Não viaje, Bruno, deixa de ser um crápula, cafajeste, idiota. Eu te peguei na cama com sua amiga de trabalho... Fui até o distrito, porque estava com saudades; vi o exato momento em que você entrou na viatura com ela e saíram. Peguei um táxi e os segui, esperei vocês subirem e depois subi até seu apartamento, sem que o Sr. Anselmo me visse... Eu estava pressentindo que não iria gostar do que veria, e não me enganei.

— Você está delirando, nunca tive nada com a Samara, sabe que nem posso ter nada com ela — Bruno disse revoltado.

Fiquei olhando para o bombom a minha frente, *ela é um verdadeiro chocolate. Ai, Deus, eu amo comer chocolate!* E pensei no quanto estava ferrado, já que daria tudo para saboreá-la.

Nesse momento sacudi a cabeça, espantado com o pensamento que resolveu divagar em minha mente.

De repente, com o rosto em chamas, ela enfiou a mão na bolsa e achei que fosse tirar uma arma de lá; mulher traída é capaz de qualquer coisa. Fiquei meio desconfiado, tamanha era sua ira e revolta, mas, para meu alívio e surpresa, a garota pegou apenas o celular. Mexeu no aparelho procurando algo e se virou, colocando-o nas mãos da Emilly, que nos mostrou a reprodução de um vídeo.

— Como já imaginava que diria isso, fiz questão de me martirizar um pouco mais — Bianca disse, ainda fungando e secando as lágrimas com as costas das mãos. — Acho que sou masoquista mesmo, gosto de sentir dor, mas podem ter certeza de que foi a última vez que permiti isso. Gravei todo o momento dos dois, até ouvi-los gritar feito animais no cio. Admito que eu estava me torturando ao fazer isso, mas eu sabia que, se não fosse assim, você não iria admitir, porque é baixo, é vil. Seu covarde, não quero saber

nunca mais de você, deixe-me em paz. Olhem para esse vídeo e me digam se estou delirando.

Minha boca não tem filtro, então prontamente respondi:

— Nossa, se isso é delírio, é um delírio bem gostoso, olha os peitinhos dela.

— César! — Alex me repreendeu e, mais do que depressa, eu me toquei da gafe.

Pedi desculpas para a pobre da Bianca, mas a garota nem me olhou. Seus olhos estavam fixos no ex-noivo, enquanto ela repetia que nunca mais na vida queria olhar para ele de novo.

Voltou a chorar e eu corri para consolá-la, havia algo nela que me atraía cada vez mais. Tocá-la e afagar seus cachos era tudo de bom, seu perfume já estava entranhado em mim como a raiz de uma hera que se infiltra por onde cresce. Eu estava me sentindo extasiado com seu aroma e minha vontade era socar a cara do idiota que a estava fazendo sofrer.

Enquanto isso, Alex conversava com o tal Bruno. Pediu a ele que saísse e o aconselhou a esperar Bianca se acalmar, para depois conversarem como dois adultos. Assim ele fez, mas prometeu voltar.

Sentamos os quatro e fomos conversar. Com muito custo a Bianca conseguiu se controlar e parar de chorar.

Pedimos pizza, e o mais engraçado de tudo foi que, quando o pedido chegou, ela começou a gargalhar. Eu não entendia nada enquanto colocava a pizza sobre a mesa, e só depois a Emilly explicou que o tal Bruno não as deixava comprar pizza, pois ele mesmo as fazia.

Como em um passe de mágica, Bianca conseguiu se descontrair e comemos como se nada tivesse acontecido. Conversamos, e ela não tirava os olhos de mim, nem eu dela. Eu até tentava disfarçar, mas era como a mariposa atraída pela luz e a todo instante me pegava em busca de seu

olhar. Estava me chutando por dentro, por não conseguir me controlar; a menina vivendo um caos e eu imaginando em quantas posições poderia admirá-la.

Sacudi a cabeça tentando afastar todos os pensamentos luxuriosos que surgiam a cada fração de segundo e observei a troca de olhares entre Alex e Emily. Logo me ofereci para levar a Bianca para casa, ela aceitou, e sua amiga arqueou uma sobrancelha. Alex fez um arranhar com a garganta, querendo chamar a minha atenção, mas nem dei ouvidos, fingi não notar. Nós nos despedimos e saímos.

Chegando a sua casa, ela me convidou a entrar e me ofereceu um vinho. Sentamos e começamos a conversar. Seu olhar para mim estava penetrante e eu, já cheio de desejo, sabia que nada que saísse dali iria prestar se eu permanecesse mais um segundo naquele lugar.

Levantei-me para ir embora e no mesmo momento ela também se ergueu. Então, ao pegar minha taça, sua mão encostou na minha e o frio na minha barriga reverberou na virilha.

Tomei a taça de suas mãos e deslizei os dedos em sua nuca, puxando-a pela cintura, agarrando-a junto ao meu corpo, para ela sentir como estava mexendo com todos os meus sentidos.

Seu beijo era diferente de todos que eu já havia provado até então; senti desejo e medo, tudo ao mesmo tempo, e nesse momento a soltei. Sabia que estava em uma viagem sem volta, seria como me jogar no fogo com a certeza de ser queimado. Estava me sentindo como se estivesse caindo do trigésimo andar, em queda livre e em câmera lenta, tão grande era o frio em minha barriga. A adrenalina fazia meu coração ferver.

Sem entender nada, dei-lhe as costas, mas ela segurou em minha mão e me deteve. Eu me virei e a olhei, meu peito parecia uma tribo indígena

fazendo um ritual, de tão frenético. Levei a mão até ele, o coração parecia querer saltar, e a voz dela saiu arrastada me pedindo para ficar.

— Tem certeza? — perguntei, pois jamais iria forçar a barra; por isso mesmo estava indo embora, não tinha intenção de me aproveitar dela.

Em resposta, Bianca me puxou para si e começamos a nos beijar.

Diferentemente da primeira vez, não havia urgência. Ela queria impor certa velocidade, mas consegui tomar as rédeas da situação, tornando o contato calmo e lento. Era como se já nos conhecêssemos intimamente e tivéssemos todo o tempo do mundo para nos amarmos.

Nós nos despimos simultaneamente, e eu a amei com veneração, sem nenhum ato calculado, sem me preocupar com o que ela iria achar; simplesmente queria que se sentisse amada, desejada, linda, gostosa, tudo que realmente era e que merecia ser.

Eu a cobri de beijos, permiti minha língua passear por todo o seu corpo, inalei seu perfume e fiquei embriagado por seu cheiro. Perdi-me na curva de seu pescoço e me encontrei em seus seios, descobrindo que nunca em minha vida havia feito amor com nenhuma mulher; acabava de descobrir o significado de fazer amor, de amar e me deixar ser amado.

Nós nos amamos em todos os compartimentos de sua casa e, quando acabamos de tomar sei lá quantos banhos, ela falou que teríamos que ir para a casa da Emily preparar o café, pois não tinha saído para fazer compras, só faria mais tarde.

Por sorte tinha as chaves da casa da amiga.

— Depois do café, vou à praia, passar o dia lá — disse e fez questão de me advertir: — Mas não vá pensando nada... Não é um convite. Só estou dando minha agenda para explicar por que vamos tomar café na casa ao lado.

Apesar do aviso, adorei sua empolgação. Eu estava morto, mas só em olhar para ela sentia as forças revigorarem; já sabia que a praia seria motivo de taquicardia.

Totalmente bronzeada, sem nenhum pudor, ela retirou o roupão e ficou nua na minha frente. Permaneci estático, sentado na beirada da cama.

Bianca sorriu para mim e se abaixou para pegar, numa gaveta do guarda-roupa, um biquíni. Posicionou a parte inferior do traje de banho amarelo no corpo e pediu que eu desse o laço na lateral. Rezei por autocontrole e, quando fui fazer o que me pedia, quase enfartei; a praga do biquíni era um “bendito” fio-dental, e isso turvou todos os meus pensamentos.

Quando ela percebeu o efeito de tudo aquilo em mim, vestiu a saída de praia. Fiquei puto da vida e na mesma hora saí do quarto, não podia falar nada, já que a tinha conhecido no dia anterior e não tinha direito nenhum de proibi-la ou questioná-la.

Quando Alex e Emilly acordaram, já estávamos com a mesa do café da manhã pronta. Eles nos observaram com um olhar cheio de questionamento, mas não estávamos nem aí, não daríamos satisfação de nossos atos.

— Nossa, gostei da animação de vocês dois — comentou Emilly —, será que eu perdi alguma coisa, amiga?

Com um sorriso malicioso, Bianca respondeu: — Claro que não.

Fiquei prestando atenção na conversa das duas e consegui ouvir Bianca responder que tinha acordado bem-disposta, como nunca em toda a sua vida. Isso deixou meu ego bem inflado, pois eu sabia que era o causador de toda essa euforia, e meu sorriso me denunciava. Eu nem conseguia disfarçar o olhar de quem havia aprontado todas.

Antes que tomássemos café, Alex me chamou para conversar. Fez questão de me dizer que não aceitaria brincadeiras com a amiga de sua namorada.

— Todo mundo sabe que seu lema é não repetir a mesma mulher no dia seguinte — lembrou em tom de repreensão.

— Relaxa, Alex! — tirei importância de sua preocupação e prestei continência.



“Aquilo que pedimos aos céus
na maioria das vezes se encontra em nossas mãos.”

William Shakespeare

Bianca

César e Alex foram conversar, e minha amiga me olhou de esquelha.

— Desembucha logo, Emi.

— Não tenho nada para falar, acho que quem deveria dizer algo é você, porque até ontem era noiva do Bruno e hoje acordou com o César... Que foi que eu perdi?

— E quem garante que dormi com o César?

— Não quero pagar de moralista, Bi! Mas não vou suportar ver você sofrer de novo. Essa sua cara deslavada, de quem foi muito bem servida, e a dele de quem está no último céu não me enganam.

— Nossa, Emi! — Gargalhamos. — Amiga, eu estou tão feliz! Nem parece que tive aquela decepção ontem, nem parece que Bruno existiu na minha vida. Quando o Raul me sacaneou, eu amarguei o pior fel da vida. Mesmo quando estava com Bruno, às vezes, eu me recordava dele, mas o tempo foi passando e parou de doer. Dessa vez, foi diferente.

— Diferente? Como assim ? — Emilly questionou.

— Sei lá, acho que estou feito gato escaldado, não vou permitir que outro homem me derrube. Quer saber, deixa pra lá, amiga, vamos tomar café que estou cheia de fome — preferi nem render o assunto, queria era esquecer toda essa história, aquele homem que não me merecia.

— Fico feliz por você, Bi! — Emilly disse e, preocupada, acrescentou: — Só vá com cautela, porque o César, embora seja uma pessoa maravilhosa, nunca se envolveu com ninguém ao ponto de ter um relacionamento. Ele sempre deixa bem claro que não quer compromisso, está acostumado a viver uma vida de noitadas, bem diferente do que você sempre sonhou.

— Eu sei, *my love*! Só que desta vez quem irá curtir a vida serei eu. Cansei de ser passada para trás, não vou esperar por um terceiro que faça a mesma coisa comigo, isso já virou sina; praticamente a mesma coisa é demais para uma só pessoa. Irei *pegar* quem estiver disponível e no momento o homem da vez é o César.

— Espero não ver nenhum dos dois machucados nessa história — ela disse e, quando nos viramos, os dois estavam atrás de nós.



Onze

“Velho jornal levado pelo vento prevê temporal.”

Carlos Seabra

César

Nem parecia que só nos conhecíamos há um mês, parecia uma eternidade. Nesse período nos encontramos algumas vezes e sempre rolava uma química tão grande que acabávamos nos *pegando*; nos últimos dias não foi nada diferente.

Passei a melhor semana da minha vida ao lado desse bombom delicioso e acabei descumprindo uma promessa feita anos atrás, mas por essa mulher eu rasgaria contratos, faria promessas só para tê-la um pouco mais.

Nesse meio-tempo, acabei descobrindo que poderia voltar a ter um relacionamento normal com uma mulher, depois de tantos anos. Depois do

que a Madalena havia feito comigo, eu nunca mais tinha *ficado* duas vezes com a mesma mulher, até conhecer a Bianca. Só pensava em levá-la para a cama, e com isso desfazia a promessa de não repetir mulher.

Parecia que o perfume dela estava entranhado em minha pele, enquanto eu lutava contra essa necessidade de tê-la. Ela era toda gostosa, linda, amorosa, gentil, educada... Tinha um gênio terrível, ciumenta ao extremo, mas, ao mesmo tempo que era tão transparente, comportava-se de modo contraditório.

Eu intuía que havia algo oculto, algo que ela não deixava ver. Talvez sentisse vergonha de seu passado assim como eu, que tinha medo do julgamento das pessoas, de parecer um verdadeiro babaca e infeliz. Resolvi lhe dar um tempo para se abrir, mas não queria pensar sobre isso naquele momento, porque aquela linda mulher me dera a melhor semana da minha vida e eu precisava, de alguma forma, retribuir. Queria que ela soubesse o quanto estava me fazendo feliz.

~Três meses depois~

Alex me ligou comunicando que precisava ir para New York, resolver alguns problemas com a Emilly, e, como eu estava sozinho para cuidar de tudo, só me restavam as noites para ver a Bianca. Isso se ela estivesse a fim, o que não acontecia sempre.

Eu vinha tentando fazer as coisas da maneira dela, mas era muito complicado. No último encontro, achei que estávamos evoluindo, mas acabamos nos desentendendo e ela me pediu um tempo para esfriar a cabeça.

Estou respeitando seu pedido, mas também estou a ponto de enfartar. Nunca pensei que, depois de uma desilusão sem tamanho, alguém pudesse me fazer repensar.



Fui convidado para uma rodada de pizza na casa da Emilly e, quando cheguei à casa dela, Bianca já estava lá. Eu não me surpreendi, pois já desconfiava de alguma armação daqueles dois. Eles viviam tentando nos unir, mas a Bianca não colaborava, fazia questão de me ignorar.

Como sempre eu tentava fazê-la me enxergar, fiquei jogando um charminho e acabamos passando a noite toda entre palavras não ditas. Conseguimos nos distrair e dar boas gargalhadas, acabamos esquecendo nossas diferenças, e eu a acompanhei até sua casa. Como sempre que estávamos juntos, a eletricidade era intensa demais e acabamos não resistindo.

Acordei de madrugada em seus braços, e ela despertou pedindo que eu fosse para minha casa. Como sempre, eu fazia tudo o que Bianca me pedia e, embora minha vontade fosse ficar, aquiesci.

No dia seguinte eu a convidei para ir ao cinema e Bianca aceitou, passamos uma noite maravilhosa e, por conseguinte, umas semanas de tirar o fôlego.

Alex e Emilly foram para Minas Gerais aproveitar o feriado e eu fiquei rezando para Bianca não desistir de ir comigo para um festival de vinhos em Petrópolis. Por fim conseguimos ir, mas não pudemos ficar por muito tempo, pois Alex me ligou comunicando sobre um novo membro na

família, avisando que eu teria que *me virar nos trinta* para dar conta de aprontar, em tempo recorde, um quarto de princesa.

Pelo que eu havia entendido, estavam adotando uma garotinha e meu coração já estava comprimido de paixão, *amo crianças*.

Tivemos que voltar mais rápido do que o previsto, ela aceitou *de boa* e já estava ansiosa para segurar a bebezinha; não parava de falar nisso.

O pouco tempo que passamos juntos foi intenso e marcante, cada momento ao lado dela era como se o meu coração fosse um quebra-cabeça e cada parte dela se encaixasse na minha vida. Mas, como alegria de pobre dura pouco, acabei tendo um ataque de ciúmes e mais uma vez ela me colocou para escanteio; não queria falar comigo.



Doze

“Me acalma num olhar como ninguém
Me faz sentir tão bem
Me faz sentir seu bem

Quando me toca me ganha”
Você Tem a Minha Cara, Henrique e Diego

Bianca

César era um idiota completo, eu cheia de amores e ele preocupado com o carinha da entrega, só porque meu short era curto. Vê se pode, achar que tem direito de regular o tamanho da roupa que eu uso! Ele que arranjasse uma mulher obediente com quem ser machista, porque estava para nascer aquele que ditaria as regras em minha vida.

Já estava chegando à casa do Alex quando meu telefone tocou e vi que era de um número restrito. Minha curiosidade não iria deixar passar isso e,

achando que era o César — se fosse ele, iria ouvir poucas e boas —, atendi. Mas, para minha surpresa, embora a voz fosse masculina, não era conhecida.

Sem se identificar, o homem falou que estava doido para me conhecer pessoalmente, que me achava muito linda, pelas fotos que via, e logo meu sangue subiu. Como o César podia ser tão infantil a ponto de ficar fazendo esse tipo de gracinha? Só poderia ser ele esperando para ver se eu cairia na lãbia de outro homem. *Deixa estar, ele vai me pagar.*

Sem mais nem menos, desliguei, e a pessoa não voltou a ligar.

Quando entrei na casa da Emilly, meu coração não estava preparado para ver aquela coisinha tão linda em seus braços e, para completar, ela me confessou que eu seria a madrinha. Chorei feito criança, inundada por todos os sentimentos conflitantes que estava vivendo ultimamente e por mais esse novo amor chamado Larissa.

— Deixe-me pegar minha afilhada no colo. Sabe que a madrinha te ama muito, não sabe? Vim aqui só para te ver, porque, se não fosse assim, nem pisaria aqui, só para não encontrar o imbecil do César. Você não sabe quem é o César, né? Ele é um chato e vai querer te obrigar a chamá-lo de tio. Mas a *dinda* vai te ensinar a chamá-lo de chato, porque é isso o que ele é.

Enquanto eu conversava com a bebê, percebi que minha amiga me olhava intensamente e soube que eu não estava conseguindo disfarçar a tristeza no fundo dos olhos, mesmo dando pulos de alegria.

— Emilly, ela é muito linda, e é incrível como se parece com o Alex. Tem a cor dos olhos dele, mas o nariz é exatamente igual ao seu, e a boca também, parece que foi encomendada para os dois.

— É, ela é nosso presente.

Antes que eu pudesse sair, Alex e o amigo entraram fazendo a maior farra, César cheio de presentes, como se a Lari já soubesse brincar e abrir todos aqueles embrulhos. Homens e seus exageros...

Não suportando olhá-lo, fui embora.

~Sete meses depois~

Quando estava saindo do banho, recebi uma ligação do Alex dizendo que estava indo para a emergência com a Emilly, pois ela não estava se sentindo bem, e meu coração logo ficou acelerado. Corri para lá e, ao chegar, César já andava de um lado para o outro. Eu o cumprimentei.

Ele me olhava de forma intensa, mas nada falou, então percebi que estava com o semblante abatido.

Emilly fez todos os exames necessários e, graças a Deus, estava tudo bem com ela e com os bebês. Isso mesmo, “os”, pois ela estava grávida de gêmeos, dois pontinhos se desenvolvendo em perfeito estado.

Senti meu coração se aquecer na hora que recebemos a notícia, e César não teve vergonha de demonstrar seus sentimentos me abraçando e deixando uma lágrima correr por seu rosto.

Depois que chegamos à casa de Alex, ele nos levou, eu e o César, para o escritório, com o intuito de conversar sobre o casamento. Queria fazer o pedido e para isso precisava de nossa ajuda, então nos deu a “missão impossível”.

Na quinta-feira fomos para uma fazenda, eu, César, Alex e a Emilly. Curtimos com nossa afilhada, embora estivéssemos *bicudinhos*, não deixamos que isso fosse um problema.

Nosso maior inimigo era a relutância em dar o braço a torcer, reconhecer quem estava errado, preferíamos ficar nos machucando cada dia mais com essas nossas birras.

Pior foi ter que ir no carro com o César, enquanto cumpríamos a missão de levar a Emilly e passar pelos pontos onde estavam os *outdoors* com o pedido de casamento do Alex. A emoção, no entanto, foi tomando conta do meu coração, era o pedido de casamento mais lindo que eu já havia visto em toda a minha vida.

Quando já estávamos na residência dos pombinhos, as emoções continuaram e, não aguentando aquele clima de amor, olhei para o César. Ele estava ao meu lado, com olhos de gavião em cima de mim, e me puxou para seus braços, amparando-me, como se soubesse o que se passava dentro de mim.

Ele não sabia, mas eu não parava de ruminar as palavras de minha amiga, que, durante o tempo em que estivemos na fazenda, tentara me conscientizar do quanto vínhamos sendo infantis, pois para ela nós só perdíamos um tempo precioso com isso.



Estávamos na casa da Emilly, que oferecia um jantar para fazer a despedida de solteiros, e César tinha ido ao aeroporto buscar a *vaca* da Alana. Como sempre já chegou jogando piadinha e, na mesma hora, pedi licença, saindo da mesa.

Emilly rapidamente se levantou e veio atrás de mim.

— Ei, mocinha, aonde pensa que vai?

— Emilly, não quero estragar seu jantar com sua cunhadinha, mas é demais para minha cabeça ficar assistindo a essa oferecida se jogando para o César e ele se sentindo “o cara”.

— Amiga, você é linda, e o César está louco por você, pare de ver chifre na cabeça de bode.

— Emilly, você deve estar cega, esses dois não param de sorrir, vai saber o que aconteceu do aeroporto até aqui...

— Para, Bi, você é melhor que isso, nunca a vi se rebaixar, e não será agora que verei. Dê a volta por cima e mostre para ela que é você quem o César quer, não dê brechas para ela entrar em seu caminho.

— Não sei se é isso que eu quero, Emilly.

— Se não sabe o que quer, então não empate a vida dele, deixe-o ser feliz.

— Nossa, Emilly, você quer que o César fique com sua cunhada, é?

— Não, só quero que vocês decidam o que querem, já estou farta dessa birra dos dois.

Virou as costas, saiu e, quando percebi, César estava atrás de mim.

— Está tudo bem, Bianca? — perguntou.

— Está, sim, lembrei que precisava dar um telefonema, por isso me retirei da mesa.

— Sério, foi só isso?

— Sim, só isso.

— Então é melhor você e a Emilly combinarem o que vão falar, para não caírem em contradição, pois sua amiga acabou de dizer que estava indisposta. Em quem devo acreditar?

Engoli em seco, mas não daria esse gostinho a ele.

— Você não precisa se incomodar comigo, acho que já tem muitas coisas com que se preocupar, não acha?



Com a cara mais cínica do mundo, Emilly pediu ao César que me levasse para casa. Fiquei brava, mas ela deu de ombros, então, após muito relutar, fui vencida pelo cansaço e deixei-o me acompanhar.

Ele se comportou como um homem verdadeiramente decente, não tentou nada e tampouco falou sobre nós. O tempo todo, no trajeto até minha casa, só conversou sobre a empolgação dos noivos com o casamento.

Assim que ligou o som do carro, começou a soar alto a música *Eu era*, de Marcos e Belutti, que tanto amo, e fiquei imaginando que ele realmente poderia ser essa pessoa.



Treze

“Aí você escolhe a melhor roupa
Aí você arruma o seu cabelo
E sai com aquela sua amiga louca
Que diz que o bom da vida é ser solteiro

Me diz se adiantou alguma coisa
Procurar alívio passageiro
Beijar umas quatro ou cinco bocas
Com beijos que não têm gosto de beijo.”
Eu era, Marcos e Belutti

Bianca

O tempo todo, enquanto posicionava os padrinhos, eu sentia o olhar do César me secando. Acabei me irritando com ele.

— Será que pode largar do meu pé, César?! Desde a hora em que a festa começou, você não me larga, já espantou todos os homens que chegam

perto de mim. Arrume uma bendita mulher, é coisa que não falta neste casamento... Melhor ainda, vá perturbar a irmã do Alex, ela não tira os olhos de você, está te comendo com os olhos.

Meio irritado, César respondeu rispidamente:

— Pode parar, que já expliquei que nunca tive nada com Alana e nem nunca terei; ela é como uma irmã pra mim. Alex me aceitou de braços abertos quando cheguei ao Rio e foi a primeira pessoa que me amou de verdade. Pela amizade que temos, eu jamais chegaria perto dela com segundas intenções, então, por favor, não crie cenas nessa sua cabecinha. E vamos parar de conversa fiada, que vou te levar para seu chalé.

— Não precisa se preocupar, o Ricardo irá me levar. Pode curtir sua noite.

— Como assim, quem é esse Ricardo? — questionou intrigado.

— É aquele ruivo gostoso que está vindo em nossa direção — eu disse me divertindo à custa do pobre coitado.

— Olá! Boa noite, tudo bem por aqui? — Ricardo perguntou.

— Tudo, e você, Rick, como está? — respondi.

— Melhor agora, que terei o prazer de levá-la para casa, ou aonde quiser.

Com o rosto em um rubor só, César bufava mais que touro vendo um pano vermelho, doido para jogar um certo alguém para longe da arena.

— Deixe-me dar só um aviso ao casal — César nos interpelou. — Caso a Bianca não se recorde, eu garanti a Emilly e ao meu amigo que eles poderiam sair despreocupados, que eu a deixaria a salvo no chalé. Não costumo falhar com minhas promessas, portanto, se tiverem feito algum plano para hoje, é melhor deixarem para outro dia.

— Você só pode estar de sacanagem com minha cara! — eu disse, indignada. — Não é possível, estou muito crescidinha para saber aonde ir

ou com quem ir, não acha, não, Sr. César?

Todo dono de si e com um ar de superioridade, ele respondeu:

— Não! Não acho, não!

— Vocês dois podem decidir aonde vamos — Ricardo se interpôs, doido para aproveitar a noite. — A festa ainda está rolando e preciso garantir minha noite — dito isso, ficou aguardando a resposta.

César parecia puto pela forma grosseira como o outro se dirigira a mim; louco para se ver livre de Ricardo, que, aparentemente, já estava lhe provocando asco. Tinha as sobrancelhas arqueadas, um vinco entre elas, quando o ruivo terminou de falar.

Eu já sabia que César jogaria aquela frase em minha face: “Ricardo não estava se importando com a companhia, e sim em ter uma mulher para levar para a cama.” Mas, certamente não querendo estragar o fim de festa do amigo, respirou fundo e falou:

— Então, Ricardo! É esse seu nome, não é mesmo? Pode ir cuidar da sua noite, porque a Bianca já está com a dela garantida.

Sem questionar, o infeliz beijou o meu rosto e saiu.

— É esse tipo de homem que você quer, é de crápulas que você gosta e de que precisa? Se é só para te dar prazer e largar na cama, isso também posso fazer.

Fiquei tão envergonhada que não consegui responder. Eu só tinha pedido ao Ricardo que me acompanhasse até o chalé para não estragar a noite do César, e agora fazia papel de idiota. Embora não tivesse largado do meu pé a noite inteira, ele contava com um verdadeiro harém. A mulherada se jogava o tempo inteiro para cima dele, o que estava me deixando com muita raiva.

Saí igual a um foguete, não daria a ele o gosto de me ver chorar. Não estava aguentando o peso de suas palavras gritando dentro de mim; embora

fossem duras, eram a mais pura verdade.



Quatorze

“O curso do amor verdadeiro
nunca fluiu suavemente.”
William Shakespeare

César

Quando ela baixou a cabeça e saiu como uma doida em direção ao estacionamento, eu sabia que tinha sido duro. Algumas vezes Bianca não pensava, e eu acabava perdendo o controle, mas tinha prometido aos meus amigos cuidar dela e não iria deixar um idiota como aquele se aproveitar de sua boa-fé.

Abri a porta do carro e ela entrou, sem dizer nenhuma palavra. Tomei meu assento e dei partida quando o relógio já marcava três horas da madrugada. Então seguimos em silêncio total pelas ruas e logo chegamos ao haras. Abri a porta do carro para ela e percebi que se encolhia de frio.

Bianca tentou se esquivar, mas a cobri com o paletó do meu terno, o que ela aceitou sem esboçar nenhum gesto.

Caminhamos lado a lado.

Ela abriu a porta do chalé, colocou meu paletó em uma poltrona, próximo à entrada, e se dirigiu ao banheiro, fechando a porta em seguida. Fiquei tentado a bater, mas preferi respeitar seu momento. Sabia que estava magoada comigo e eu estava me chutando mentalmente por dentro, pela forma rude com que havia deixado meu ego falar mais alto.

Depois de uma hora em pé perto do banheiro, ouvi um ruído na porta.

Bianca a abriu e se assustou ao me encontrar ali, de prontidão. Tinha o rosto vermelho e inchado de tanto chorar.

Trocamos algumas palavras e ela tentou me dispensar, mas eu me opus, duvidando que ela estivesse mesmo bem.

Fiquei tentado a abraçá-la e me contive enquanto ela tentava se afastar, mas por fim estendi um braço para detê-la. Quando as mãos se tocaram, uma eletricidade percorreu todo o meu corpo. Era algo inexplicável; todas as vezes que nos encostávamos, gerávamos faíscas, fosse por tensão ou confusão. Eu me sentia estranho, embora fosse algo bom, uma sensação que nunca havia experimentado.

Bianca, que sempre se mostrava tão forte e decidida, encostou a cabeça em meu peito, deixando-se ver fragilizada e entregue em minha frente. Isso revolveu algo dentro de mim, eu a abracei, e seus cabelos, presos naquele coque desarrumado habitual, roçaram minha pele. Inalei seu perfume e soltei-os desfazendo o penteado.

Ela me olhou com aqueles olhos cor de mel, os mais meigos que já vi, como quem pede um doce sem usar palavras. Roci meus lábios nos dela e afaguei seus cabelos com o dorso da mão, descendo para acariciar seu rosto.

E, como um gatinho que pede carinho, Bianca roçou a face em minha palma.

— Você é muito linda, desculpe-me por ser tão babaca e insensível.

Ela colocou o dedo nos meus lábios me silenciando.

— Shiii! Pare de falar e me beije, César!

Não perdi tempo, estava a ponto de explodir desde o dia em que tinha ficado com ela pela primeira vez. Já estava até me acostumando a esse jeito “duro na queda” que ela tinha, nem sequer conseguia sair com outras mulheres; eu até tentava, mas não conseguia.

Invadi sua boca com avidez, como se estivéssemos prestes a sucumbir de tanto desejo. Espalmei as mãos em suas costas, doido para sentir sua pele, mas aquele roupão peludo que ela usava me impedia o acesso a sua pele. Eu estava louco de desejo.

— Meu bombom, se não me parar agora, não conseguirei parar depois.

— E quem disse que eu quero que pare, eu quero você.

— Só em pensar, eu já estava queimando por dentro.

Na mesma hora abri e retirei seu robe, deixando-o cair no chão. Sem perder o contato visual, começamos a nos beijar novamente, um beijo voraz e sedento. Nesse momento alisei todo o seu corpo e, para meu desespero, ela estava completamente nua. Com a cabeça latejando de tanto desejo, desci pelo seu corpo traçando uma trilha úmida com os lábios. Parei entre seus seios e deposei beijos, descendo até atingir seu centro, onde usei a língua com maestria.

Ouvi Bianca gritar meu nome com desejo, enquanto puxava meus cabelos e gemia um “por favor”, que estava me deixando alucinado; *ela é muito gostosa*. Então percebi que eu ainda estava vestido e ela me ajudou a me despir.

Voltamos a nos beijar — Bianca queria me puxar para a cama, mas não saí do lugar. A parede espelhada atrás dela estava me dando uma visão perfeita de todo o seu corpo bronzeado e aquilo estava me matando.

Ela gemeu e mordiscou o lóbulo de minha orelha. Quando a puxei me posicionando nela, rapidamente cruzou as pernas ao meu redor e a penetrei com força. Não conseguiria mais esperar.

A única luz vinha da lareira e, enquanto os gravetos estalavam, eu tinha a visão perfeita da silhueta feminina pelo espelho. Cada vez mais me sentia aceso, até que chegamos juntos ao ápice.

Ainda com ela em meu colo, eu a deposei sobre a cama e ficamos agarradinhos nos beijando, até que nossa respiração voltasse a se acalmar. Fiquei acariciando suas costas com as mãos e ela não parava de me beijar.

Tomamos banho juntos, pedi um vinho e nos sentamos junto à lareira. Ficamos namorando sobre o tapete, enquanto combinávamos de tomar café juntos. Em seguida fui ao meu chalé, para me trocar.

Quando já estava vestido, bateram à porta e fui atender. Era Alana, que vinha entregar as chaves da casa do Alex, já que eu teria que fazer uma surpresa para quando eles retornassem da lua de mel.

Entrei para guardar o chaveiro e, nesse mesmo instante, ela entrou atrás de mim, fechando a porta. Comuniquei que precisávamos ir, que eu teria que pegar a Bianca para tomarmos café, e assim saímos, exatamente quando a mulher com quem eu passara a noite se preparava para bater à porta.



Quinze

“Bem lá em cima ou lá embaixo
Quando você está apaixonado demais para desistir
Mas, se você nunca tentar, nunca saberá
Exatamente qual é o seu valor.”
Fix you, Coldplay

Bianca

Ao olhar para ele, de pé à porta do banheiro, tomei um susto, achava que a essa altura César já havia retornado para seu chalé. Estava lindo, com o cabelo todo bagunçado de quem puxou todos os fios, e me perdi em pensamentos, com vontade de terminar de bagunçá-los. Sabia que não deveria, mas estava imaginando quanta coisa poderíamos estar fazendo nessas horas; melhor ainda, naquela cama, aquele lugar era perfeito.

— César, você me assustou, achei que já tivesse ido embora — fui falando e me encaminhando em direção à cama.

Só parei quando mãos fortes me detiveram, tocando em meus ombros e me virando para ele com força.

— Sabe que eu não sairia daqui sem ter certeza de que estava bem, não sabe?

— Mas agora já verificou, então pode ir.

— Ainda tenho minhas dúvidas.

Tentei sair e ele segurou minha mão. Nesse momento sucumbi e inclinei o torso em sua direção, até sentir o calor de seu peito junto ao meu corpo. Meus cabelos se soltaram enquanto ele me acariciava, e elevei a cabeça, encontrando seus olhos, o afago suave de seus dedos deslizando em meu rosto.

O roçar de lábios foi suave...

— Você é muito linda, desculpe-me por ser tão babaca e insensível — pediu e eu me derreti, repousando um dedo em seus lábios.

— Shhhh! Pare de falar e me beije, César!

Ele me obedeceu e invadiu meus lábios com voracidade, como se estivesse em um incêndio e seu corpo estivesse em chamas; como se eu fosse seu extintor, algo necessário. Um beijo desesperado, todo meu corpo tremia. Éramos nós dois com urgências e dependência um do outro, como da primeira vez que me havia jogado nele, quando César tinha me salvado do Bruno. Eu sabia que não deveríamos, mas foi mais forte do que pudéssemos esperar.

Quando ele me despiu do robe, meus sentidos já estavam uma bagunça só e, quando segurou meus joelhos e os afastou, posicionando-se no meio de minhas pernas, eu já estava totalmente rendida. Sua língua fez movimentos de malabarismo, e eu vibrava a cada sensação. No momento em que meu corpo convulsionou, senti-o flutuar com tantas novas

experiências e explodi em êxtase, gritando seu nome, os olhos do César em brasas vivas.

— Preciso estar dentro de você, Bianca!

Meu corpo gritava de desejo por esse homem. Senti seu membro pressionando minha entrada e, conforme seu corpo ditava os movimentos, ele alcançava minha boca. Com um beijo cheio de desejos, como se eu fosse fugir, César me segurou com força e me preencheu por inteiro.

— Porra! — ele gemeu. — Bombom, você é muito gostosa.

E assim prosseguiu, deslizando lentamente e falando palavras que eu já não conseguia decifrar. Minha respiração estava mais do que acelerada, ele me preenchendo, quando cravei as unhas em suas costas, mostrando meu desespero. Cada vez mais elevava o quadril, o prazer crescia e ele aprofundava o beijo, ambos do avesso, convulsionando de prazer.

— Bianca... Bianca — repetia enquanto seu corpo era atravessado por espasmos.

Um rosnado se arrastou por sua garganta, um gemido alto, suas mãos ainda percorrendo todo o meu corpo. Nem o frio que fazia naquele lugar era capaz de amenizar o calor do atrito dos corpos tomados de suor, e nos derretemos cada vez mais, entre mais beijos.

César deslizou para fora de mim e me puxou para a cama, aconchegando-me em seus braços; nem sei como ele conseguiu ficar de pé comigo no colo esse tempo todo.

Eu tive que confessar o quanto foi bom e, com um sorriso bobo no rosto, César teve que concordar.

Após uns instantes de descanso, ele me ergueu nos braços e tomamos um banho de banheira. Foi inevitável me render ao apelo da sua pele me tocando junto ao vapor quente, ao perfume dos sais de banho que preenchia

o ar, e, quando me dei conta, já estávamos mais uma vez entregues ao desejo, à paixão.

O beijo se intensificava enquanto eu o cavalgava e ele grunhia de satisfação. Nosso corpo fervia de prazer, a água quente não chegava nem perto da quentura que exalavam nossos poros em ebulição, e eu já estava entorpecida pelas ondas de êxtase que consumiam nossa alma.



Dezesseis

“Ninguém disse que era fácil
É uma pena nós nos separarmos
Ninguém disse que era fácil
Ninguém jamais disse
que seria tão difícil assim
Eu estou indo de volta para o começo.”
The Scientist, Coldplay

Bianca

Passar a noite com o César mexeu com meu coração. Desde o dia em que ele me envolveu em seus braços, na casa da Emilly, não conseguia esquecê-lo, mas essa noite ele fora mais carinhoso do que nunca.

Talvez eu que estivesse carente demais. Não queria me envolver, mas a emoção de estar com ele era mais forte que eu; simplesmente não conseguia me esquivar de seu contato. Ele era lindo, perfumado, gostoso e

quente como um vulcão, eu não era capaz de prever o dia em que teria um pouco de amor-próprio e colocaria a dignidade na frente de meus desejos insanos.

Passou a madrugada toda comigo e, mal foi para seu chalé, já estava com aquela insossa da Alana. *Branquela insuportável, detesto aquele ar de superioridade que ela tem quando me olha; seu olhar me diz que já foi para a cama com o César e que ele me omite esse fato.* Como se isso fosse mudar alguma coisa entre nós.

Já havia desligado o celular, não queria ouvir seus desaforos. Quando o vi com a Alana, entrei, juntei todas as minhas coisas e chamei um táxi, partindo em seguida. Não queria ficar aguardando mais um monte de mentiras — todos mentem, ele não era uma exceção, com aquela cara de *pegador* dos infernos.

Só em pensar nisso, porém, meu corpo inteiro se eriçava, como quando ele respirava perto de mim; era constrangedor, eu me sentia molhada na hora. Essa droga de corpo que me traía a todo instante quando essa tentação chegava perto de mim... Até quando estava distante, bastava que ele me olhasse e eu sentia como se me despisse.

Sacudi a cabeça para espantar os pensamentos deliciosos, com aquele homem delícia mas cafajeste. Precisava ficar longe, estava decidida a não atender a nenhuma ligação dele.

Quando meu telefone tocou, no entanto, corri para atender sem nem verificar o número, mas, para minha surpresa e decepção era o meu “*serial killer*” — *que ele nunca saiba que o chamo desse jeito.*

É como se ele adivinhasse que estou sozinha sempre que me liga... Será que deveria me preocupar com essas ligações?

Às vezes eu sentia medo, mas ele tinha uma conversa tão boa e parecia ser uma pessoa tão carente... Nunca me faltava com o respeito, portanto eu

não via problema em conversar com ele.

Atendi à ligação e conversamos por um longo tempo. Quando desliguei, fiquei mais pensativa do que já me encontrava; conversar com esse meu “amigo oculto” fazia, de alguma forma, que esquecesse a loucura que era minha vida com o César.

Negando-me a pensar nesse nome novamente, fui para o banho.

Na semana seguinte, César apareceu e quase colocou a porta abaixo, mas fingi que não estava em casa, não abri a porta. Mais tarde, no entanto, quando a campainha tocou pensei que fosse alguém do mercado, já que havia feito um pedido, e resolvi abrir. Acabava de sair do banho, estava ainda de toalha.

Corri, peguei uma blusa comprida e me vesti, apressando-me para atender à porta. Para minha surpresa, dei de cara com o homem mais bravo da face da Terra.

— Até que enfim, conseguiu chegar em casa, já estive aqui três vezes e você não me atendeu.

— César, vá embora, não tenho satisfação nenhuma para te dar; sou livre e desimpedida, justamente para não dar a ninguém o direito de ficar regulando meus passos.

Ele arqueou as sobrancelhas, abriu a boca para falar alguma coisa, mas no mesmo instante a fechou. César se assustou ao ouvir o entregador atrás dele.

— Oi, Dona Bianca, desculpe a demora, mas o mercado está muito movimentado hoje.

— Tudo bem, Pedrinho, vou pegar seu dinheiro. — Fui até meu quarto e, para minha surpresa, ao retornar encontrei César na sala, sentado no sofá. — Cadê o Pedrinho e minhas compras? — perguntei.

— O rapaz já foi, você o ouviu dizer que estava com pressa, e sua caixa com as compras está na cozinha — César respondeu.

— Mas eu preciso pagar as compras.

— Não se preocupe, eu já paguei.

— Como assim, já pagou? Por que fez isso?

Ele me ignorou mudando de assunto e nem sequer deu importância para meus questionamentos.

— Você costuma atender à porta assim, sem roupa?

— Está louco, César? Esta blusa no meu corpo agora é o quê?

— Para mim não é nada, consigo ver perfeitamente que não está usando nada por baixo dela.

— Isso porque você é um enxerido, filho de uma boa mãe. Não tem o que fazer e vem aqui para me amolar, como se eu já não estivesse cheia de coisas na cabeça — dito isso, fiquei me xingando mentalmente; ele não precisava saber que eu já estava fervendo por sua causa.

Antes mesmo que eu pudesse concluir meu raciocínio, ele já estava com as mãos em minha cintura e me imprensando contra a parede, possuindo a minha boca com fúria e desejo. Eu queria ser forte e pedir que me largasse, que parasse, mas o máximo que saía da minha boca era “não para, não”.

Com toda a agilidade do mundo, tirou minha blusa e atirou para o lado, posicionou a mão esquerda em minha nuca e roçou a língua em meus lábios. Com a mão direita livre, alisou a extensão do meu corpo, até alcançar o lado interno de minha coxa e apertar com força, tirando de mim um gemido abafado.



Dezessete

“Somos fragmentos do mesmo arco-íris
Você vê o mundo pela minha íris
E eu converso e canto
Pela sua voz.”
Ed Britto e Samuel

César

Passei a semana inteira tentando falar com Bianca, mas ela não me atendeu. Também a procurei em casa, e nada. Sabia que ela estava se escondendo de mim, e mais tarde saí decidido a confrontá-la a qualquer custo.

Quando toquei a campainha, escutei seus passos e nem acreditei que ela iria me atender, mas, para minha surpresa, foi o que aconteceu.

Estava linda, descalça e com aqueles cabelos encaracolados que tanto amo soltos. Usava uma blusa de malha branca onde se lia: “Se veio foder

meu juízo, dê o fora, se veio me amar, ame até o próximo ano se findar.”

Tive vontade de rir, até a roupa que ela usava era abusada, e fiquei duro só em olhar para aquela blusa; o sol incidia na malha dando a visão perfeita do tronco de Bianca, e não havia sutiã.

Quando foi buscar o dinheiro para pagar o entregador, que chegara logo depois de mim, deu para notar que ela não estava usando calcinha. Que vontade de dar uns tapas naquele traseiro, como pôde vir atender à porta naqueles trajes?

Na mesma hora paguei o moleque, que estava babando com a visão linda da minha mulher — disse minha porque ela era, embora ainda não soubesse. Minha.

Peguei as compras, fechei a porta e levei para a cozinha, sentando-me em seguida na sala.

Ao voltar, ela parou perto da parede e eu só conseguia me imaginar espremendo-a ali mesmo.

Com esse pensamento, sem dar-lhe chance de fugir de mim, fiquei de pé e fui até ela. Segurei sua nuca e a beijei com fome, desejo. Tirei sua blusa, mordi seu ombro nu e me delicieei com ela, totalmente nua, na minha frente. Alisei sua pele até alcançar seu centro encharcado e gemi em sua boca. Naquele momento eu a tinha totalmente rendida em meus braços, gemendo e gritando alto meu nome.

Um sorriso bobo se desenhou em meu rosto, por tê-la feito gozar com meu toque. Virei-a de costas e espalmei suas mãos contra a parede, enquanto abria minha calça. Segurei seus cabelos e, em uma velocidade descomunal, penetrei-a.

Que mulher gostosa! Chupei seu pescoço e mordisquei o lóbulo de sua orelha, com remetidas implacáveis, enquanto ela gritava meu nome em doce agonia.

Gozamos juntos e lentamente a virei, possuí com desejo sua boca. Nossos olhos se cruzaram e ela apontou para baixo com um sorriso malicioso no rosto. Percebi que estava todo vestido, só o membro para fora, e rimos juntos.

— É você que me faz perder a cabeça.

Nesse momento ela gargalhou e ficou num rubor indescritível, tudo nela era encantador.

Dei um beijinho casto em seus lábios e fui ao banheiro. Ao retornar, encontrei Bianca na cozinha e um aroma maravilhoso me recebeu. Ela estava preparando um café, e eu a abracei por trás. Notei que seus pelos se eriçavam, coloquei seu cabelo para o lado e inalei seu perfume, que me deixava atordado.

Nós nos sentamos e tomamos café. Aproveitamos e combinamos de ir, no dia seguinte, arrumar a casa do Alex para dar-lhes as boas-vindas.

Nesse momento meu telefone tocou.

— Alô! Caramba, Mel, perdão, eu tive um imprevisto. Não saia daí, em quinze minutos chegarei. Não, não faça isso, querida, irei recompensá-la muito bem. Tenho certeza de que vai amar o que está reservado para você, juro que estarei aí em quinze minutos. — Desliguei e me dirigi a Bianca: — Meu bombom, preciso sair, esqueci completamente que havia marcado com a Mel, e ela está há uma hora me aguardando, vai arrancar minha cabeça fora.

— Vá lá, não vai deixar a Melzinha esperando, né?

Eu me aproximei para dar um beijo nela, mas Bianca se esquivou. Não entendi, mas também não poderia parar para questioná-la, pois estava muito atrasado e, se não aprontasse o quarto do Alex, já poderia me considerar um homem morto. A decoração do seu quarto fora o detalhe mais recomendado, ele queria fazer uma surpresa para a esposa.



— Mel, perdão, eu estava com minha namorada e acabei perdendo a hora.

— E desde quando você tem namorada, César?

— Assim você magoa meu coração, Melzinha.

— César, se os meninos ouvirem você me chamando de Melzinha, você vai sentir o peso da minha mão.

— Nossa, dá para me dizer quando virou macho, Melzinha?

— César! Passam anos e você não deixa de ser escroto, né? Só você e o Alex sabem na empresa da minha orientação sexual, para todo o resto eu sou o Carlos, e é assim que espero que permaneça, não quero me tornar piada para ninguém.

— Alguém lá paga suas contas para que você tenha tanto medo e viva se escondendo?

— Não, mas prefiro desse jeito.

— Ok! Não está mais aqui quem brincou; sua sexualidade, sua vida.

— *Bora* acabar logo com isso, não importa a que horas saíamos daqui, essa parede de fotos tem que ficar pronta, senão serei um homem morto.



Dezoito

Cada vez que se vai...
Leva uma parte de mim.
Jaque Salema

Bianca

Eu estava me odiando, só em imaginar que tinha me entregado tão facilmente para o César. Parecia que havia um feitiço naquele perfume dele, eu ficava fora de mim, *ai, como me odeio por isso!*

Depois de passarmos um momento delicioso, ele me veio com essa... Não, não podia dizer que fora delicioso, tinha que repetir para meu subconsciente que fora muito ruim, para ele não querer repetir.

Precisava arranjar uma forma de ficar longe dele, mas como conseguiria essa façanha se éramos padrinhos de casamento de nossos melhores amigos e também daquela coisinha linda da Lari? Que vida cruel!

Como ele podia ser tão babaca a ponto de atender a ligação de outra mulher na minha frente? O descarado chegara ao ponto de me dizer que tinha marcado um encontro com ela. Nunca o perdoaria por isso, homens eram todos iguais. *Mas deixe estar, darei o troco àquele sem noção.*

Será que essa Mel é bonita? Será que ela é morena, loira, ruiva, ai, agora minha cabeça não vai parar de dar voltas. Tudo bem, vou perturbá-lo até amanhecer o dia. Quem se importa se ela é bonita ou feia? Se ele acha que me fez de babaca, agora vai ver como eu posso ser difícil.



Eu não queria aceitar o convite do Eduardo para sair, mas a raiva ainda consumia todas as terminações nervosas de meu corpo. Tínhamos nos encontrado sem querer, no shopping, e ele prometera ligar para marcar uma saída. Estudamos Recursos Humanos juntos e ele sempre quis sair comigo, mas à época eu já era noiva do Bruno e acabara não rolando.

A verdade é que sempre o achei muito chato, mas, como ainda estava com a história da “bendita” Mel entalada na garganta, resolvi revidar. Também não era para menos, porque, depois de me dar um dos melhores orgasmos da minha vida, César havia tido a petulância, a falta de senso, de atender à ligação de outra mulher na minha frente. E ainda correria para se encontrar com ela.

Furiosa, acabei aceitando sair com meu ex-colega.

A cara do César, ao chegar para me levar para jantar e deparar com o outro, foi impagável, a melhor vingança da minha vida. Eu estranhei, já que havia enviado uma mensagem por e-mail avisando, mas acredito que ele não tenha recebido, do contrário teria entendido o “recado”.

O motivo principal da minha atitude não era o fato de ele não ter confirmado o jantar, e sim seu encontro com a amiga, que ainda estava atravessado a minha garganta, e eu esperava que ele entendesse isso.

Eduardo percebeu o clima e preferiu me levar para jantar, em vez de me levar para um programinha de namorados. Agradei internamente, não estava com paciência para isso. Além do mais, um certo safado ordinário não saía da minha cabeça.

Meu celular apitou avisando entrada de mensagem, a curiosidade me consumindo. Fiquei muito inquieta, fui até o toalete onde meu celular carregava e o peguei. Abri a mensagem, e meu coração começou a bater de modo frenético, como se eu o ouvisse calmamente dizer:

“Bombom,

Como pôde achar que eu seria capaz de te desrespeitar dessa maneira, falando sobre outra mulher quando estávamos juntos, ou algo desse tipo? Terei a oportunidade de apresentar a ‘MEL’ a você, mas de antemão posso dizer que ela na verdade é Carlos e gosta da mesma coisa que você. Nesse momento, você conseguiu me fazer rir, sabia? Estou tão acostumado a brincar com ele assim que nem me dei conta de que você pensaria que eu estava falando com uma mulher. Carlos é um dos decoradores da empresa e passamos a noite toda montando a parede de fotos no quarto do Alex e da Emily.”

Tive que me recostar à parede do lavabo, tinha perdido totalmente as forças. Como ele podia ser tão idiota a ponto de me fazer acreditar que a Mel era uma mulher. Se pensa que vou perdoá-lo, está redondamente enganado.



Dezenove

Não somos mais o que éramos tempos atrás.
Amanhã, com certeza, não seremos o que somos hoje
Mas com certeza seremos mais unidos e mais fortes.
Porque o amor une e fortalece o coração.
Jaque Salema

César

Em seu primeiro dia de trabalho após a lua de mel, Alex veio me questionar sobre o que aconteceu entre mim e a Bianca.

— Ela ficou chateada. Tínhamos acabado de fazer amor e o Carlos me ligou para avisar que estava me aguardando para fazer a decoração do seu quarto e, você me conhece, sabe que gosto de curtir com a cara do nosso amigo, já atendi chamando o cara de Melzinha — tentei me justificar, mas ele não ficou convencido.

— Não acredito que você foi tão canalha a esse ponto.

— Nem me toquei, Alex.

— A Emilly me ligou querendo saber o que tinha acontecido durante essas duas semanas, pensando que alguma coisa você tinha aprontado. A amiga dela está com um olhar triste e não quer se abrir. Sabe que, quando chegar, terá que se explicar.

— Não tenho o que explicar, Alex, eu descobri que quero a Bianca, mas ela só quer encontros casuais. Já tentei explicar a história do mal-entendido com a Mel, mas nem assim ela quer me ver.

Alex parecia incrédulo ao ouvir isso da minha boca, e eu também; aquela frase tinha saído tão espontaneamente que me surpreendi, mas era exatamente isso que eu queria.

— Mas, como assim, não era você que me dizia que mulher a gente usa e depois descarta, o que mudou? — seguiu me questionando.

Abaixei a cabeça desiludido.

— Eu não sei, mas não me vejo sem essa mulher preenchendo minha vida.

Alex respondeu com um sorriso bobo de felicidade no rosto; finalmente acreditava que eu estava colocando o orgulho de lado e assumindo estar apaixonado.

— Por que não fala isso para ela e se entende de uma vez, o que está faltando?

— Está muito difícil, ela me esnoba — respondi indignado. — Sabe qual foi a última que a Bianca aprontou? Eu a convidei para jantar, mas não liguei para confirmar, então, quando cheguei para buscá-la, ela já estava entrando no carro de outro; um antigo amigo de faculdade. Eu corri e a alcancei.

“Segurei seu braço e falei que estava ali para pegá-la para sair, como havíamos combinado. Sabe o que ela respondeu? ‘NÃO, César, você não

confirmou e o Eduardo me convidou para assistir a um filme que está em cartaz.’ Imagina a minha cara, Alex! Só vinha a Madalena à minha cabeça!

“Então virei as costas, fui embora. E me neguei a ir para casa, fui para a boate, fazer o que sempre fiz, usar as mulheres e descartá-las, mas nem isso eu consegui.

“Bebi até esquecer quem eu era e só soube o que tinha acontecido no final do dia seguinte, quando acordei com uma dor de cabeça infernal, caído no sofá da sala.

“Liguei para o Kauã e ele me contou que me pôs no carro e me levou para casa.

“Agora fala, o que eu faço com essa mulher?”

Alex, compadecido de mim, tentou me consolar:

— Eu penso, meu querido, que com confiança e força de vontade você consegue tudo, como diz o poeta: “Se você parar para admirar a noite, as estrelas estarão lá, sorrindo docemente, com seu brilho por todas as direções... E pela manhã o sol sorri espetacularmente, ele te blinda por mais um dia, e faceiramente as nuvens chegam, e o encobrem, mas confiante ele permanece em seu lugar, a nuvem passa e ele permanece irradiando.”^[1] E é a isso que você tem que dar importância, faça a coisa certa e permaneça. As nuvens, como tudo em nossa vida, passam, basta saber a nossa posição para estarmos prontos, no lugar certo, para continuarmos brilhando.



Vinte

Faz meu corpo ferver
Em uma vontade enlouquecida de você
Sufoco em meu peito o sentimento impossível de te ter...
Jaque Salema

Bianca

Não esperava ver o César naquele quarto de hospital, depois de ficar a semana toda fugindo dele, ignorando suas ligações e mensagens. Mas naquele momento ele estava ali, como se nada tivesse acontecido entre nós dois, com seu carinho habitual, sem ao menos reclamar do fato de eu ter me machucado na praia, na companhia do pessoal do vôlei.

Quando recebi alta do hospital, ele me levou para sua casa e ficou cuidando de mim durante toda a semana. Achei até estranho, em momento nenhum César tentou me beijar ou se aproximar de forma mais íntima,

como era habitual, mas eu já começava a ficar chateada e já estava quase tomando a iniciativa.

Não queria soar oferecida, mas era difícil ficar perto sem tocá-lo, ainda mais quando ele agia como um perfeito cavalheiro. César se comportava como um lorde, como um homem de caráter, e eu já estava doida para me jogar em seus braços.

Coloquei a vergonha de lado e acabei questionando-o. Ele se justificou confessando o quanto me queria, que eu tinha aberto o cadeado que prendia seus sentimentos — achei tão fofo —, mas que havia prometido para minha amiga cuidar de mim e que naquele momento eu era sua hóspede.

Tive que mostrar para ele o quanto também o queria e sei que de certa forma coloquei minhas defesas de lado. Foram tantos fragmentos, tantos tombos e erros do passado, que eu acabara bloqueando minha mente.

Ao ser traída pelo Bruno e correr dele, o destino me jogou nos braços do César e, como um ímã, ele me atraiu para si. Ali encontrei abrigo, confiança... Agora tinha medo de me machucar de novo, mas não conseguia tirá-lo dos pensamentos.

Esse final de semana foi o melhor de toda a minha vida, César foi amoroso e gentil. Esse era o comportamento normal dele quando não estávamos brigando, mas dessa vez conseguiu tirar o pouco de sanidade que ainda me restava; conseguiu me mostrar que eu ainda podia sonhar e que, ainda que eu achasse que a vida não tinha mais o que me proporcionar, estava cheia de possibilidades a realizar.

Eu havia me entregado de forma muito intensa a dois ex-namorados, e tinha saído machucada, por isso acabara esquecendo o quanto é necessário esse sentimento para prosseguir na caminhada, mas ultimamente César vinha me mostrando que eu necessitava amar e ser amada.



Vinte e Um

“Me fala qual é o seu perfume
Que ainda hoje eu vou comprar
Tô sentindo minha vida tão sem cheiro
E eu já sei qual quero dar

Não quero ser precipitado
Muito menos te assustar
Mas é nesse teu sorriso
Que o meu beijo quer morar

E nas curvas do seu corpo
Invadir a contramão”

Contramão, Gustavo Miotto

César

Naquela mesma semana, Emilly me ligou pedindo desculpas.

Tentando arranjar um jeito de me falar, respirou profundamente e soltou o ar, acabou dizendo que estava na praia com a Bianca e que a amiga havia torcido o pé jogando vôlei.

Ela me tranquilizou dizendo que Bianca estava bem e que estavam num hospital, mas não perdi tempo: pedi o endereço e, antes que ela terminasse de falar, corri para lá.

A cada vez que eu olhava para a Bianca, aumentava a certeza de que, por mais que ela quisesse me afastar, eu a queria e precisava dela para sobreviver. Vendo-a tão fragilizada, na cama do hospital, senti uma vontade imensa de envolvê-la em meus braços, de impedir que a tirassem de mim. Não sabia ainda como agir, mas faria de tudo para conquistá-la e mostrar a grande obra que ela, sem perceber, acabara criando.

Bianca havia se tornado única, e meus pensamentos estavam totalmente centrados nela.

Depois de levar um par de chifres — ou melhor, vários — de Madalena, eu tinha jurado para mim mesmo que mulher na minha vida seria descartável. Essa garota me havia feito passar a maior vergonha da minha vida, meus sentimentos eram uma verdadeira catástrofe depois dela, aprisionados em um compartimento sem saídas e que não permitia a entrada de alguém indesejável.

Havia correntes e cadeados ao redor das minhas emoções, e eu tinha jogado as chaves no mais profundo abismo. Elas acabaram se perdendo no universo das minhas vivências e eu me julgava incapaz de sentir algo além de desprezo por uma mulher, até aquela danadinha vestida de bombom se materializar na minha frente e virar minha existência pelo avesso.

A vida é cheia de surpresas, esse bombom maravilhoso chamado Bianca tinha que aparecer na minha frente e se jogar em meus braços, fazendo os corações se entrelaçarem. Ela me pegara desprevenido,

conectando-os. Como que atraídos por um ímã, eles agora não queriam se separar.

Passei a semana me segurando para não agarrá-la e beijá-la, estava usando todo o meu autocontrole, até que chegou o sábado e ela perguntou por que eu a estava evitando. Nesse momento me fez perceber que havia encontrado as chaves de que, tantos anos atrás, eu havia me despojado; Bianca conseguira abrir o cadeado que prendia todos os meus sentimentos.

Sabendo disso me senti exposto e, ao mesmo tempo, liberto. Foi tão natural, sem que eu percebesse comecei a falar para ela dos meus sentimentos e de como eu a queria.

Bianca se entregou da mesma forma como me dei para ela, vivemos o melhor e mais intenso final de semana da nossa vida, mas, como tudo que é bom acaba, na segunda-feira eu a deixei em casa e fui para o trabalho.



Estava em uma reunião com três empresas de um mesmo dono para quem faríamos reforma e decoração. Permanecemos durante três horas entre as discussões acirradas dos irmãos, sócios da empresa, mas graças a Deus conseguimos fechar o tópico “acabamentos internos”.

Minha secretária, que a cada item discutido fazia anotações, redigiu o contrato e, depois de lê-lo para os presentes, imprimiu.

Logo entreguei a papelada a eles, aguardei que revisassem tudo e se manifestassem sobre possíveis alterações. Tentei me centrar, mas meu subconsciente clamava pela finalização do bendito contrato; precisava conversar com o Alex e não via a hora de aquela reunião acabar.

Todos se despediram, por fim, e eu consegui engatar uma conversa com meu amigo.

— Alex, nem eu estou acreditando que, sem mais nem menos, Bianca consegue penetrar todas as minhas barreiras. Ela consegue tirar o melhor de mim, mas sempre se esquivava.

Olhei para meu amigo procurando uma resposta em suas feições, mas não encontrei. Passei as mãos pelos cabelos, um gesto de exasperação, e prossegui.

— Tenho mil motivos para correr dessa mulher e é ela que acaba fugindo de mim. Sinceramente, não sei o que fazer, não tenho forças para lutar essa batalha que ela insiste em travar. — Exalei pensativo e continuei. — A gente não consegue ficar junto sem ir para a cama e, no dia seguinte, ela já está arranjando um motivo para me colocar para correr.

Meu amigo, sendo bem prático e achando que é tudo muito simples, aconselhou:

— Então, não vá mais para a cama com ela.

— Como assim?

— Seja o amigo de que ela precisa.

— Sabe que isso será tortura, né? — observei.

— Sei, mas você precisa mostrar a Bianca que ela é diferente das outras mulheres — Alex argumentou.

— Claro que ela é diferente, só o fato de eu ter ido atrás dela no dia seguinte já a torna mais que diferente — aponte o óbvio.

— Então, se ela é, vale a pena tentar — meu amigo insistiu. — Faça tudo que estiver ao seu alcance. Você sabe que, se eu visse que ela não vale a pena, não estaria aqui dando esses conselhos, né?

— Claro que sei, você é o irmão que nunca tive, eu te amo, cara.

Nós nos abraçamos e fui embora, com as palavras de meu amigo a cada momento se ampliando dentro de mim; elas aqueceram minha alma de tal forma que eu nem conseguia descrever.

Chegando a minha casa, eu me joguei na cama e comecei a pensar no dia da minha formatura, em como a Madalena fora tóxica na minha vida.

Eu ainda tomava remédios para transtornos psicológicos quando conheci Bianca.

Madalena conseguira extrair de dentro de mim o que nem eu mesmo sabia que existia, um homem sem alma e sem coração. Mas, graças a Deus, depois que conheci a Bianca percebi que fui pior que minha ex; ela me magoou mas eu não precisava descontar nas outras pessoas os meus ressentimentos. Pretendia fazer tudo diferente.

Corri para o banheiro, a fim de tomar um banho, e vesti uma roupa despojada, preparando-me para colocar meu plano em ação.

A partir daquele dia, tentaria ser forte e não me deixaria abater perante os desafios

Colocando as diferenças de lado, fui visitá-la.

Toquei a campainha, fiquei aguardando e, quando ela abriu a porta, meu coração perdeu umas batidas. Bianca estava linda, com aqueles cabelos soltos e cara de quem estava dormindo havia horas. Usava um macaquinho de malha azul, curtíssimo.

Sacudi a cabeça para afastar os pensamentos pecaminosos, que já começavam a rondar. A partir daquele dia, seria tudo diferente.

Tracei uma meta, portanto preciso manter o foco.

Bônus

~Anos antes, Dia da Formatura~

César

Madalena era uma jovem linda, com todas as curvas e formas que qualquer uma gostaria de ter, um verdadeiro padrão de mulher, para quem acha que as pessoas têm que seguir um padrão.

Fiquei louco quando a vi pela primeira vez, ela havia se mudado para a casa ao lado e começado a estudar na mesma escola que eu.

Os meninos do colégio mexiam com ela e eu ficava enfurecido, mas não podia fazer nada, porque não tínhamos um relacionamento; eu nutria um sentimento pela garota, mas não era correspondido.

Um belo dia a professora passou um trabalho e montou uns grupos. O nosso foi formado por Alex, Madalena e eu. Ela não tirava os olhos do meu amigo, mas ele sabia dos meus sentimentos pela garota e nem a olhava.

Então, quando se deu conta de que Alex era carta fora do baralho, passou a me olhar e até me convidou para ir ao cinema.

Logo me desesperei, não recebia mesada havia três meses, meus pais haviam se separado e nem lembravam que tinham um filho. Eles tinham

muito dinheiro, uma das famílias mais ricas da cidade, mas cada um havia ido para um lado e se esquecido de mim.

Para minha sorte, meu amigo me socorreu sem que eu precisasse pedir. Ele sabia como aquilo era importante para mim.

Abracei-o e saí, feliz da vida.

Eu e Madalena assistimos a um filme e ela ficou o tempo inteiro me instigando, então a peguei e a beijei. Sua boca era tão macia, a garota era perfeita.

Em seguida fomos lanchar e, mais tarde, quando a deixei em frente ao portão de sua casa, a garota me puxou e me beijou.

Correspondi, mas me contive para não passar disso. Preferia manter a posição de bom-moço, pois não queria “avançar o sinal” com ela, queria demonstrar ser diferente dos outros rapazes, que só queriam se aproveitar. Haviam passado cinco meses até que eu conseguisse aquele bendito encontro, e eu não queria de forma alguma fazê-la correr de mim.

Começamos a namorar, fazíamos planos de nos casarmos quando terminássemos o Ensino Médio — não tinha dinheiro para o cinema e fazia planos de casar (Adolescência). Ela dizia que poderíamos fazer tudo, mas que só perderia a virgindade quando tivesse uma aliança na mão esquerda, que até lá teríamos que resistir, e isso me incentivava nessas loucuras de compromisso.

Assim nosso namoro prosseguiu e, quando a coisa esquentava, parávamos para respirar.

Tínhamos começado a namorar no primeiro ano do Ensino Médio e, quando já estávamos no terceiro, eu e Alex começamos a estagiar numa firma de arquitetura. Um grande amigo de papai permitiu que fizéssemos o estágio juntos, já tínhamos traçado desde cedo nossas metas e queríamos

cursar Engenharia e Arquitetura; nossas maquetes na escola eram sempre as melhores.

Nessa ocasião ganhávamos um bom dinheiro, então achei que já estava na hora de ter meu próprio espaço. Conversei com meu pai sobre isso, quando resolveu aparecer, e para minha surpresa ele me cedeu um apartamento, já todo mobiliado, que tinha no Centro.

Meu pai sempre achou que dinheiro supria a carência familiar. Na cabeça dele, só havia um pensamento, “o ser humano só precisa de status e dinheiro, o resto se compra, e o que não se pode comprar é dispensável”, então me entregou um cartão sem limite, para eu gastar com o que quisesse.

Minha mãe, por sua vez, só se preocupava com suas viagens luxuosas e finais de semana badalados, cada vez em um país diferente. Ela se fingia de cega ignorando a promiscuidade do meu pai, e tudo isso serviu para consolidar, a cada dia mais, meus planos de uma vida diferente daquela.

Ao dar seu grito de liberdade, mamãe havia se mudado para a Califórnia e vivia lá desde então. Meu pai até tentara trazê-la de volta, mas ela já havia formado uma nova família por lá.

Ele, então, continuou levando sua vida de “poderoso chefão” até que, passados quatro anos, em uma de suas festinhas regadas a orgias, sofreu um infarto fulminante e foi a óbito.

Por fim eu havia me mudado para o novo apartamento. O imóvel ficava próximo da universidade, então combinamos de dividi-lo, eu e meu amigo.

No dia da minha formatura, final do terceiro ano, Madalena já tinha vinte e um anos, e eu, dezessete. Éramos da mesma série, pois ela estava atrasada com os estudos devido a quatro reprovações seguidas.

Seus pais viviam de mudança e não se importavam com ela ou com sua vida escolar; não estavam nem aí se isso prejudicava a vida da filha. O

grau de descaso era tão grande que, quando falei que iríamos morar juntos, sua mãe sorriu e falou que seria ótimo, pois só assim poderia adiantar a viagem para a Europa que vinha planejando.

Fiquei indignado com a negligência deles, mas por outro lado estava feliz, pois a teria só para mim e isso era tudo o que eu mais queria; sonhava em tê-la em meus braços.

Namorávamos havia três anos sem que eu passasse dos limites, eu a respeitava mais que tudo em minha vida. Eu e Alex havíamos preparado o quarto com velas aromatizadas, pétalas de rosas brancas e vermelhas... Meu amigo não me deixou esquecer nenhum detalhe e fomos pegar a Madalena para a formatura.

Ela estava deslumbrante, com um vestido vermelho rendado, forrado apenas no busto, a saia era só renda. Minha cabeça já dava voltas.

Meu amigo ficou babando no mulherão a nossa frente e voltou para o táxi para nos esperar, só que ela pediu para passarmos pelo apartamento primeiro, pois queria me dar um presente.

Alex nos deixou lá e me deu um tapinha nas costas, seguido de uma piscadela. Parecendo orgulhoso do amigo, incentivou: — Manda ver!

Chegamos e a peguei no colo, encaminhando-me com ela, em meus braços, para o quarto. Madalena ficou encantada com toda a arrumação, havia champanhe no gelo e morango com chantilly.

Parecendo não querer perder tempo, ela me puxou para perto da cama e começou a desafivelar meu cinto. Eu precisava pelo menos tirar o paletó, estava de smoking e não queria chegar à festa todo amarrotado, mas, antes que eu pudesse tirá-lo, ela me jogou sobre o colchão e perguntou onde ficavam os preservativos.

Tomou todas as iniciativas, sem preliminares ela me beijou e montou em mim. Fiquei meio cabreiro ao notar que não parecia inibida com nada,

nem mesmo com o desenrolar do preservativo por minha extensão, mas queria tanto aquela mulher que esse detalhe me passou despercebido e curti o momento, feliz da vida porque agora ela era só minha, e por completo.

Meu telefone tocou quando já estávamos nos arrumando para ir para a festa. Peguei o aparelho e vi que era Alex.

Quando atendi ele estava “P” da vida perguntando que droga de trepada mais demorada era aquela, mandando-me deixar para depois, pois a solenidade já estava se iniciando.

Corremos para o local da formatura e, ao chegar lá, encontrei minha mãe com seu atual marido. Meu pai estava com duas gostosas, uma de cada lado, além dos pais do meu amigo e sua irmã. Alex me olhava com a cara mais radiante que a minha, só por saber que eu estava feliz.

Quando a cerimônia terminou, minha garota me deu um beijo e foi falar com os pais, enquanto eu e Alex fomos nos despedir dos nossos.

Já havia passado mais de meia hora e nada de a Madalena voltar. Um dos carinhas da nossa turma chegou e falou algo no ouvido do Alex, que me olhou e arqueou as sobrancelhas, rapidamente franzindo o cenho.

Logo meu amigo se aproximou de mim e disse que queria ir embora. Não entendi nada, mas me recusei, como iria embora se a Madalena não tinha retornado ainda?

Vendo que eu hesitava, Alex falou que minha namorada já tinha ido com os pais e que no dia seguinte eu e ela conversaríamos, mas eu não queria aceitar aquilo. Tínhamos feito planos e juras de amor eterno, então, com isso em mente, afirmei para meu amigo que ela agora era só minha.

Ele sacudiu a cabeça e começou a passar as mãos pelos cabelos e pelo rosto, uma espécie de tique, Alex fazia isso sempre que estava nervoso. Então percebi que havia algo errado, fora de seu controle, pois era sempre assim que meu amigo se portava nessas situações.

Então Laura, uma amiga, aproximou-se. Ela era doida para ficar comigo e eu sempre a dispensava devido a minha paixão por Madalena. A garota nunca se conformou com aquilo e, indignada, mas com um ar de vitória, falou:

— Ah, César, como o mundo é pequeno, mas tão pequeno mesmo... Você nunca me quis por conta dessa paixão doentia pela Madalena e, olha só, a santinha está chupando geral. Sabe que os rapazes formaram até uma fila para comer a sua garota?

Eu fiquei transtornado com a calúnia da Laura, mas ela insistia que eu fosse lá ver com meus próprios olhos. Alex tentou me segurar, mas consegui me desvencilhar dele e corri o mais rápido que pude para onde a minha colega havia dito que estava acontecendo o espetáculo.

Eu me recusava a acreditar, na minha cabeça uma voz gritava que era tudo um grande engano.

Colocando os bofes para fora, cheguei perto do almoxarifado e, para minha surpresa, realmente havia uma fila de rapazes da escola, sorrindo, cochichando. Havia três mais perto da porta, também em fila, e um estava tão entretido com uma lupa na fechadura que nem sentiu quando lhe dei um empurrão. Ele saiu derrubando o resto, e eu abri a porta, entrando como um verdadeiro furacão.

Acho que, quando meus pais se separaram e fiquei sem eles, não senti uma dor tão intensa como aquela que cortava meu coração agora, era quase palpável o sangue que escorria do meu peito. Madalena, completamente nua, cavalcando o Robson era algo tenebroso.

Arranquei-a de cima dele só com uma mão e dei um soco na cara do imbecil, cortando-lhe o supercílio. Ele ficou com um olho roxo e ensanguentado, então me virei para Madalena.

Gritei pedindo explicação para aquele disparate a minha frente, mas ela não pareceu envergonhada nem tentou se cobrir, enquanto eu cuspi fogo e meus olhos pareciam querer saltar das órbitas.

Ainda nua, ergueu mais o corpo, olhou em meus olhos como se aquilo não fosse nada e falou:

— César, seu problema é exatamente esse, ser muito certinho, clichê demais da conta, fala sério! Que homem namora três anos a mesma pessoa agindo como se tivesse oito anos de idade, em pleno século XXI? O que você me deu de sobra, eu não ganhei durante todos esses anos de nenhum deles, mas o que me deixou faltar eles me deram.

Confessou que já saía com eles antes de começarmos a namorar, falava sem parar e suas palavras foram cravando uma estaca em meu coração. Eu me senti um vampiro desfalecendo, não conseguia me mexer do lugar.

Então aquele papo de casar virgem era só encenação? Só um ardil para colocar a corda no pescoço do idiota do namorado? Não, eu não podia acreditar nisso, não podia!

Alex entrou, puxou um pano que estava no canto e a cobriu, mas a garota continuou me humilhando.

Já o panaca que estava com ela, observava tudo com ar de riso, mesmo com a cara quebrada. Mas deixei-o para lá, porque meu foco era a Madalena.

Eu só chorava me perguntando como ela podia ter feito aquilo comigo; eu a venerava, ela era o centro do meu universo.

Consegui achar um fio de voz perdido no meio do meu caos interior e disse:

— Se era isso que queria, por que não me falou? Você pediu que eu esperasse e respeitei sua decisão! Tinha tanto medo de te perder que nunca

tentei fazer nada que pudesse te afastar de mim.

— César, você é amorzinho demais, mulher não gosta de homem babaca — Madalena respondeu, rindo.

— Chega, Madalena — Alex interveio. — Você passou de todos os limites! Se não queria a relação, para que ficou enrolando o César? Poderia ter desmanchado o compromisso — ele disse e se voltou para mim. — Vamos embora daqui, César.

Eu não conseguia sair do lugar, estava totalmente travado, mas Alex me pegou pelos braços e me puxou.

Quando chegamos ao estacionamento, o motorista dele estava dentro do carro e logo abriu a porta para nós dois.

— Deve haver algo errado — eu disse, ainda inconformado, e ele logo franziu o cenho, encarando-me. — Alguém deve ter posto algo na bebida dela, só pode ser isso. Minha namorada não era a mesma pessoa que estava na minha frente agora, preciso conversar com ela amanhã.

Alex deu um grito dentro do carro e o motorista freou bruscamente, assustando-nos.

— Eu só vou dar um aviso, César, se souber que você se encontrou com essa... — Parou e pensou na palavra em que poderia encaixá-la, mas preferiu resumir em garota. — Você irá sentir o peso de minhas mãos.

Eu nem queria imaginar os outros adjetivos que ele havia pensado. Nesse momento me acabei em lágrimas, movido por uma dor profunda. Alex me levou para a casa dos pais dele, um ambiente neutro, e fiquei trancado dentro do seu quarto por quatro dias.

Na terça ele foi para o estágio e, assim que o vi passar pela porta, também saí, às escondidas, esperando que ninguém lhe contasse. Eu precisava vê-la, tocá-la.

Bati à porta da Madalena e, no mesmo instante, ela pediu que eu entrasse. Na verdade, não sabia que era eu, certamente estava esperando outra pessoa.

— O que está fazendo aqui, César? — indagou assim que me viu.

— Eu... eu precisava te ver.

— Nossa, você gosta de sofrer, né? — respondeu com a cara mais lavada do mundo. — Será que terei que desenhar para que entenda que você não é “meu número”, que não nos encaixamos? Vou falar pela última vez, você não é homem para mim, não sinto nada por você. Eu te dei uma oportunidade, mas, na hora H, você não conseguiu me fazer sentir nada por você. Agora saia daqui, que estou esperando visita.

Não consegui abrir a boca, saí dali e fui direto para o apartamento.

Quando cheguei lá, respirei aliviado; não havia nem um rastro dela, nada do que Madalena havia escolhido, e até a cor do apartamento estava diferente.

Agradei o fato de ter um amigo de verdade, sabia que aquilo era coisa do Alex. Ele havia tido o cuidado de modificar tudo para que eu não sofresse ainda mais, pois já estava sendo barra suportar tudo aquilo.

Naquele momento prometi a mim mesmo que nunca mais na minha vida iria amar uma mulher, desisti de sonhar, perdi a fé, fiz promessas e pretendia cumprir cada uma delas.

Nesse meio-tempo passei a sofrer de um distúrbio de medo e pânico. Eu me sentia como se a qualquer momento fosse perder minha vida; como as pessoas que entram em um avião e têm a certeza de que vão morrer; como quem entra em um túnel e se desespera com a escuridão. As palpitações horrorosas eram as piores sensações que alguém poderia ter.

Tinha medo de sair e encontrar a Madalena nos braços de outra pessoa. Ninguém, com exceção de Alex, podia ver a ferida aberta em meu peito, e

por isso não me entendiam.

Então meu amigo, o único que me compreendia, levou-me para fazer meditação, e foi o que encontrei como alternativa para amenizar o pânico. Mas o medo da traição seguia me acompanhando, eu sentia um pavor inexplicável, que dominava todo o meu ser, e isso me gerava traumas irreparáveis.

Madalena mostrara quão cruel uma mulher poderia ser e eu já não conseguia confiar em nenhuma, passara a usá-las como objetos descartáveis.

Depois da meditação mergulhei de cabeça no trabalho e nos estudos, a ponto de ser chamado de *workaholic*, viciado em trabalho.



Vinte e Dois

“Foi nosso jantar à luz de adeus
Nossa despedida de casal
Ela terminou sem derramar nenhuma lágrima
E eu ainda não digeri esse final

[...] Tá engasgado aqui aquele tchau”
Despedida de Casal, Gustavo Miotto

César

— O que aconteceu? — ela perguntou.

— Nada! Vim te ver... São para você. — Entreguei-lhe um buquê de rosas brancas. Ela olhou desconfiada, sorriu e pegou as flores, mas não me convidou a entrar. — Vim te convidar para ir assistir a um filme que Alex sugeriu, estreou essa semana.

— Não estou a fim de ir ao cinema, muito menos com você — falou sem dó nem piedade.

— Nossa, Bianca, essa doeu, o que eu tenho de errado para que você viva me tratando dessa forma e me evitando? Será que não consegue agir sem estar na defensiva?

— Não! De homens feito você sempre procuro correr... Tem certeza de que vai querer ouvir o que tenho para dizer?

— Sim! Pode falar.

— Olha só, César, eu não quero nenhum homem no meu pé, muito menos um tremendo galinha feito você, que vive querendo me mostrar que é diferente de todos os outros para quem já dei uma oportunidade.

— Bianca, eu... — tentei interrompê-la.

— Não! — Espalmou a mão a minha frente e disparou. — Não precisa bancar o bom samaritano, porque gato escaldado tem medo de água fria. Vocês, homens, são todos iguais; até quando tentam ser diferentes, a semelhança se torna parceira constante. Tudo farinha do mesmo saco. Parecem um bando de açougueiros quando veem um pedaço de carne, ficam doidos para meter a faca e destrinchar. E eu não quero ser esse pedaço de carne, entendeu?

Eu tinha presumido que era capaz de ouvi-la, mas não estava preparado para tudo que Bianca despejava sobre mim. Quando pensei que ela já tinha dito tudo que queria, ela continuou.

— Aprendi com vocês, homens, que a vida é feita para ser vivida, como uma roda de jogo, que para e aponta um ganhador. Mas esse ganhador não carrega seu prêmio, só pode desfrutar dele parcialmente e depois não mais; depois vêm outros ganhadores, e com você não será diferente.

Suspirei pesadamente. Embora estivesse arrasado, ela estava coberta de razão, exceto por um detalhe: eu queria mudar por ela.

Não aguentava mais ouvi-la falar, sua voz saía cheia de ressentimento e dor. Sem perceber, Bianca estava me magoando, estava avaliando e

julgando meus sentimentos sem saber o que se passava dentro de mim. Ela não conhecia meus motivos e também não fazia questão de conhecê-los.

Como a vida é cheia de surpresas, eu havia chegado com um buquê de rosas brancas, em missão de paz, mas acabara entrando em uma batalha, totalmente desprevenido e sem uma arma contra o meu inimigo.

Então dei-lhe meu silêncio e saí.

Cheguei a minha casa me sentindo um caco e, quando meu telefone tocou, não tive nem coragem para pegá-lo.

Tomei um banho e deixei que a água do chuveiro carregasse toda a dor que saía de dentro do meu coração em forma de lágrimas. Não existe dor mais desoladora, que maltrate tanto a alma, como a dor de amar alguém que não nos quer.

De súbito eu me dava conta de que não pronunciava a palavra amor havia muito tempo, mas, ultimamente, sentia falta das frases simples que costumava dizer.

Sacudi a cabeça me reprimindo, lamentando que isso não fizesse mais parte da minha vida, e nesse momento algo se agigantou dentro de mim, palavras que gostaria de dizer para Bianca, tanta coisa a ser dita e tantas que gostaria de ouvir dela.

Deixei esse grito preso na garganta e saí de mim, com uma vontade louca de voltar no tempo e fazer tudo diferente, mas as marcas do tempo voltavam ferindo minha alma e, com esse pensamento, adormeci.



Bianca

Não esperava abrir a porta e dar de cara com um César todo despojado. Fazia praticamente uma semana que não me encontrava com ele, e sua barba parecia estar maior. Fiquei tentada a alisá-la, a saudade era gritante, mas tentei me controlar.

Achei que ele fosse pedir para entrar, ainda mais porque trazia aquelas rosas, mas pelo visto tinha vindo em missão de paz.

As flores eram brancas, e ele nem insistiu quando o coloquei para correr. Achei que ele estava com saudade, o tempo estava tão agradável, perfeito para uns *amassos*, mas não, pelo visto eu não estava valendo muita coisa, já que ele desistiu muito fácil.

Fiquei tão magoada comigo mesma depois que lhe disse todas aquelas coisas; queria que ele reagisse e me mostrasse que estava a fim de mim,

queria muito que me provasse que realmente é diferente de todos os outros homens, como eu queria.

Eu mesma não queria admitir, mas estava louca de paixão por ele e sabia que iria me arrepender se lhe desse um voto de confiança; tudo seria igual, como fora com o Raul e com o Bruno, uma decepção em cima da outra. Mas minhas palavras foram duras demais, ele parecia tão para baixo ao sair que fiquei com um aperto no coração.

Precisava ligar para Emilly, pedir ao Alex que ligasse para o amigo e verificasse como ele estava.

— Alô, amiga, tudo bem? — saudei assim que ela atendeu.

— Sim, Bi! E você?

— Mais para não do que para sim.

— Brigaram de novo? — minha amiga questionou.

— Não, só falei umas verdades, mas acho que doeu. Ele não questionou, baixou a cabeça e saiu sem me dar adeus. Agora estou aqui com o coração aos pedaços.

— Espere um pouquinho, vou pedir ao Alex que ligue para ele. Faz muito tempo que ele saiu daí?

— Umas duas horas.

— O telefone de casa só chama e o celular também.

— Com certeza ele foi curtir a noite e eu aqui, preocupada com as palavras que lhe disse. Deixe, Emilly, vá dormir, é o melhor que podemos fazer.

Antes que minha amiga tentasse questionar mais alguma coisa, desliguei. Eu me enrolei em meu edredom, que por sinal ainda tinha o perfume dele impregnado, e, não suportando a dor, chorei até adormecer.



Acordei tão para baixo que decidi nem ir ao trabalho. Tinha sido dispensada para abater algumas horas extras, mas não queria ficar em casa me martirizando por causa do César.

Coloquei meu biquíni branco, que tanto amo, um fio-dental, como todos os outros que eu tinha — eu variava na cor, mas o modelo era sempre o mesmo —, e fui para a casa da Emilly tentar convencê-la de que precisávamos pegar sol.

Chegando lá, com muito custo a convenci.

Já na praia, a babá das crianças ficou embaixo da barraca, enquanto eu e minha amiga tomávamos sol e, nesse meio-tempo, um carinha cheio de charme me convidou para jogar vôlei. Como precisava me distrair, na mesma hora aceitei.

Começamos o jogo, mas a todo momento eu percebia o carinha atrás de mim, tentando me amparar, e já estava ficando irritada com aquilo.

Em determinado momento, caímos e rapidamente ele me puxou para cima dele.

“Dessa vez você vai entender que eu não sei pensar em mais ninguém

Dessa vez eu vou te convencer, não há outra mulher como você para
mim

Dessa vez vou te fazer feliz

Dessa vez não há como fugir

Vai ouvir palavra por palavra

O que essa paixão não disse, eu digo agora

Te quero tanto, tanto, tanto, tanto, tanto

Cada dia um pouco mais

Te quero tanto, tanto, tanto, tanto, tanto

Não existe nada igual

Te quero tanto, tanto, tanto, tanto, tanto

Te quero e nada mais

Dessa vez o mundo aprenderá com o nosso amor como é bonito amar

Dessa vez nós vamos construir pedaço por pedaço o mundo inteirinho

aqui”

Te quero tanto - Bruno & Marrone



Vinte e Quatro

“Perdi o sono e ao abrir os olhos vi você dormindo
Eu tive a impressão de que te vi sorrindo
Então parei ali só pra te admirar”
Ouça com o Coração, Rodrigo Menezes, George Henrique

César

Acordei cedo, morrendo de dor de cabeça. Tomei um analgésico e fui para o trabalho.

Chegando lá, um recado do Alex me esperava na portaria. Ele pedia que fosse direto para sua sala.

Aquele não estava sendo um bom dia. Eu me sentia o pior dos piores, depois de ouvir o sermão da Bianca no dia anterior, e, como se não bastasse, o pneu do carro resolvera furar justo na Avenida Central, *ninguém merece!* Meu humor estava mais azedo que um limão e, para completar, eu tinha que visitar uma cliente chata pra caramba no Leblon.

Assim que entrei na sala de Alex, sem me olhar ele já veio com sete pedras nas mãos.

— Olha só, Alex, não vou ficar aqui sendo acusado por você também, não, já estou de saco cheio desta desgraça. Todo mundo acha que sou o errado da situação, mas não tenho culpa se Bianca não quer compromisso. Ela falou na minha cara, ontem, que sou igual a todos os outros. E foi ela que sempre deixou bem claro que queria encontros casuais, o que quer que eu faça? Ela não me vê como o partido ideal, como seu príncipe encantado, acho que nem me vê como homem.

Para me deixar mais puto, se é que era possível, Alex deixou de lado o semblante de raiva e deu lugar à pessoa descontraída que realmente é.

— Nossa, meu amigo, agora pegou pesado — disse, rindo da minha cara. — Se ela não o vê como homem, a coisa está feia. O que mudou? Sempre foi tão garanhão, está com problema psicológico, neurológico? Se isso está afetando sua masculinidade, podemos resolver procurando um excelente médico e, em dois tempos, seus problemas estarão resolvidos.

— Alex, alguém já te mandou à merda hoje? Se não mandou, é só seguir reto e ir, porque não estou a fim de brincadeira.

Vendo que eu realmente não estava bem, Alex tentou amenizar as coisas.

— Quem falou a barbaridade foi você, eu só tentei ajudar.

— Alex, sou muito macho e nunca deixei a desejar.

— Então, garanhão, por que correu para o bar ontem?

— Eu não fui a bar nenhum ontem.

— E onde você estava que liguei pra caramba e não me atendeu?

— Estava em casa, só não estava com paciência para conversar.

Meu amigo arqueou as sobrancelhas, deixando nítidas as ruguinhas que se formavam no meio delas, como se vários pontos de interrogação

surgissem ante minha resposta.

— E, quer saber, vou trabalhar, que é o melhor que faço. — Dei-lhe as costas e saí.



Depois de visitar minha cliente, parei em um quiosque na calçada, de frente para o condomínio do Alex. Pedi uma água de coco e fiquei tentado a ir até lá, dar uns beijos nos meus afilhados.

Nesse meio-tempo avistei a Emilly e as crianças na areia da praia. Encorajado, tirei a meia, os sapatos, puxei a perna da calça para cima e coloquei tudo no carro. Fui até onde ela estava, mas travei ao olhar e ver a mulher mais linda que eu já tinha visto na vida. Bianca jogava vôlei com um bando de homens, todos babando em cima dela.

Um imbecil ainda a derrubou e puxou para cima dele, então meu sangue ferveu; já cheguei *pagando moral* para a esposa de meu amigo.

— Emilly, você não está vendo aquele monte de urubus em cima da Bianca? Não está vendo que estão querendo se aproveitar dela? Vão usá-la, depois descartá-la, homens são assim, e você aí, achando a maior graça, dando força para essa palhaçada.

Mas ela, com aquela língua afiada que não deixa passar nem uma vírgula, despejou tudo de uma só vez em cima de mim.

— Bom dia, César, para você também. Eu não estou dando forças, eu só não sou cega e acho que ela precisa se divertir.

— Não sabia que tinham mudado o nome de diversão, não... Botar fogo, jogar na fogueira e ver a amiga se queimar agora é se divertir? —

perguntei indignado. — Um bando de homens querendo se deliciar com uma presa fácil é diversão?

Emilly, irada, pôs-se de pé a minha frente, como se pudesse se igualar ao meu tamanho. Colocou as duas mãos na cintura e me encarou, começando a despejar na minha cara, mais uma vez, a minha realidade.

— César, qual é a diferença entre esses caras e você? Você faz exatamente o que acabou de acusá-los de fazer: brinca com os sentimentos dela, usa a Bianca, dorme com ela, faz seu sexo gostoso e depois vai embora! Não existe diferença entre vocês.

Não parei para responder, saí feito um foguete. Não aguentava todo mundo falando a mesma coisa. Eu sabia que era um crápula, mas não imaginava que meu procedimento fosse tão terrível a ponto de ninguém ser capaz de me dar um voto de confiança.

Não consegui voltar para o trabalho, minha cabeça parecia que iria explodir. *Será que o mundo resolveu se revoltar contra mim?* Tudo bem que havia momentos em que eu também achava que não a merecia, mas me igualar àquele bando era um pouco demais. E, vindo de alguém que tem tanta influência sobre ela, tinha ainda mais peso, minava minhas esperanças. Dessa forma, Bianca nunca saberia que eu podia ser diferente por ela.

Perdi a conta das ruas em que entrei e saí, mas às dezenove horas entrei em casa mais desorientado que nunca, sem rumo, sem saber que caminho seguir.

Comecei a me sentir preso, sufocado, e tirei o cinto. Abri todos os botões da camisa, a dor dilacerando o meu coração. Parecia que alguma coisa estava presa a minha garganta, e fui tomado pelo pânico, o medo de perder tudo a minha volta, enquanto as palavras da Emilly reverberavam dentro da minha cabeça.

Como a fumaça durante um incêndio, Bianca povoava todos os meus sentidos, e eu comecei a chorar. Não conseguia sair do lugar, o celular ainda nas mãos, só pude falar o nome do Alex perto do aparelho e esperar que fizesse a discagem.

Ele logo atendeu.

— Me ajuda, cara, eu vou morrer.

— Que palhaçada é essa, César?

— Por favor, estou me sentindo sufocado, eu vou morrer.

— Onde você está?

Eu não conseguia mais falar, meu corpo se convulsionava, presa de um tremor que saía de dentro da alma, onde minha mente sucumbia à escuridão. Eu só sabia que estava morrendo, e só conseguia dizer isso. Sentia como se o mundo estivesse se fechando e eu estivesse preso em um cubículo que a cada minuto se estreitava mais.

Não conseguia falar nada coerente, só sabia que iria morrer. Chorava copiosamente e tremia, o ar me faltava.



*Vinte
e
Cinco*

Bianca

Estávamos na casa de Emilly, e ela aguardava ansiosa que o marido descesse, para conversarmos sobre a praia. Minha amiga tinha certeza de que César havia contado ao Alex sobre os homens que jogavam vôlei comigo e temia que ele ficasse aborrecido, pois seu marido sempre foi muito ciumento e inseguro.

Quando ele chegou à sala, sentou-se ao lado da esposa. Ela nem sabia por onde começar, receosa, mas antes que pudesse dizer qualquer palavra a respeito, o telefone dele começou a tocar.

Alex viu que era o César e pediu a Emilly que colocasse no viva-voz, pois estava com os gêmeos nos braços.

Nada havia nos preparado para a voz aterrorizada vinda do aparelho, gritando por ajuda e dizendo que iria morrer. A princípio Alex achou que fosse brincadeira, mas, no primeiro urro de dor, ele se desesperou.

Colocou os bebês no colo da esposa e saiu gritando pelo motorista. Perguntava onde o amigo estava, mas a voz de César agora soava imprecisa, distante. Só ouvíamos “Eu vou morrer, estou com falta de ar”.

Sem que Alex percebesse, entrei com ele no carro, não conseguia permanecer alheia àquele sentimento. As lágrimas escorriam por meu rosto de segundo em segundo.

Algun tempo depois, Alex já estava abrindo a porta da casa do César, e nada nessa vida havia me preparado para o que se seguiu. Aquele homem imenso, lindo, tremendo, repetindo que estava sem ar e morrendo.

Eu nunca tinha assistido a uma crise de pânico na vida e queria abraçá-lo, garantir que tudo ficaria bem, mas só chorava. Estava paralisada, até que, sem mencionar meu nome nem deixar que César me visse, Alex pediu-me que pegasse duas caixas de medicamento que ficavam na gaveta da cozinha e um copo d’água.

Para minha surpresa, deparei com um medicamento antidepressivo e outro ansiolítico; retirei um de cada e retornei.

Alex fez o amigo tomar e, com dificuldade, César bebeu a água. Nunca imaginei que ele pudesse fazer uso dessas medicações e nem fazia ideia do motivo que o levava a precisar delas.

Senti o coração apertar ao pensar nos últimos acontecimentos, não me esquecia de como César tinha me olhado na praia. Havia dor e fogo em seus olhos e, de certa forma, eu me sentia culpada pelas palavras duras que lhe havia dito. Para completar, Emilly também havia pegado pesado ao ser interpelada por ele lá.

— Nossa, Bianca, acho que peguei pesado dessa vez — confessou quando voltávamos da praia. — Mas eles são todos iguais mesmo! — exclamou. — César saiu feito um foguete, não me questionou e nem respondeu, deve ter percebido como estava sendo infantil e ridículo. Mas o coloquei no lugar dele, falei muitas verdades que estavam atravessadas a minha garganta. Eu tinha certeza de que, com a raiva que ele estava sentindo, iria ligar para o Alex e fazer minha caveira, e isso só fortaleceu minha fúria. Sei que peguei pesado, mas não retiro nenhuma palavra.

Como eu poderia não me sentir culpada? Sabia que ela só estava me defendendo, mas ele havia ficado magoado, e com toda a razão. E eu também tinha minha parcela de culpa.

Alex o abraçou com tanto carinho, que senti inveja; queria ser eu o seu porto seguro; queria que ele tivesse ligado para mim pedindo socorro, ou, melhor ainda, que tivesse conseguido evitar toda essa crise.

— Está se sentindo melhor? — o marido da minha amiga perguntou ao César.

— Ainda estou com a respiração pesada.

— Mas vai melhorar, você almoçou?

— Não.

— Jantou?

— Não.

— Poxa, César, parece criança, sabe que não pode ficar sem se alimentar.

— Estava sem fome.

— Fiz tudo que me falou, e ela me esnobou. Além disso, você não acreditou quando eu disse que não tinha ido a lugar algum, que estava em casa e só não quis atender ao telefone, e a Emilly...

— O que tem a Emilly? — Alex questionou.

— Nada, ela só acha que a amiga está certa e eu não tiro sua razão, mas ela não acredita que posso ser diferente ou que posso mudar por ela.

— Esqueça isso agora, vamos para o quarto, tomar um banho e comer alguma coisa.

Dava dó vê-lo tão fragilizado. Como uma criança, César se apoiou no amigo e subiu as escadas segurando o peito. Ouvir aquela declaração da boca dele, naquele momento, era algo que nunca esperei na vida.

César realmente estava sendo sincero, e agora era eu que me sentia indigna desse relacionamento. Comecei a me sentir cruel com tudo que lhe disse, mas tentei varrer para debaixo do tapete meu sentimento de culpa e fui preparar algo para ele comer.

Alex já o tinha ajudado a tomar banho e conseguiu fazê-lo comer um pouquinho, beber um copo de suco. Dali a meia hora, César já estava dormindo profundamente.

Depois de muito discutirmos, Alex concordou em ir para casa e me deixar ficar, mas prometi sair antes de César acordar.

Quando entrei no quarto, ele dormia e ressonava. Tirei a roupa e coloquei uma blusa de malha dele, então me deitei ao seu lado. Em pouco tempo, César se virou na cama e se aconchegou ao meu corpo.

Aninhada ao calor da sua pele, adormeci. Acordei com ele tão agarrado em mim que achei que não fosse conseguir me desvencilhar. Mas com todo cuidado consegui. Vesti minha roupa, preparei um café, coloquei a mesa e saí.



Vinte e Seis

“Ainda sinto o gosto desse beijo seu
Sinto o teu corpo colado no meu
E as minhas mãos suando de tanto desejo

O tempo vai passando e eu te amo mais”
Menina, Gustavo Lima

César

Ao abrir os olhos, tive a impressão de que ela estava ali, seu cheiro entranhado em mim, nos meus lençóis. Também tinha a sensação de que um trator havia passado por cima de mim.

Alex me ligou para saber como eu estava e me aconselhou a tirar o dia para descansar, mas eu precisava ocupar a mente. Com dificuldade, levantei-me e fui tomar um banho.

Eu me arrumei e, quando cheguei à cozinha, encontrei um perfeito café, mas quem poderia ter preparado? Tenho certeza de que não foi o Alex, a menos que a Emilly tenha vindo com ele.



Passou uma semana e acabei encontrando a Bianca no centro do Rio. Desde aquele dia fatídico eu não a procurava, mas acabamos nos esbarrando. Ela estava linda como sempre, com seus cabelos encaracolados, e, a cada passo que dava, seu perfume me recebia primeiro. Foi inevitável sorrir-lhe abertamente, algo que, por mais que eu tentasse, não conseguia deixar de fazer.

Acabei convidando-a para tomar um sorvete, já que estávamos de frente para uma sorveteria, e ela não hesitou em aceitar.

Atravessamos a rua e nos servimos de uma taça com quatro bolas; o dela era de sabores variados, e o meu, todo de chocolate.

Nós nos sentamos a uma mesa mais reservada e começamos a conversar.

No início ela estava um pouco reticente, mas, com as caras e bocas que eu fazia, Bianca se descontraiu e acabamos dando boas gargalhadas.

Eu estava embriagado, como sempre, por seu sorriso doce e me deleitando com seu perfume. Tudo isso causava um reboição dentro de mim e, no frenesi do momento, acabei convidando-a para comer comigo uma pizza, mas ela achou melhor não.

Concordei, mesmo sem querer, seria melhor assim.

Durante o final de semana, porém, não me contive e continuei insistindo. Sabia que tinha que ter um pouco de amor-próprio, mas a falta

que ela me fazia era tão grande que eu acabava mandando a voz da consciência direto para o quinto de algum lugar.

Persisti, e ela prosseguiu dizendo não, até que, talvez vencida pelo cansaço, aceitou jantar comigo.

Preparei um jantar em meu apartamento, à luz de velas, algo bem romântico, e foi inevitável mergulharmos nas emoções daquele momento; acabamos ficando todo o final de semana juntos.

A chuva era intensa e nos impediu de sair, então ficamos enclausurados em uma bolha. Na segunda era feriado, mas a chuva não dava trégua, ficamos entre filmes, edredom e amassos.

Terça pela manhã, eu a deixei em casa e fui para o trabalho. Quando retornei passei pela floricultura e comprei flores. Já havia comprado os bombons preferidos dela na hora do almoço, pois nós dois éramos chocólatras.

Estava perdidamente apaixonado por essa mulher.

Quando cheguei a sua casa, ela não estava, e um vizinho disse tê-la visto sair cedo com um carinha, em um carro vermelho. Logo imaginei que ele não poderia estar confundindo com o meu, pois eu a tinha deixado ali pela manhã e meu carro era preto.

Minha cabeça começou a dar voltas, eu não queria acreditar que, depois de ter passado o melhor final de semana comigo, ela havia saído com outra pessoa.

Abri o portão dela, que ficava apenas encostado, deixei na mesinha da varanda um buquê de rosas vermelhas e uma bolsa, com um vinho e os bombons. Tirei o cartão que estava nas flores, fui até o carro. Papel e caneta na mão, escrevi um bilhete.

“Bianca,

*Estive aqui mais cedo, mas acho que você não estava em casa,
pois seu vizinho falou que você havia saído.
Esses mimos são para você.
César.”*

Fui bem seco em minhas palavras, entrei no carro e fui embora.

Tentei ligar para ela e não consegui falar, caía sempre na caixa postal. Isso foi agigantando uma fúria dentro de mim, que parecia estar corroendo minha alma. As palavras daquele senhor ficavam piscando na minha cabeça: CA-RI-NHA e CAR-RO VER-ME-LHO.

Liguei para Alex a fim de sondar se a Emilly sabia da amiga, mas ela também não havia conseguido falar com Bianca.

Eu me neguei a ir para o meu apartamento, em vez disso retornei para a casa dela. Encostei o carro junto a uma calçada afastada de sua residência e, trinta minutos depois, vi parar um carro vermelho.

Ela desceu, jogou beijos para quem quer que estivesse dentro do carro e entrou em casa.

Aguardei uns minutos, fui até lá e, quando ela abriu a porta, já estava possesso de raiva.

— Oi! Obrigada pelas flores! — disse toda sorridente. — São lindas e os mimos também, amei tudo. — Ela vinha em minha direção e estacou no lugar quando percebeu que eu não demonstrava nenhum tipo de sentimento.

— Caramba, Bianca, onde você estava? — questionei. — Liguei o dia inteiro para você; cheguei aqui e seu vizinho logo falou que a viu sair com um carinho em um carro vermelho.

Ela cobriu a boca com a mão, ar de espanto, como quem é pega no flagra. Logo meu “pisca-alerta” aumentou a velocidade e minha paciência

foi lançada para o quinto dos infernos.

— Porra, Bianca! Será que nasci para ser corno? Passei o melhor final de semana da minha vida e hoje você sai com outro! É sério isso, ou você tem uma explicação plausível e convincente para me dar?

Bianca me olhou com os olhos marejados, como se estivesse se segurando para não chorar, mas de repente eles pareciam soltar fogo, suas narinas abrindo e fechando, como se estivesse possesa de raiva.

— Olha só, César! Eu não devo explicação nenhuma a você, mas não quero ser mal interpretada e tampouco julgada, como parece estar acontecendo agora.

Estreitei os olhos em claro sinal de aviso, mas ela elevou o queixo e continuou sem se intimidar.

— Sua atitude dá a entender que está me confundindo com uma mulher à toa, mas vou descartar seu pré-julgamento, vou fazer de conta que ele nem existiu e explicar o que houve.

Engoli em seco, contendo a vontade de dizer que queria mesmo uma explicação.

— A Carol — Bianca continuou —, a dona do carro vermelho, é uma mulher. Está noiva, prestes a se casar.

— Mas seu vizinho disse que... — comecei, e ela me interrompeu.

— Minha amiga sempre gostou de se vestir de forma nada feminina, e quem a olha de longe pensa ver um rapaz, mas essa é a opção dela, ela se sente à vontade assim. Carol é dona de uma academia e me levou para fazer aula de dança, bem ao lado da empresa de vocês. Chegando lá me ofereceu uma vaga de recepcionista e acabei aceitando. Como comecei imediatamente o trabalho, desliguei o celular e não me lembrei de ligar novamente.

— Isso quer dizer que aceitou o emprego?

— Sim!

— Por que fez isso? Falei que iria arranjar um emprego na empresa.

— Eu sei, César, mas é complicado, não posso ficar de braços cruzados esperando; preciso pagar minhas contas, tenho aluguel para pagar e todas as outras despesas.

— Bastava falar comigo, eu poderia pagar todas as suas contas, não precisava dessa urgência toda. Uma menina no RH irá se mudar e por isso eu estava esperando para falar com você.

Ela pareceu incrédula e me olhava como se estivesse brotando chifres na minha face.

— César, eu já aceitei o trabalho, comecei hoje mesmo e não vou desistir. Além disso, não poderia te pedir dinheiro, não tem lógica, você não é NADA MEU!

Essas duas palavras ficaram piscando em minha cabeça, em letras garrafais. Eu cheio de amor para dar, cheio de ciúmes, cuidado, carinho, tinha entregado meu coração para ela, mas Bianca não dava a mínima para meus sentimentos. Eu queria até pedir perdão por minhas palavras anteriores, por julgá-la, mas não consegui.

— Você está certíssima, eu não sou nada seu para querer me meter em sua vida; pode deixar, isso não vai mais acontecer.

Ela ficou falando algo mais, mas suas palavras haviam se tornado letras distorcidas. Totalmente sem foco, em meus ouvidos só havia zumbidos me afastando da dura realidade em que meu coração mais uma vez me enfiava.

Assim que cheguei a minha casa, liguei para o Alex, e no primeiro toque ele atendeu.

— Fala aí, garanhão! Não está muito cedo para sentir saudades de mim, não? Nós nos vimos faz pouco tempo, e acho que você havia me dito

que não queria ser incomodado, pois teria um belo encontro com seu bombom.

— Para o inferno meu encontro, chega, chega, Alex! Cansei, não houve encontro, e nunca haverá. Bianca só pensa em curtir a vida medíocre que ela leva, não está nem aí para quem a quer de verdade.

— César, o que aconteceu? Diga onde está, que vou te encontrar.

— Não precisa, meu amigo, eu vou ficar bem, sempre fico bem. Só preciso de uns dias de férias. Você consegue ficar sem mim? Preciso colocar os pensamentos no lugar. Se precisar de mim, é só me ligar, que volto correndo, mas neste momento preciso me afastar.

Comecei a chorar pra caramba, quem diz que homem não chora?

Essa mulher tinha ido ao mais profundo abismo, resgatara de lá as chaves do meu coração e, para quê?

Eu já estava tão bem sozinho, já havia me recuperado dos golpes da vida, e ela vem, e devasta minha existência como um vendaval.



Vinte e Sete

“Eu amava como amava um pescador
Que se encanta mais com a rede que com o mar
Eu amava como jamais poderia
Se soubesse como te encontrar”
Lua e Flor, Oswaldo Montenegro

Bianca

Uma amiga me ligou comunicando que viria me pegar para irmos até sua academia, que por coincidência ficava ao lado da empresa dos meninos. Fiquei tentada a ir até lá, dar um oi, um beijinho, retribuir o carinho que César havia dedicado a mim durante todo o final de semana.

Mas venci a tentação e peguei firme no trabalho. Desliguei o celular e comecei com a Soraia, a recepcionista atual, que me passava todo o serviço. Ela já estava no final de uma gestação e precisava se afastar. Seria um trabalho temporário, só pelo período de licença maternidade.

Meu coração estava cheio de saudade daquele homem delicioso. Até então ele não havia classificado, dado um nome ao nosso relacionamento, mas, fosse qual fosse, eu estava amando e, pela primeira vez depois de tantos tropeços, estava me sentindo no céu.

Minha amiga me deixou em casa, estava com as pernas doloridas de ficar o dia todo em pé. Até pegar a prática da academia, eu também me sentiria um caco.

Coloquei o vinho para gelar e uma água no fogo, para fazer uma massa. Peguei meu celular e vi que ainda estava desligado, precisava ligar para o César. No mesmo momento a campainha tocou e pude constatar que era o homem mais lindo que vinha povoando minha mente nos últimos tempos.

Destravei o portão no automático e abri um sorriso, estava louca para agradecer as flores e os mimos que havia encontrado na varanda, embora o bilhete fosse meio sucinto. Ele é sempre muito romântico, não entendi, mas também as pessoas não precisam ser um clichê ambulante a todo instante. Homens são assim, não conseguem fazer tudo perfeito.

Vi que ele estava cabisbaixo, andando lentamente, então fui ao seu encontro já agradecendo. Quando pensava em me jogar em seus braços, César se afastou e me questionou sobre onde eu estava.

Percebi que ele não estava normal, parecia tomado de raiva enquanto me cobrava satisfação. Nós, porém, não tínhamos nada concreto um com o outro para que ele exigisse um relatório da minha vida, ainda mais daquela forma.

Perdi logo a linha do bom senso, que por sinal é curtíssima, e mostrei a ele que, daquela forma, não conseguiria tirar alguma coisa de mim.

Eu só não imaginava que o incêndio já havia tomado toda a floresta.

César se calou e ficou esperando minhas justificativas. Sr. Germano havia dito para ele que eu tinha saído com um amigo, mas não fora com um amigo, e sim com uma amiga. Realmente, olhando de longe, parece um rapaz, *mas que povo fofoqueiro!* O pior foi o “sem noção” que, todo marrento, veio logo querendo uma D.R. justo comigo! *Ele que vá à merda.*

César pareceu acreditar no que falei sobre minha amiga, mas ainda bufava de ódio. *Será que ele pensa que sou do tipo que sai com um homem diferente a cada dia?* Sei que uma vez lhe falei que queria encontros casuais, mas ele mesmo me fez ver que dessa forma eu não me valorizava. Eu havia me sentido uma vagabunda, pela forma como ele havia falado comigo que eu não tinha amor-próprio.

Ele veio armado para brigar, então que vá com seu preconceito para o raio que o parta. Vou mostrar que não sou a mulher boba e fácil que ele pensa que sou.

Até tentei jogar as flores fora, mas não tive coragem. Fiquei com tanta raiva que devorei todos os chocolates em poucos minutos e passei a noite chorando.

Sei que fui grosseira, mas ele me magoou também, e por isso o coloquei em seu devido lugar; embora depois, sozinha, tenha me sentido péssima pelos meus atos.

Passei uma semana de merda, ainda mais tendo que olhar todos os dias, ao entrar em casa, para as rosas que ele havia me dado.

Achei que até o final de semana ele fosse me procurar para conversarmos, mas César não apareceu.

~Uma semana depois~

César havia pedido férias da empresa, mas foi obrigado a retornar, pois a Emilly precisou fazer uma cirurgia de emergência, devido a um apendicite, e Alex ficou desesperado.

No primeiro dia ficamos todos na recepção do hospital, e César olhava para todos os lados menos para mim. Respeitei seu espaço nos dias que se seguiram.

Ele não apareceu na empresa, e Alex não se desgrudou da esposa, mas, quando ela recebeu alta, César pediu ao amigo que avisasse quando eu saía e então a visitava. Aproveitava para ficar um pouco com as crianças e, assim, acabamos ficando tempos sem nos vermos.

Emilly pediu que eu ficasse em sua casa ajudando durante aquele mês, por conta da cirurgia e das crianças. Apesar de ter a babá, ela se sentia mais tranquila com minha ajuda, já que não poderia pegá-los no colo. Então pedi conta na academia e, assim que cheguei a sua casa, ela me comunicou que minha carteira já estava assinada. Eu já era funcionária da empresa de seu esposo, quero dizer, na empresa do César e do Alex.

Fiquei durante aquele mês ajudando minha amiga. Logo depois iniciei na empresa, mas em momento algum me encontrei com o César lá e, por esse motivo, vinha sofrendo todos os dias.

Nunca imaginei que eu pudesse amar alguém assim, ele conseguiu travar todos os meus passos, nem sair e tentar me divertir eu conseguia mais. A única coisa que me dava prazer era babar pelos gêmeos e pela Lari, que me encantava a todo momento, com seu sorriso e seus beijos molhados.

Acabamos nem comemorando seu aniversário, mas no próximo ano ela teria uma grande festa para recompensar essa falta.

Eu ficava tão deprimida ao imaginar que poderíamos estar ali naquele momento, fazendo isso juntos, como dois dindos babões...

Era como a vó Glória sempre fazia questão de me lembrar: eu seria a única responsável por minhas escolhas. Parecia até que ela já sabia o que iria acontecer, mas, como sempre na vida, não medimos nossas palavras e nem as atitudes, só paramos para pensar quando as consequências dos equívocos cometidos batem a nossa porta.

Emilly me convidou para almoçar, e fui com o coração na mão, mais acelerado que carro de corrida, não sei se de medo, desejo, ou se pelas expectativas de me encontrar com César.

Eu ainda queria pedir desculpas por ter sido tão rude. Sou boba mesmo, não consigo guardar rancor por muito tempo. Sei que no momento fiquei possessa e explodi com ele, mas depois tentei ligar, precisava me desculpar. César, porém, não me atendeu. Até tentei descobrir algo sobre ele com minha amiga, mas ela falou que não sabia.

Almoçamos e ficamos jogando conversa fora, até que escutamos um barulho e Alana entrou, feito um furacão, destilando seu veneno:

— Gente, quem é a mulher que eu vi com o César desembarcando hoje, num voo de Guarulhos?

— Boa tarde, Alana, como vai você? Tenho certeza de que a mamãe te deu educação — disse Alex.

— Desculpe! Boa tarde, pessoas lindas da minha vida! Oi, Bianca! Você estava aí? Nem tinha te visto.

— Boa tarde, Alana, como está? — respondi com voz de poucos amigos.

— Acredito que estou melhor que vocês. Pela cara de enterro dos três, só poderia ser o César mesmo quem eu vi. Vão ou não vão me contar quem é a loiríssima que ele engravidou?

Alex, puto da vida, respondeu rispidamente à irmã:

— Pode ir parando com essa palhaçada, Alana, ninguém tem nada com a vida do César, deixe o cara curtir a vida dele.

Alex foi até o escritório, pegou os documentos que sua irmã tinha ido buscar e lhe entregou. Ela saiu com ar de vitória, como quem diz: eu não fiquei com ele, mas você também não.

Eu já nem sabia o que estava me consumindo; se raiva, se toda a situação, ou se o casal a minha frente, que deveria saber de tudo e estava me escondendo os fatos. Não me segurei e explodi:

— Então é por isso que vocês dois nem tocam no nome dele comigo, né? Já sabiam e eu aqui me culpando pela forma como falei, fazendo papel de idiota, quando ele só queria arranjar uma desculpa para não me ver mais. E não precisa admitir que errou quando estava ainda comigo.

Emilly, já chorosa e toda sensata, com toda a paciência do mundo, abraçou-me e eu não consegui nem empurrá-la, tão carente estava daquele abraço.

— Quando foi que menti para você? — respondeu. — Quando não pôde confiar em mim?

Alex logo me abraçou, junto com a esposa. Então, parecendo chateada e ressentida, ela continuou a falar.

— Não sabemos de absolutamente nada, ele só falou que precisava de um tempo e comunicou que estaria tirando férias. Falou que tinha problemas pessoais para resolver, mas tenho certeza de que existe uma explicação para tudo isso e que, assim que chegar, ele irá nos explicar.

Eu não precisava de explicação, já estava tudo muito claro, até porque ele era livre e desimpedido, podia engravidar quantas mulheres quisesse.



Passei a noite em claro e chorei horrores, não consegui beber nem água. Acho que nunca me senti tão frustrada, nem quando os dois imbecis resolveram me pôr chifres.

Antes de ir para o trabalho, precisei abusar no corretivo e no pó. Não gosto de usar maquiagem, só uso batom, mas naquele momento seria impossível ficar de cara limpa.

Coloquei os cabelos para o alto deixando uns fios soltos, vesti uma calça jeans clara, uma blusa branca de poá, de seda, dobrada na altura do antebraço e com um decote em V. Depois de calçar uns saltos pretos e me perfumar, peguei a bolsa e saí.

Ao chegar ao corredor da minha sala, percebi um alvoroço e notei que as funcionárias estavam falando do César, do retorno dele. Meu coração aumentou de proporção.

Uma delas disse que daria tudo para que ele a olhasse e a outra respondeu que César só gostava de “avião” e loira; que se não fosse loira ele jamais *pegaria*. Tive que rir.

Então uma terceira mulher as chamou de burras, afirmando que ele não iria dar mole para simples mortais, e ainda pobres. Tive vontade de gargalhar quando uma delas, a negra, toda eufórica, disse que, mesmo sabendo desse detalhe, não parava de sonhar e imaginá-lo pegando em seus cabelos *black* e imprensando-a na parede enquanto a possuísse.

A vontade de gargalhar se multiplicou e, na mesma hora, eu me senti deprimida; revivendo um dos momentos em que fizemos amor exatamente como ela tinha descrito.



*Vinte
e
Quito*

César

— Olá, Gustavo! — saudei.

— Tudo bem com o senhor?

— Tudo bem, obrigado. — Acenei com a cabeça. — Pode pedir, por favor, que tragam as planilhas que o Alex deixou assinadas. Preciso assinar também, as obras do Piraí estão paradas por causa desse material. Preciso disso agora, tenho que sair daqui a alguns minutos.

— Ok, chefe! É para já.

— Obrigado, Gustavo!

Um momento depois, houve uma batida à porta e, presumindo que fosse alguém trazendo as planilhas que eu havia pedido, mandei entrar. Nada, porém, havia me preparado para rever o mulherão que se materializou a minha frente, e minha respiração ficou suspensa no ar. Por

alguns segundos ficamos congelados, sustentando o olhar um do outro, até que meu interfone tocou e nos tirou daquele transe.

Atendi à ligação e fiz sinal com uma mão para que ela se aproximasse. Era minha secretária anunciando a chegada de alguém que eu aguardava e eu pedi que a mandasse entrar também. Quando Bianca ficou de frente para mim, seu perfume já havia dominado todo o meu ser; o perfume que atormentava minhas noites e meus dias.

Apesar da ausência e de estar atolado de problemas, eu sempre pensava nela. Bianca ocupava minha mente todos os dias, de minuto em minuto, até durante o sono, porque bastava que eu fechasse os olhos e ela vinha atormentar meus sonhos.

Eu sempre ligava para Alex e perguntava por Bianca, mas ele dizia que Emily estava cuidando dela, e isso me deixava tranquilo.

Notei vagamente que alguém entrava pela porta, mas estava absorto em Bianca, então resolvi quebrar o gelo:

— Oi, Bianca! Tudo bem com você? — perguntei.

— Estou bem! E você?

— Indo. Não sabia que estava trabalhando aqui, Alex não me comunicou nada.

Antes que ela pudesse responder, comecei, impelido pela falta de ar, a tirar o paletó e a afrouxar a gravata. Abri dois botões da blusa, as abotoaduras e dobrei as mangas, mas mesmo assim o ar me faltava nos pulmões.

Quando ouvi um pigarro, eu me dei conta da outra pessoa na sala. Desviei os olhos e vi que Madalena observava atenta a cena entre mim e Bianca. Esta se virou e olhou, intrigada, para a outra mulher, a bela loira que nos observava.

Pedi a Bianca que se sentasse, e ela me estendeu as pastas. Nossos dedos se roçaram, os olhares se cruzaram e fiquei perdido no dela. Outro pigarro nos tirou de nossa busca por palavras, e deposei as planilhas sobre a mesa. Pedi um minuto e me levantei, encaminhando-me em direção à mulher que estava no centro de minha sala.

— E aí, meu príncipe, como você está? — a loira me perguntou sem tirar os olhos da Bianca —, estou atrapalhando?

— Claro que não!

— Não irei demorar muito tempo, Madalena, só preciso deixar umas planilhas assinadas, e então estarei livre para sairmos. — Você tomou café?

— Eu vi que deixou a mesa do café pronta, mas há alguém aqui que desde a hora em que você saiu não me deu sossego.

— Sabe que está amamentando, precisa se alimentar bem. — Estendi os braços na direção dela e peguei o bebê no colo. — Fique à vontade, não irei demorar.

— Pode ficar tranquilo, ainda temos tempo.

— Olha a tia Bianca aqui, meu príncipe.

Ela não demonstrou nenhum tipo de reação, deu um sorriso fraco e eu o devolvi para a mãe, retornando a atenção para Bianca.

— Está tudo bem? Você está um pouco pálida.

— Eu... Eu só fico assim quando passo muito tempo sem comer. Acho que aquela anemia ainda me ronda.

Ela tentou sorrir, mas fracassou.

Interfonei para minha secretária e em frações de segundos ela entregou para a mulher em minha frente um copo com *cappuccino*. Bianca na mesma hora pegou e agradeceu.

— Sabe que tem que se cuidar, né?

Madalena logo se levantou da poltrona com o Marquinho no colo e veio para perto da Bianca. Meu coração disparou, sabia que ela estava incomodada com a presença da loira.

— Minha querida, se o César cuidar de você, em dois tempos ficará boa. Eu, por causa da gravidez, fiquei anêmica e o César foi essencial em nossa vida; ele tem umas receitas infalíveis.

— Ok! Obrigada! — Bianca foi sucinta na resposta.

Estendi as pastas e as planilhas já assinadas para Bianca. Ela pegou, pediu licença e saiu feito um foguete.

— Vamos, garotão, senão vão perder o voo.

Assim que Bianca saiu da minha sala, Madalena falou:

— Sabe que essa garota está apaixonada por você?

Respondi que era só impressão dela, tentando parecer normal.

— E você está sentindo o mesmo por ela.

— Será que agora resolveu dar uma de cupido, ou decidiu virar vidente?

— Nenhum dos dois, só estou dizendo o que ambos estão deixando transparecer. Seus olhos ficaram reluzentes quando a olhou, e, durante o tempo que você levou assinando as planilhas, ela suspirou, mordeu os lábios. Essa garota deseja você, vai ficar aí dando de cego, ou vai aproveitar a oportunidade?

Desviei os olhos, sem responder, na esperança de que ela mudasse de assunto, mas Madalena insistiu.

— César, o orgulho só destrói o homem, você é lindo e tem um coração de ouro. Não jogue fora a oportunidade, porque nem sempre a vida nos dá nova chance, permita-se amar. Você continua sendo um homem honrado, da mesma forma que foi quando me conheceu. Tinha todos os motivos do mundo para me virar as costas, mas não, olha o que está

fazendo por mim e meu filho, mesmo sabendo que o envergonhei perante toda a escola.

Fiz um gesto de pouco-caso com a mão, mas ela o ignorou e continuou a falar.

— Quando soube de minha situação deplorável, você não conseguiu nos dar as costas, não parou para pensar um minuto sequer em si mesmo. Por isso, peço: pare e dê uma chance a você mesmo.

— Ok, Madalena, depois eu penso em minha vida amorosa, por hoje quero curtir esse garotão aqui, que vai me abandonar.

— Claro que não, a hora que quiser poderá aparecer lá e será muito bem-vindo.



Almoçamos e depois a levei para o aeroporto. Esperei por seu embarque com o coração apertado, pois nunca mais os veria. Aquele garotão, em tão pouco tempo, havia ganhado meu coração, mas nunca mais eu o veria. A vida é assim, quem diria que hoje eu a estaria ajudando?

Assim que eles partiram, fui para casa com o coração quebrado.

Dois detalhes me deixaram mais que deprimido: a partida do Marquinho e o olhar da Bianca. Tive vontade de abraçá-la, mesmo com a presença de Madalena em minha sala, mas precisava respeitar seu espaço, já que foi ela quem escolheu nosso rompimento. Manter essa distância, no entanto, estava sendo muito difícil. Ficar tão próximo dela, envolvido por seu perfume e não poder fazer nada... era uma verdadeira provação. Ela me olhava de um jeito que queimava... De raiva ou de medo? Eu não sabia.

Tomei um banho quente no chuveiro, pois não conseguia olhar para a banheira sem ela, e muito menos usá-la.

O que farei sem você?



Vinte e Nove

“Sonhos determinam o que você quer.
Ação determina o que você conquista.”
Aldo Novak

Bianca

- Gustavo, aqui estão as pastas, todas assinadas. Preciso de um favor.
- Pode falar, Bianca.
- Preciso ir embora, não estou me sentindo bem.
- Está meio pálida mesmo, não seria melhor passar na enfermaria?
- Vou sim. Pode ficar tranquilo.

Saí correndo, queria me ver livre daquele lugar, da presença daquela mulher que estava me tirando tudo o que eu mais queria na vida. Uma coisa era ouvir alguém falar, outra era presenciar e não ser forte o suficiente para enfrentar uma perda.

Corri para a casa da minha amiga, precisava chorar, precisava de seus braços. E foi exatamente o que fiz, eu me joguei em seu ombro e chorei feito uma criança quando alguém lhe tira um doce. Lidar com suposições não se aproxima nem um milímetro de presenciar seu próprio sangue escorrendo pelas mãos de quem esmaga seu coração. Era exatamente o que eu sentia naquele momento.

Meus olhos me traíam a cada fração de segundo, pois me mostravam aquela mulher linda, loira. Seu rosto parecia meio cansado, mas o bebê em seus braços explicava isso.

Mesmo com tudo no lugar, eu me senti suja, feia e a pior das mulheres, porque, pelo que tudo indicava ele não tinha nem um pinga de caráter. Tinha ficado comigo demonstrando toda aquela paixão, enquanto ela já estava grávida dele.

Nunca irei perdoá-lo por isso.

Fiz o mesmo que havia feito quando fui traída pelo Bruno e pelo Raul. Sentindo-me suja, fui para o banheiro me lavar, precisava tirar a culpa que sentia por, mesmo que involuntariamente, ter participado dessa traição; precisava me esfregar, precisava me sentir limpa e digna de me olhar no espelho.

Emilly teve que me tirar do chuveiro, porque eu já estava me machucando na busca por estar limpa. Atuava levada pela mistura de emoções que decorriam em minha mente, memórias que deslizavam por minhas mãos; eu não queria me desprender delas, mas era preciso.

Desesperada, minha amiga tentou me convencer de que para tudo na vida existe uma explicação, uma frase muito habitual dela, com que sempre concordei, mas naquele momento isso não se encaixava em minha vida. Só estava servindo para me dar nos nervos, pois o que eu queria mesmo era

que alguém me acordasse e me dissesse que eu estava em um sonho de terror.

O pior de tudo era aquela bendita frase martelando em minha cabeça “O pior cego é aquele que vê e finge não enxergar”. Eu queria odiá-lo, mas meu coração não me permitia, e eu me socava internamente por permitir que o amor, as noites de paixão, o ciúme, o carinho, a suavidade e a saudade se sobrepusessem à decepção, à raiva, à magoa, à dura tarefa de convencer meu coração a afastá-lo de uma vez só. Essa seria a parte mais difícil, mas eu precisava classificá-lo como um grandessíssimo cafajeste.

De olhos abertos ou fechados, eu o via da sua melhor forma, com um sorriso encantador. A carga de emoção estava tomando todo o meu ser e chorei copiosamente até adormecer.

Pela manhã acordei e, antes que chegasse até a mesa do café, escutei uma conversa alterada. Parei onde eu estava, enquanto a Emilly contava para seu esposo todo o ocorrido. Ele simplesmente se negava a acreditar que o amigo havia feito aquilo.

Eu me deixei ser vista pelos dois e, no mesmo instante, as palavras morreram. Emilly logo veio me abraçar, querendo saber como eu estava.

— Bi! Você está bem? Se quiser ficar em casa, o Alex pode justificar sua falta.

— Obrigada, amiga, mas vou trabalhar. Preciso crescer, amadurecer, e não vai ser fugindo de meus afazeres que irei obter isso.

— Tudo bem, você é quem sabe, mas lembre-se: eu sempre estarei bem aqui. Tem meu ombro para se apoiar e chorar, mas tem minhas mãos para secar essas lágrimas teimosas que insistem em rolar. E mais, uniremos forças e venceremos um dia após o outro; unidas somos muito mais fortes.

Abracei minha amiga, mas me neguei a deixar as lágrimas caírem, já estava com um quilo de maquiagem para esconder as olheiras e o rosto

inchado de tanto chorar.



César

— E aí, Hildinha, como você está?

— Eu estou bem! E o senhor? Está sumido e com esse rosto abatido.

— São noites intermináveis sem dormir, minha querida!

— Pelo visto, realmente estão tirando seu couro, né?

Tive que gargalhar, fazia tanto tempo que eu não sorria e a Hilda conseguiu colocar um riso em meu rosto.

Eu e Alex a conhecíamos havia algum tempo. Ainda íamos à faculdade quando ela começou a trabalhar lá, bem no finalzinho de nosso curso. Já estávamos montando a empresa, e ela sempre foi uma pessoa muito extrovertida, amiga, então não pensamos nem duas vezes em convidá-la para trabalhar conosco. Ela aceitou e sempre cuidou de nós dois com muito carinho e dedicação.

— Ai! Se você soubesse como! — comentei e então perguntei a ela:
— Nosso chefinho está aí?

— Está sim! Pode entrar, ele já deixou avisado que o senhor poderia entrar direto.

— Beijos, lindona!

Assim que me viu entrar em sua sala, Alex me cumprimentou sério e eu soube que vinha chumbo grosso.

— Oi, César! Como você está?

— Indo, na medida do possível, e meus bebês, como estão? Estou morrendo de saudade — eu disse meio receoso, intimidado pela seriedade em sua voz.

No mesmo momento ele pôs um sorriso no rosto e respondeu, cheio de amor e ternura:

— A cada dia mais lindos, sinto tanta falta deles e da minha esposa, que fico com o coração partido em deixá-los e vir para a empresa. Acho que vou me aposentar mais cedo do que o esperado.

Gargalhei ante o drama do meu amigo.

— Para, Alex, não precisa disso tudo. Diminua seu horário e já vai estar mais tempo com eles.

Tomando uma posição mais ríspida, ele começou a falar:

— Vamos parar de conversa fiada, que o assunto agora é sério.

— Já que vamos conversar, peça um café, porque não dormi direito, já estou ficando com dor de cabeça.

Alex interfonou para sua secretária, pediu água e café.

— A Srta. Bianca está aqui com as pastas, peça a ela que entre e, assim que deixar a água e o café, não quero ser interrompido por ninguém... Sabe que só minha esposa fica fora desse grupo.

Bianca entrou no momento em que ele ainda estava falando com a secretária, então Alex fez um gesto com a mão convidando-a a entrar.

Ela travou assim que me viu, nossos olhos se cruzando. Linda como sempre, mas com um olhar opaco e abatido, como o meu, embora tivesse abusado da maquiagem.

No mesmo momento desfez o contato visual e olhou fixamente para Alex. Quando ele pôs o telefone no gancho, ela disse:

— Alex, posso voltar depois para buscar as pastas.

— Claro que não, Bianca, pode me dar as pastas, e sente-se aqui.

A secretária dele entrou e depositou sobre a mesa o que ele havia pedido. Depois de nos servir café, ela saiu e Alex começou, sem rodeio:

— César, tenho respeitado seu espaço, mas... — sua voz morreu assim que, como no primário, levantei a mão pedindo a palavra.

— A conversa será sobre minha vida particular? — indaguei atordoado. — Não estou entendendo por que a Bianca tem que ficar aqui.

Na mesma hora ela se levantou e se dirigiu ao Alex.

— Desculpas! — Bianca pediu. — Posso voltar outra hora.

— Sente-se, por favor, Bianca — Alex lhe respondeu me recriminando com o olhar.

Eu já estava inebriado com o perfume dela — Ai que saudade eu estava sentindo dessa mulher! — e meu corpo já estava respondendo a sua presença. Seu cheiro já havia me invadido por inteiro, aquele cheiro de lavanda, de quem acabou de sair do banho. Eu já começava até a enxergar um pingo de água escorrendo por todo o seu corpo; desejei secar cada partícula, uma por uma, com minha língua. Aquela tortura, no entanto, estava me deixando enfurecido, pois eu não podia nem mesmo colocar a mão nela.

Sacudi a cabeça afastando todo e qualquer pensamento.

Alex, percebendo minha impaciência, falou:

— Aproveitem enquanto assino estas pastas, fiquem à vontade, tomem mais um café e conversem.

Indignado, percebendo seu jogo, reclamei:

— Alex, eu tenho uma pilha de trabalho para colocar em dia.

— Ninguém mandou ficar por aí bancando o corno arrependido! — ele explodiu em uma fala ressentida. — Parece ter esquecido que foi humilhado perante todo mundo dentro daquela “bendita” escola, porque agora tem coragem de olhar para aquela víbora e ainda ir para a cama com ela! Ainda bem que eu não estava aqui, que não tive o desprazer de me encontrar com ela por esses corredores! Eu nem sei o que faria, com certeza perderia a cabeça. Você me acusou, quando tive um problema com a Emilly, de só pensar com a cabeça de baixo, então agora responda: com qual cabeça estava pensando, hein?

Bufando de raiva, eu questionei:

— Acabou com o show sobre minha vida particular? Eu até agora não entendi o porquê de a Bianca estar aqui, se o problema é comigo.

Ele ficou de pé, sustentou meu olhar e respondeu.

— Porque tenho um aviso para dar aos dois.

No mesmo instante se sentou, bagunçou os cabelos, passou as mãos pelo rosto no gesto impaciente que fazia sempre que algo saía de seu controle.

— Poxa, César! Sempre jogamos limpo um com o outro, sempre fomos como irmãos, amigos, nunca chegamos a brigar de fato e, nas poucas vezes que isso aconteceu, não levamos nem dez minutos brigados; nunca nos separamos, nunca tivemos segredos... Como você tem coragem de retornar com essa louca das cinzas, ainda fazer um filho nela e não ter a dignidade de me falar nada? Afirmar que era impossível que você tivesse

engravidado alguém e não tivesse me participado, sabe como me senti traído e excluído da sua vida e por você?

Explodi, não aguentava mais ser acusado:

— Para, Alex, não viaja, de onde tirou essas sandices? Começou a trabalhar agora com suposições? Porque quem está magoado aqui sou eu. Se eu não falei nada, é porque não tinha nada para falar. — Suspirei cansado. — Sim! A-JU-DEI a Madalena, como faria por qualquer pessoa. — Lembra que falei que estava recebendo umas ligações anônimas e que, do outro lado da linha, só ouvia a respiração?

“Isso estava me deixando enlouquecido, então o Wendel, meu amigo policial, conseguiu rastrear o número e nós viajamos para São Paulo, para descobrir o autor das ligações, os motivos...

“Alex, você não vai acreditar, não tem noção da cena que se desenrolou na nossa frente. Parecia um cativado, era um cubículo sujo. Havia um cara bêbado, ou drogado, caído num colchonete no chão, e uma mulher loira, com uma criança no canto da parede, chorando, mãe e filho. Ela estava suja, fedendo, e a polícia, quando entrou, mal coube lá dentro.

“Com o susto ela suspendeu a cabeça e eu não acreditei quando vi quem era. Madalena logo tampou o rosto com as mãos, então na mesma hora peguei aquela criança em meus braços, prometendo tirá-la daquele lugar fétido e imundo de todas as formas.

“Madalena só chorava, mas fomos todos para a delegacia. Ela fez corpo de delito e havia marcas de espancamento, um corte no supercílio... Isso sem contar aquela criança, tão vermelha de tanto chorar, faminta; podíamos escutar o roncar de seu estômago.

“Vocês dois têm noção de como me senti vendo aquela cena? Sabe que eu só conseguia pensar no dia em que você, Bianca, descobrisse? Se seria capaz de me perdoar... Mas minha consciência me dizia que você iria me

achar um homem honrado e digno. Isso era o que me importava, porque em momento algum olhei para aquela mulher como alguém do passado.

“Você me fez descobrir, Bianca, que aquela mulher não significou nada na minha vida. No exato momento em que me fez correr de sua casa, eu descobri que não sentia mais rancor pela Madalena, não existia aquele ressentimento, aquela dor havia dado lugar a outros sentimentos, e eu tinha esquecido que um dia ela havia feito parte da minha vida; por isso fui capaz de ajudá-la.

“Saímos dali, passei em umas lojas, ela comprou coisas para si e para o bebê. Depois fomos a uma farmácia comprar tudo de que precisariam e os levei para o hotel onde estava hospedado.

“De madrugada o bebê chorou e ela não escutou, estava apagada de tanto cansaço, então o levei para meu quarto, fiz mamadeira, cuidei dele... Assim seguimos durante todo aquele mês e eu os levei a um médico.

“Consegui falar com a tia dela, que mora na Itália, e ela me garantiu que irá cuidar deles. O pai do bebê vai ficar preso por um bom tempo e deu autorização para eles irem para fora do país.

“Depois disso viemos para o Rio, comprei a passagem, dei dinheiro para ela não deixar faltar nada para o Marquinho até conseguir um emprego; embora a tia dela tenha me garantido que a sobrinha teria onde morar e trabalhar, que eu poderia ficar despreocupado.

“A Madalena me confessou, na delegacia, que me ligava, mas que não tinha coragem de falar comigo. Sabia que eu era a única pessoa que poderia ajudá-la. Quando me pediu socorro, eu não pude lhe dar as costas, não quando ela estava em um estado deplorável e ainda com uma criança.”

Era audível o sussurro da Bianca, que tentava esconder o choro e secar o nariz com as costas das mãos. Alex parecia atônito me olhando, e eu continuei.

— Eu nunca fingiria não ouvir o gemido daquela criança, nunca permitiria que meu orgulho de macho envergonhado gritasse, porque meu caráter se sobrepõe a qualquer coisa.

Observei o aturdimento dos dois ao meu redor e expandi os pulmões contendo as emoções.

— Demonstrar amor ao próximo — continuei —, colocar-se no lugar do outro, isso não é só questão de amor, mas também de caráter. E é isso! Podem me julgar da forma que quiserem, não valho nada para ninguém mesmo. A Bianca acha que sou um idiota, mas é normal.

Nesse momento a vi balançar a cabeça em negativa, mas insisti em meu ponto de vista.

— Porque para ela tudo que tivemos não significou nada. Já você, Alex, duvidar da minha integridade, desconfiar de mim, é um pouco demais, né?

Alex limpou a garganta.

— César... — ele começou a falar, mas espalmei uma mão em sua direção, voltando o olhar para ela.

— Só preciso dizer mais uma coisa a você, Bianca: eu descobri quando te conheci — segurei seu maxilar e corri toda a extensão de seu rosto em um gesto de carinho, emoldurando sua face em minha mente — que nunca senti amor pela Madalena. Era desejo, era doença, era posse, e durante esse tempo que passei no mesmo ambiente que ela nunca a vi como vejo você, nem sequer passou pela minha cabeça desejar a minha ex-namorada, porque meus desejos são todos seus — dito isso eu me levantei e saí, os dois me chamando.

Precisava sair, estava com aquela situação toda em minha cabeça ainda, precisava digerir tudo aquilo.



*Trinta
e
Um*

Bianca

Eu só chorava, estava com medo de tê-lo perdido de vez. Alex se levantou e pediu que eu tivesse calma, que César só precisava respirar, que o havíamos sufocado com nossas acusações.

Voltei para minha sala e Alex, quase no final do expediente, chamou-me na sala dele para buscar as pastas. Quando cheguei, ele as estendeu para mim e escutei um barulho. César estava usando o toalete, lavando as mãos e o rosto. Quando me olhou, percebi que estava chorando.

Baixei a cabeça e ele ficou parado onde estava, com as mãos nos bolsos, olhando para o chão.

Na mesma hora Alex pegou de volta as pastas, colocou sobre a mesa, pegou uma fita adesiva larga e segurou minha mão.

— Venha aqui, Bianca — chamou e eu obedeci, seguindo-o.

Quando chegamos perto da parede em que seu amigo estava, Alex colocou-nos de frente um para o outro.

— O que é isso agora? — César questionou, visivelmente confuso.

— Calma, você já vai ver — Alex pediu desconcertando-nos ainda mais.

Ele colocou uma mão do César por cima da minha e passou a fita adesiva. Fez o mesmo processo nas outras mãos, ignorando os questionamentos do amigo e meu semblante estarecido. Antes de sair pela porta, como se não bastasse tudo o que havia feito, ainda diminuiu a iluminação da sala.

Já começava a escurecer e agora apenas a luz da lua, que incidia sobre o vidro da janela, banhava-nos.

— Vocês dois são muito cabeças-duras! Eu e a Emilly estamos sofrendo com todo o sofrimento de vocês. Vivem de birra e infantilidade, parece que não tiveram adolescência, então coloquei essas músicas para tocar e vou avisar na portaria que estão fazendo hora extra. Vocês estão em sentido contrário ao da câmera, portanto podem conversar à vontade.

De repente, *Impasse*, na voz de Marília Mendonça, começou a soar, e mudamos de posição, minhas costas voltadas para a parede. Abri a perna de forma que minha coluna se posicionasse sobre ela e o corpo dele se juntasse ao meu.

César se encaixou em mim e logo estávamos olhando dentro dos olhos um do outro, enquanto ele cantarolava a melodia:

“Eu só queria entender seus pensamentos
E o que realmente tá rolando
E o que te faz fugir de mim
Te juro estou tentando ler seus olhos

Mas percebo que disfarça
E não consegue me encarar”

Assim que a música terminou, iniciou-se outra, Traga-me para a Vida, Evanescence, mas, sem pedir licença, eu o beijei com fome, com desejo, e César se entregou ao beijo. Eu precisava soltar minhas mãos da fita, mas não via como, então ele sugeriu que dobrássemos o braço no mesmo momento e, feito isso, conseguiu cortar a fita com os dentes.

“Como você pode ver através de meus olhos
como portas abertas?

Conduzindo você até meu interior
onde eu me tornei tão entorpecido
Sem uma alma, meu espírito dorme em algum lugar frio

Até que você o encontre e o leve de volta pra casa”

César

Eu já havia percebido que meu amigo tinha deixado frouxa a fita, na parte do punho do meu terno, mas fingi que não, para ela achar que estávamos presos. Bastaria um puxão e estaríamos soltos, mas a bem da verdade eu estava amando aquela situação. A realidade nua e crua era que eu queria estar ali, exatamente naqueles braços.

Chorei feito criança e ela encostou a cabeça em meu peito. Eu só ouvia seus soluços. Como meu amigo havia falado, éramos realmente dois cabeças-duras.

Vendo o tempo passar, não suportando o fato de não poder segurá-la, soltei nossas mãos da fita e a abracei como ela merecia.

Pressionando-a contra a parede, eu lhe pedi perdão e uma mísera chance, para fazer tudo de novo, tentar fazer diferente. Havíamos começado nosso relacionamento de forma errada e por isso não conseguíamos nos entender, mas eu faria de tudo para ter essa mulher para o resto da vida.

Ela também me pediu perdão por tudo, por não lutar pelo que realmente queríamos, e confessou não estar aguentando mais toda aquela distância entre nós. Eu a peguei pelas mãos e a puxei porta afora.

Sorrindo do meu desespero, Bianca questionou:

— Aonde iremos?

— Para minha casa, temos muito o que conversar.

Pegamos um táxi, porque me neguei a dirigir e perder a oportunidade de ficar agarradinho com ela, e, ao chegar ao meu apartamento, eu a peguei no colo, levando para meu quarto.

Quando coloquei a banheira para encher, porém, as palavras do Alex começaram a piscar em tons fluorescentes em minha mente; queria mostrar para ela que eu era diferente, mas estava fazendo a mesma coisa.

Na mesma hora travei.

Bianca me abraçou por trás e tive que usar meu total autocontrole; fazia mais de três meses que não nos tocávamos, e ela toda manhosa...

— Bianca, pode tomar banho primeiro, depois eu tomo.

— Não vai tomar comigo?

— Não, preciso falar com a Sônia, mas pode relaxar — dito isso saí, para não cair em tentação.

Liberei a Sônia, que já havia preparado o jantar, e fui para o quarto de hóspedes tomar banho. Assim que acabei, aguardei pela Bianca na sala.

Ela desceu as escadas e, ao me ver todo à vontade, despojado no sofá, arqueou as sobrancelhas. Antes que surgisse um clima, porém, fui ao seu encontro. Beije-a e a conduzi para a sala de jantar.

Jantamos conversando, ela narrando as loucuras que estava vivendo no trabalho, contando como era divertido trabalhar com o pessoal do RH e principalmente com o Gustavo.

Assim que terminamos, fomos para a sala de estar, o aparelho de som já tocando uma música ambiente. Na mesma hora a puxei para meus braços e me sentei com ela encaixada em mim, de costas para meu peito. E assim, naquele clima de confissões, contei-lhe sobre minha infância, adolescência, até os dias atuais. Ela chorava junto comigo.

Bianca se virou e me abraçou de uma forma que me senti em casa; seus braços e seu sorriso eram meu lar.

Em seguida, percebendo que eu já havia contado toda a minha história, ela começou a narrar sua infância, adolescência e tudo que passou depois disso, até sua chegada ao Rio. Eu só sentia vontade de ampará-la.

Finalmente levei-a para a cama e nos beijamos. Afaguei seus cabelos e a abracei de costas para mim.

Bianca tentou se virar, mas a mantive assim até que pegássemos no sono. Eu a queria mais que tudo, mas havia prometido para mim mesmo que dessa vez seria diferente.

Sei que ela não entendeu meus motivos, mas eu precisava mostrar para nós dois que eu a queria porque realmente estava apaixonado. E eu faria qualquer coisa para tê-la de verdade.



*Trinta
e
Dois*

Bianca

Acordar, depois de tanto tempo, naqueles lençóis era algo desesperador, meu desejo e o amor por aquele homem iam além da compreensão.

Foi tão bom me abrir com ele, expor minha vida, embora eu me sentisse nua quando ele me olhava daquele jeito, demonstrando que já conhecia até mesmo minha alma.

Não entendi por que, mesmo estando agarrados, depois de tudo que havíamos passado, César me evitara.

Olhei para os lados à procura dele e só consegui sentir o cheiro do seu perfume amadeirado, de alguém que acabou de sair do banho. Levantei-me e fui até o banheiro, onde fui recebida pelo vapor que saía da banheira e despendia o aroma dos sais de banho.

Suspirei de desejo e, mesmo sem entender seus motivos, sacudi a cabeça, tirei a roupa e imergi.

Tomei um banho relaxante.

A última vez que eu havia estado ali, ele comprara algumas coisas para mim, e estava tudo da mesma forma, em seu devido lugar. Mesmo enquanto estávamos separados, ele não mexera em nada.

Peguei a calça preta, meus saltos da mesma cor, uma blusa marfim de seda, transpassada, e fiz um coque firme no alto da cabeça. Passei só o delineador preto nos olhos e um brilho avermelhado nos lábios, então desci à procura do meu homem complicado.

Nas escadas ouvi um som que vinha da cozinha, acompanhei a música e meu coração quase desmontou com a cena: havia um café preparado e disposto sobre a mesa, ao lado de um lindo buquê de flores coloridas. De frente para a porta, uma plaquinha onde se lia: “Há uma promoção reservada para você nesta manhã.”

César usava uma calça cáqui que abraçava perfeitamente suas coxas, e fiquei tentada a apertá-las. Cheguei a salivar e senti inveja por não ser eu arrochada naquelas pernas. Tênis pretos, blusa de malha da mesma cor, solta, tornando-o jovem e despojado, como ele era.

Encostei o ombro no marco da porta, porque meu coração perdia umas batidas com a voz linda que, juntamente com o som, repetia cada frase daquela canção, como se estivesse recitando uma poesia direto para meu coração. A canção era *Príncipe*, do Lucas Lucco, e ele seguia cantando:

“Eu quero ser seu príncipe encantado

Seu eterno namorado

Te acordar com um beijo meu, só meu

Eu quero ser seu príncipe perfeito
Se não for eu dou um jeito
Você sabe eu sempre dou um jeito”

Ele se virou com a jarra de suco nas mãos e seus olhos encontraram os meus cheios de desejo. Pôs a jarra sobre a mesa e veio em minha direção.

— Bom dia! — cumprimentou com um sorriso indescritível nos lábios e se aproximou mais, parando com o rosto junto ao meu. — Está lindíssima... — Suspirou junto ao lóbulo da minha orelha e o mordiscou, dizendo que me queria mais que tudo.

Seu sussurro reverberou em minha virilha e no mesmo momento ele me beijou como se o mundo estivesse acabando e fôssemos ser engolidos por ele.

De repente parou o beijo, encostou a testa na minha e exalou alto. Pegou em minhas mãos e beijou o nó de cada dedo, depois me encaminhou até a cadeira daquela plaquinha e sorriu. O sorriso mais doce e enlouquecedor do mundo.

Tirou de trás da placa uma caixinha e perguntou, junto ao meu ouvido, se eu aceitava a promoção de namorada do ano. Ficou aguardando minha resposta.

Minha felicidade era tamanha que eu não conseguia falar, só balancei a cabeça em afirmativa.

César me beijou com fome, pegou o buquê e me entregou.

— Bianca, quero poder dar a sua vida todo esse colorido e, ainda que haja dias acinzentados, que possamos juntos dar cor a cada um deles. Quero poder pintar com você nossa história e poder cultivar dentro de você as mais belas flores. Espero que possamos juntos deixar exalar o perfume do

nosso amor, porque descobri que te amo, que você era a nuance que faltava para que pudesse despontar um arco-íris em mim — declarou e me beijou.

Dessa vez eu o agarrei e correspondi ao beijo de forma enlouquecedora, não queria soltá-lo. Eu queria poder dizer o quanto o amava, mas, além do desejo que me consumia, eu me desmanchava em lágrimas.

Consegui achar minha voz, que estava presa em algum compartimento de minhas emoções, e perguntei:

— Tem certeza de que precisamos ir trabalhar?

Ele arqueou as sobrancelhas e me deu um sorriso bobo.

— Claro que tenho, nós já temos nossos dias programados.

Sorri, um riso desesperador, mas que denotava todo o meu desejo.



Chegando à empresa, ele me deixou à porta da minha sala, deu-me um beijo casto e saiu avisando que não poderia almoçar comigo. Precisava visitar umas obras. E assim nos despedimos.

Ao entrar em minha sala, havia outro buquê: rosas brancas ao redor de sete outras, estas coloridas, fechando um círculo.

O bilhete dizia:

“Bombom,

Nunca se esqueça de que minha vida não tinha cor e que você a tingiu com seu carinho, seu desejo e sua paixão. Você completou o que faltava e rabiscou esse lindo arco-íris em mim, que será sempre nossa aliança.

Quero ser na sua vida o vento que convida a árvore a dançar. Ela responde não saber, mas ele, faceiro, simplesmente passa e lhe causa um tremor. Sem conseguir se segurar, ela, ligeira, dança e balança.

A árvore fica impressionada quando aquele simples vento consegue lhe tirar para dançar. Quero ser esse vento, para balançar suas estruturas, causar-lhe esse tremor e te tirar para dançar, só para te ter em meus braços, porque é neles que tenho prazer de estar.

Seu namorado.”



*Trinta
e
Três*

César

— Bom dia, Alex.

Com um sorriso bobo no rosto e um abraço de urso, ele me recebeu. E logo me questionou sobre nossa reconciliação.

— Conta como foi.

— Ah! Conversamos muito, foi muito bom abrir minha vida por inteiro para ela e Bianca fez o mesmo. Fiquei impressionado; nós, homens, conseguimos ser tão babacas. Aqueles caras não tiveram caráter, eu queria estar lá para quebrar a cara de cada um deles.

— Ah, mas a do Bruno você conseguiu quebrar — Alex disse, rindo.

Nesse momento gargalhamos.

— Mas queria ter quebrado mais ainda; tenho certeza de que ainda vou dar o que esse Raul merece.

Logo ele se preocupou e arqueou uma sobrancelha.

— Não vai fazer nenhuma besteira para depois se arrepender.

— Por que eu me arrependeria?

— Não sei, só espero que não caia na besteira de desenterrar esse defunto, ela ficaria com raiva de você.

— Por que ela sentiria raiva se eu a vingasse?

— Porque há coisas que devem ficar no passado, deixe isso debaixo de sete palmos e se preocupe com o andamento de seu relacionamento. Vamos deixar essa história para lá. Agora diga, como foi a noite de vocês?

Caindo na gargalhada, caçoei dele: — Olha se não está virando mulherzinha... Daqui a pouco vai me perguntar qual era a cor da lingerie dela.

Alex começou a dar socos no meu ombro e caímos no sofá de sua sala, rindo feito dois adolescentes.

— Pelo visto, foi muito boa, estava em um bom humor de dar inveja.

— Inveja tenho eu de você, que chega em casa e é recebido por sua esposa, que a tem em sua cama para satisfazer seus desejos e amá-la.

Com cara de assustado, meu amigo cruzou os braços e, sobrancelhas franzidas, questionou:

— E por que não pode fazer o mesmo, ou até melhor? Você tem a casa só para vocês dois, enquanto eu e Emilly temos que dividir espaço com os três coraçõezinhos que batem fora do nosso peito.

Senti meu peito se comprimir pela forma como o meu amigo se referia, cheio de amor, a sua família. Desejei nesse momento, mais do que nunca, formar uma família, urgentemente, com meu bombom.

Suspirei e lhe respondi:

— Nós fomos para a cama, mas a abracei, fiquei afagando seus cabelos e ela dormiu. Fiquei ali inalando aquele perfume dela, e isso só me

deixava cada vez mais ensandecido. Tentei pensar em algo diferente para conseguir dormir.

— Não!!! Se alguém me contasse eu não acreditaria! Está mudando sua orientação sexual agora? Porque não estou acreditando que, depois de mais de três meses sem essa mulher, você consegue fazer as pazes e deixar a pobre a ver navios. Será que não percebeu que ela estava esperando uma reação diferente?

— Alex, você falou que eu precisava mostrar a ela que não era só sexo, e eu resolvi começar da melhor forma possível. Esse era meu maior desafio, e eu consegui.

— Eu entendo, César, mas explicou para ela por que não fizeram amor?

— Não!

— Sabe que nesse momento, na cabeça dela, estão passando mil e uma possibilidades? E tenha certeza de que as mais tenebrosas possíveis.

— Mas estou certo de que não está chateada, ela acordou com um pedido lindo de namoro, um café maravilhoso, beijos cheios de promessas... E hoje, quando entrou na sala dela, encontrou um lindo buquê de rosas, com um bilhete que deixava muito claro como me sinto e o que ela significa para mim.

— Por isso está todo bobo exibindo essa aliança na mão.

— Claro! Você gostou? É de ouro branco e tem esses diamantes aqui no meio, que compõem o desenho de um bombom.

— Muito lindo mesmo, mas, ainda assim, acho que deveria falar com ela sobre esse assunto.

— Alex, vamos parar de conversa fiada, que temos que visitar muitas obras hoje, e a primeira tem chão pela frente.

— Aff! Temos que ir hoje a Seropédica?

— Claro que sim, e vamos logo.



Trinta e Quatro

“No amor não adianta você achar
Que as coisas vão sempre a favor da maré
Você pode esperar que sempre o grande amor mesmo
Vem meio assim, na contramão”
Contramão , Gustavo Miotto

~Dois meses depois~

César

Estávamos retornando, às dezessete e quarenta, quando o celular do Alex tocou. Como estava dirigindo, ele atendeu no viva-voz. Era sua esposa, mas ele ficou tão preocupado que não lhe avisou que eu estaria ouvindo.

Com uma voz triste, Emilly perguntou se ele já estava chegando e começaram a conversar.

Eu me desliguei da conversa dos dois e fui procurar por alguma mensagem da minha namorada, mas, para minha surpresa, não havia absolutamente nada.

Nesse momento, a voz embargada da Emilly, questionando se ele sabia lhe dizer se eu estava saindo com alguma mulher, deixou-me assustado. De onde ela poderia ter tirado um absurdo desses?

Alex fez sinal para que eu ficasse quieto, mas eu não estava preparado para ouvir as reclamações de Emilly enquanto ela tomava as dores da amiga.

— Poxa, amor, você sabe o quanto eu conversei com a Bi! Insisti que ela se abrisse com o César e desse uma chance para o amor dos dois porque acredito nisso, mas ele sempre pisa na bola.

— Por que você acha que está acontecendo alguma coisa? — Alex indagou. — César me garantiu que estava tudo certo.

— Resta saber o que é certo para ele! Antigamente Bianca tinha que colocá-lo para correr, ou ele não saía da casa dela. Agora César sempre arranja uma desculpa para não ficar com ela. Se conheceu outra pessoa, é só falar. Como você acha que ela está se sentindo sabendo que um homem viril como César, que tem essa fama de *pegador*, está há cinco meses sem sair com a namorada e ainda foge dela. Bianca está achando que ele está saindo com alguma outra mulher, e eu no lugar dela estaria pensando a mesma coisa.

— Emi, vamos deixar os dois tentarem resolver isso sozinhos, eles estão bem grandinhos e há uma explicação para as atitudes do César.

— Você está sempre pronto a defendê-lo, né, amor?

— Porque eu sei quais são os motivos dele.

— Então você está junto com ele nessa tramoia? Sabe que eu não admito traição, né, Alex... Quer saber, tchau!

— Olha aí o que você aprontou, a minha esposa está com raiva de mim e eu não tenho nada a ver com a história. Ainda mais porque o aconselhei a conversar com ela e você me garantiu que estava tudo sob controle.

— Alex, como eu poderia imaginar que ela estava se sentindo desse jeito? Eu tenho levado a Bianca para sair quase todos os dias; cinema, teatro, ópera, show com música ao vivo. Tenho feito de tudo para ser o namorado perfeito. E agora, o que eu faço?

— Eu avisei que mulher, mesmo que tudo esteja perfeito, cria uma cena; elas armam um palco e muitas ainda dão um show! Eu disse, mas você não quis me ouvir! É natural da mulher, meu caro: quando não tem o problema, ela cria.

— Eu estou com a bolsa cheia de chocolates, porque não paro de pensar nela. Comprei um bendito biquíni novo, uma estampa maravilhosa, de folhas, com o fundo coral, e imaginei a Bianca dando pulos de alegria só por ser um fio-dental. Só eu sei como estou, subindo pelas paredes e me segurando para não a agarrar. Por isso estou fugindo dela. Poxa, Alex, será que ela não entendeu que eu a amo, que não seria louco de sair com outra mulher? Eu só queria fazer tudo certo para ela acreditar nos meus sentimentos.

— Mas, sabe qual é o seu problema, César? É não escutar. Eu falei para você: CON-VER-SA com ela. Bota uma coisa nessa sua cabeça, não existe relacionamento sem diálogo.

Não conseguia mais ouvir meu amigo falar, já estava desesperado, com medo de perdê-la depois de tanta luta. Não conseguia parar de passar a

mão pelo rosto e puxar os cabelos, que já estavam imensos, e me dei conta de que precisava cortá-los urgentemente.

— Pode me deixar na casa dela, Alex.

— César, vê se não conta o que a Emilly disse, ela estava conversando comigo e nem se deu conta de que você estava aqui. Eu já vou ter que arranjar uma manobra para domar minha fera quando chegar em casa, então não me arranje mais um problema.

— Pode me deixar na casa da Bianca, por favor? — repeti e fingi nem ouvir o que ele me falava.



Toquei o interfone, o portão estava trancado, e só depois de três toques ela atendeu.

— Boa noite, quem é?

— Sou eu, amor!

— César?

— Tem outro amor além de mim?

Ela deu um riso fraco e disse não. Tive que rir imaginando sua cara naquele momento.

Bianca destravou o portão e eu entrei. Quando alcancei a porta, já estava destravada, e minha namorada se encontrava de costas para mim, junto à pia da cozinha, escorrendo macarrão.

— Oi!

De onde ela estava, respondeu com um “Olá!”, sem nem mesmo se virar, e percebi que a coisa era mais séria do que eu imaginava.

Ela usava pantufas de gatinha rosa nos pés, e um vestidinho rosa-bebê, curtíssimo, que mais parecia uma blusa.

Coloquei minhas coisas no sofá e levei a sacola cheia de chocolates para ela, então a abracei por trás. Seus cabelos estavam num coque, para o alto, dando total acesso ao seu pescoço. Beije e inalei seu perfume, mordisquei o lóbulo de sua orelha e seu corpo reagiu instantaneamente a meu toque.

Estendi a sacola para ela, que pegou e se virou para mim, permitindo olhá-la e constatar um vestígio de ressentimento em um olhar triste, de quem havia chorado.

— Que é isso, César?

— Abre!

No mesmo momento, ela apoiou a bolsa sobre a mesa e tirou os chocolates de dentro. Havia umas cinco embalagens, com bombons finos, e quando a vi salivar pelos benditos chocolates, fiquei enlouquecido. Abracei-a novamente por trás e coloquei as mãos em seus seios entumecidos, desejando sugá-los.

— E esse pote de Nutella, você quer me ver gorda, né?

Suguei sua orelha e sussurrei: — Esse será para eu comer!

Na mesma hora ela se virou, sem sair de meus braços. Com as sobrancelhas arqueadas, questionou: — Você se esqueceu de tirar o pote da bolsa?

Eu a agarrei com mais força e a virei, pressionando-a na pia, para ela sentir como eu estava fervendo de paixão por ela. Bianca suspirou fundo.

— Não, só irei passá-lo no meu bombom preferido e degustá-lo todinho — e dei-lhe o meu melhor sorriso safado, cheio de promessas veladas.

Beijei-a consumindo sua boca como se fosse a última cereja coberta por brigadeiro, mas o desejo de ambos ia além da força de vontade e, antes que eu recorresse ao autocontrole, ela começou a abrir minha blusa.

Eu tentava tirar os sapatos com os próprios pés; foi difícil, mas consegui.

Ao passar a blusa pela minha cabeça, Bianca me olhou e sorriu com malícia. Alisou toda a extensão de meu abdome e salivou.

Quando voltei a atenção para seus lábios, ela estendeu as mãos em meu peito, para que eu desse um passo atrás, e no mesmo momento desafivelou meu cinto. Abriu minha calça e me despiu completamente. Com uma agilidade impressionante, jogou no chão seu vestidinho e, para meu total desespero, o fio-dental era vermelho.

Salivei cem vezes ao tirá-lo lentamente e desci até o chão. Peguei seu pé e o beijei com veneração, então fui subindo, beijando, mordiscando. Cheio de prazer por sua rendição, parei em seu centro e o beijei. Subi fazendo todo o caminho com meus beijos até alcançar seus seios e me fartar com desejo. Quando alcancei a sua boca, ela arfava de prazer.

Seus olhos correram de mim para a mesa e ela me virou para estar de costas para a pia; estendeu as mãos até a mesa e alcançou o pote de Nutella. Abriu, enfiou o dedo, tirou uma porção generosa e passou por toda minha extensão. Enquanto fazia isso, ela me olhava e passava a língua pelos lábios. Sem aviso sugou todo o chocolate, fazendo-me arfar.

Eu já não aguentava mais, então a peguei pelos ombros e a coloquei sobre o granito da pia, puxando-a mais para mim. Sem cerimônia, eu a penetrei. Não era normal todo aquele desejo guardado, reprimido durante aqueles meses, o prazer indescritível consumia meu corpo e, aparentemente, o dela também.

Quando eu quase chegava ao ápice do prazer, notei que Bianca também estava quase lá. Sussurrava meu nome, e eu, o dela quando me dei conta de que estávamos deitados no sofá, Bianca por cima de mim. Rimos sem entender como havíamos chegado à sala.

Carreguei-a para o banheiro, pois precisávamos de um banho, estávamos grudentos de suor e chocolate, e até em nossos cabelos havia vestígios do doce.

Tomamos um longo banho, cheio de carícias, e logo após, já vestidos, estávamos novamente na cozinha.

Enquanto eu catava a bagunça, ela ia terminando um macarrão gravatinha com molho branco e, em outra panela, um molho de camarão.

Bianca pediu que eu arrumasse a mesa e foi até a sala com um vaso redondinho, brilhoso, nas mãos. Ao retornar, dentro do recipiente havia duas rosas, uma azul e outra vermelha; foi no centro da mesa que o depositou, enquanto me olhava e sorria.

Nós nos sentamos e jantamos, então, logo depois, eu a ajudei a secar a louça que ela havia lavado.

Bianca pegou os bombons para comermos na sala. Assim que me sentei no sofá, encaixou-se em mim, mordeu um pedaço de chocolate que estava em suas mãos e me beijou. Como eu estava com saudades daquilo!

Quando ela pegou o controle, que estava no sofá, para ligar a TV, eu segurei sua mão e avisei que precisávamos conversar. Bianca me olhou desconfiada, baixou a cabeça e encolheu os ombros, totalmente constrangida.

Segurei seu queixo e a beijei castamente nos lábios, então seus olhos encontraram os meus.

— Bianca, já falei o quanto te amo. — Ela balançou a cabeça em afirmativa e continuei. — Você tem alguma dúvida do meu amor por você?

— Claro que não, César.

— Mesmo assim, preciso explicar. Só hoje, quando sem querer escutei uma conversa da Emilly, foi que me dei conta de como você estava sofrendo sem se abrir comigo, e eu achando que estava fazendo tudo certo.

“Eu amo você, meu bombom, e, se pudesse, estaria o tempo todo com você. Desde o dia em que a beijei, nunca mais consegui beijar outra pessoa, eu só quero você.

“Vou ser muito sincero, quando falou na minha cara que não me queria, que queria uma relação casual, eu fiquei muito chateado, porque pela primeira vez desejava ter uma relação de verdade. Senti inveja da vida do Alex, e você simplesmente me descartou, então eu fui para a boate, mas não consegui chegar perto de nenhuma mulher; uma que chegou perto de mim causou nojo, parecia que eu estava te traindo.

“Será que você consegue enxergar a proporção que tomou em minha vida antes mesmo que eu assumisse que te amava? Não precisa ter medo de me perder, ou achar que vou me interessar por outra pessoa, porque eu respiro você; quando vou dormir é a sua imagem que está no meu subconsciente; durante toda a noite você ocupa meus sonhos; com seus beijos e seu amor, quando acordo, você é meu primeiro pensamento.”



Trinta e Cinco

“Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor,
lembre-se: se escolher o mundo ficará sem o amor,
mas se escolher o amor com ele você conquistará o mundo.”

Albert Einstein

Bianca

Passei um dia de merda, na incerteza, a dúvida rondando minhas emoções. César propunha uma relação sem colocá-la em prática, e os pensamentos sobre isso arrasavam minhas emoções. Isso estava me magoando. E a pior coisa em um ser humano é se deixar envolver por ressentimentos.

Eu o queria, mas ele estava me afastando e aquilo estava sendo como um material corrosivo em minha alma, eu estava me sentindo enfraquecida.

Ouvir os comentários daquelas mulheres no banheiro acabou, mesmo que eu não quisesse, minando meu ser.

Eu sei que, às vezes, as coisas são banais e soam inexplicáveis, mas também, em alguns momentos, tornam-se as mais óbvias em nossa vida. Nunca fui uma pessoa preconceituosa, sempre me olhei no espelho amando cada detalhe em mim, desde os cabelos até minha cor. Sempre me senti uma pessoa privilegiada por ser exatamente quem sou, mas, justo hoje, os conflitos internos resolveram aparecer e me senti perdida dentro de mim.

Cheguei em casa, tomei um banho e me neguei a pensar na minha relação com o César. Fui para a cozinha preparar uma massa, como se eu fosse merecedora de levar a mim mesma para jantar, e assim eu fiz. Tinha me permitido derramar lágrimas debaixo do chuveiro, mas, após isso, não mais.

Quando o interfone tocou, eu não estava a fim de atender ninguém; sabia que não poderia ser o meu namorado, pois ele não havia combinado nada comigo. Mas a insistência me fez atender e, sem acreditar em quem eu via junto ao portão, abri.

Meu coração já estava frenético como bateria de escola de samba, imaginando o que ele estaria fazendo ali sem avisar. Minha cabeça deu mil voltas e por ela passaram desde as mais simples suposições até as mais “cabeludas”.

Agindo por impulso, e sendo uma criança pirracenta, fui para a cozinha concluir o que estava fazendo, ignorando a pessoa que estava ali; exatamente a pessoa em cujo abraço eu queria estar. Mas não havia me preparado para, naquele momento, ser surpreendida e envolvida em um abraço tão gostoso — em que muros de sustentação foram erguidos com tanta cautela.

Bastou sentir aquele perfume amadeirado, aqueles músculos me envolvendo, que todas as minhas resistências foram ao chão.

Existem pessoas capazes de enxergar dentro de você e lhe dar exatamente aquilo de que precisa. Pois foi isso que ele trouxe: bombons para aliviar meu estresse e aquele bendito sorriso torto que me alucinava.

Eu não aguentava mais dissimular, desejava-o mais que tudo, precisava dele dentro de mim, e foi exatamente isso que eu busquei, não lhe dei oportunidade para se esquivar. Eu o queria e o teria naquele instante, que acabou se tornando o melhor momento que vivemos em toda a nossa vida.

Quando comecei a usar o chocolate nele, César se entregou à paixão que vivíamos naquele momento. Eu sabia que ele não iria correr de mim, não mais, e vê-lo entregue me mostrou que não só César estava errando. Eu também vinha agindo mal, pois, ao cruzar os braços acatando seu comportamento, acabava recusando-o também.

Depois de me faltar lambendo todo aquele chocolate, ele, por não suportar mais minha tortura, tomou as rédeas da situação. Foi algo excepcional, intenso, cheio de paixão, e, quando nos demos conta, estávamos no sofá da sala, rindo feito dois adolescentes afoitos que descobrem o gosto do primeiro beijo.

Continuamos com as carícias no banho, e eu não conseguia parar de sorrir. Logo, durante todo o jantar, ele foi supercarinhoso. César também me surpreendeu ao me dar mais um presente, algo inesperado vindo dele, que quase morria com meus fios-dentais.

O biquíni era lindíssimo, tinha uma cor maravilhosa. Eu já o havia visto em uma revista, era parte de uma coleção nova, que estava sendo lançada naquele mês. Isso aqueceu meu coração, não pelo presente em si, mas pelo significado. Ele tinha visto a peça e se lembrado de mim quando eu achava que não se recordava nem do meu nome.

César me ajudou a deixar a cozinha arrumada e fomos para a sala. Ao vê-lo sentado, logo me enrosquei nele, não queria dar brecha para que corresse de mim. Eu me posicionei para ligar a TV, mas ele pediu que eu não ligasse, porque precisávamos conversar.

Meu coração ficou agoniado, temendo o que ele pudesse falar. Eu não sabia se queria ter aquela conversa, mas, antes que o medo me tomasse, César, talvez percebendo meu desespero, abraçou-me forte, falando ao meu ouvido:

— Antes de mais nada, quero dizer que te amei quando te conheci, que te amei ontem e te amo hoje, que te amarei amanhã, e esse amor irá se estender cada dia mais, até chegarmos ao fim de nosso futuro. Você não foi meu melhor presente, você é meu melhor presente, a melhor versão de dentro de mim, que só o amor poderia extrair.

Ele me envolveu em um beijo apaixonado, que aqueceu todo o meu ser. Depois daquela declaração de amor, explicou todos os seus motivos.

Eu me senti uma menina tão imatura... O gelo que havia se formado dentro de mim deu lugar a um calor intenso, e ele era o propagador daquela emoção desproporcional.

Assim que concluiu a fala, eu o beijei e logo coloquei um dedo em seus lábios, silenciando-o.

Precisava me abrir com César da mesma forma como ele estava se abrindo comigo e concordava quando dizia que “só amor não forma e estabelece um relacionamento”, que é preciso diálogo para que ele se mantenha vivo.

— Quero pedir perdão por julgar suas atitudes e por magoar a pessoa que mais amo.

Nesse momento uma lágrima correu de seus olhos e ele encostou a testa na minha.

— Eu sei, César, que eu errei, nós erramos, mas estou arrependida. Gostaria de ter feito diferente e não ter perdido tanto tempo, mas a vida é assim, precisamos cair para nos erguermos com mais força e tentarmos mostrar para nós mesmos do que somos capazes.

Curvei um pouco os lábios, num quase sorriso, e prossegui.

— E não adianta prometer que não vamos errar ou falhar, a verdade é que sempre cometeremos erros. O que irá determinar nossas escolhas é nossa atitude; ceder um ao outro, não dar lugar ao que está certo ou errado e não nos deixarmos ser dominados por nosso orgulho, por conceitos preestabelecidos, não permitir que nosso ego se sobreponha aos nossos sentimentos.

Nesse momento pude observar um ar de riso que tomava seus lábios e ele me beijou, um beijo lento e calmo.

— Sabe, amor... — continuei falando. — Quando você tomou suas atitudes por conta própria e me deixou de fora de suas decisões, abriram-se lacunas em nossa relação, que começaram a ser preenchidas por medo, insegurança. A partir de então, tudo passou a ser motivo para nos distanciarmos e, quando uma coisa acontece, vão acontecendo outras, sucessivamente. E isso vai dando origem a mais erros. Eu ouvi umas mulheres conversando no banheiro, e cada palavra do que elas iam falando foi caindo feito uma luva em mim.

César me questionou sobre isso, mas preferi deixar estar, afinal aquilo já era passado. Continuei falando dos porquês daquela lacuna a ser preenchida. Resolvemos nossas diferenças e, quando nos demos conta, já era uma hora da madrugada.

Desci de seu colo, ele me pegou nos braços e fomos para o quarto. César me pôs na cama, retornou para a cozinha e, quando entrou no quarto, estava com o pote de Nutella nas mãos.

Estreitei os olhos para ele, mas sabia exatamente o que pretendia fazer e já estava adorando.



Trinta e Seis

“Saber encontrar a alegria na alegria dos outros é o segredo da felicidade.”

Georges Bernanos

~Um mês depois~

César

Ontem Bianca não quis ir para minha casa, acho que ficou chateada porque, na semana seguinte, eu teria que ir para São Paulo e a Sabrina me acompanharia. Eu não sabia mais o que fazer, já havia dado todas as provas de que a amava, de que não sabia viver sem ela, e estava ficando muito difícil lidar com o seu ciúme quando eu estava trabalhando.

Dois dias sem vê-la, mandei uma mensagem de bom-dia e, mais tarde, enviei outra, de boa-noite, mas ela não respondeu. Eu precisava que Bianca tivesse confiança em mim.

Quando estava me arrumando para sair para o almoço, soou uma batida à porta. Mandeí entrar e, para minha surpresa, era minha namorada, vestida em um tubinho preto, com saltos vermelhos, aqueles cabelos enrolados...

Eu já estava gemendo ao sentir seu cheiro, e ela, sem falar nada, veio até minha cadeira. Bianca me agarrou e me beijou, cheia de desespero e amor.

Antes que eu pudesse falar alguma coisa, virou-se e me mandou abrir seu fecho-ecler. Para minha perdição, abri lentamente seu vestido e, quando o vi cair ao chão, minha cabeça deu volta ao mundo em frações de segundo.

Ela com aquela desgraça de fio-dental rendado, vermelho, e o sutiã meia-taça fazendo jogo, fez que eu grunhisse. Parecia estar em uma missão, não falava, não me permitia falar e, quando eu pensava em abrir a boca, posicionava um dedo sobre meus lábios. Eu fazia questão de mordê-lo, e ela soltava um gritinho manhoso.

Abriu minha calça e começou a me beijar. Antes que eu chegasse ao ápice, montou em mim e parecia possuída, pois me fez gozar como nunca em minha vida.

Ela ainda estava grudada em mim, e eu a abracei com desespero, até que me lembrei da praga das câmeras. Peguei o telefone e liguei para o departamento de TI, para o Maurício, pedindo que desligasse as da minha sala durante uma hora.

Agradei e, assim que encerrei a ligação, ela se preocupou:

— Amor, eu nem me lembrei das câmeras.

— Espero não ter dado motivos para o pessoal do TI ir para o banheiro.

— Ah! Amor, vou morrer de vergonha.

— Não se preocupe, porque a essa hora todos estão almoçando, vai dar tempo de ir lá e apagar antes do retorno do pessoal, sem que ninguém veja minha mulher fazendo seu amor feliz.

— Seu chato!

— Um chato que te ama! E estava louco de saudades.

— Eu também! Não aguentei a distância.

— Eu só respeitei seu pedido.

— Sei que às vezes eu sou intransigente, mas eu te entendo, embora não aceite.

— Se dependesse de mim, eu mudaria a pessoa que me acompanha, mas não posso.

— Tudo bem, vamos mudar de assunto.

— Bi, já almoçou?

— Não, preferi vir te dar algo para comer primeiro e agora preciso que me alimente.

— Uau! Adoro quando está assim, atrevida! Mas vamos ao banheiro, que quero te dar um aperitivo antes de te levar para almoçar.



À noite fomos para o meu apartamento e ficamos agarrados nos amando e reafirmando nosso amor. Foi assim durante todo o final de semana e, na segunda pela manhã, após levá-la para a empresa, eu me despedi e fui para São Paulo.

Depois de algumas reuniões com o casal de empresários, para sabermos quais eram suas expectativas, a Sabrina, arquiteta e decoradora que eu deixaria responsável por todo o projeto, conseguiu detectar um pouco do que eles queriam, mas, observando de fora, pude perceber a personalidade de cada um. Assim, consegui apresentar-lhes algo composto de elementos aconchegantes, acolhedores, e eles amaram o projeto.

Nos dias que se seguiram, consegui falar com minha namorada durante todas as noites e, às vezes, na hora do almoço. A saudade, porém, estava me consumindo.

Ela havia prometido ficar no meu apartamento enquanto eu estivesse fora, então adiantei o voo e cheguei de madrugada, na segunda-feira, sabendo que Bianca estaria toda esparramada na minha cama. Eu a amaria até ouvi-la gritar por socorro. Teria que tomar rios de café e Coca-Cola para me manter de pé, porque logo o dia iria clarear, mas valeria a pena.

No momento em que entrei, a casa estava toda escura. Larguei a mala na sala e corri para o quarto; só em imaginá-la em minha cama já estava gemendo baixinho.

Fui acendendo a luz aos poucos e, para minha surpresa, a cama estava perfeitamente arrumada. Meu desejo se transformou em decepção e desespero; nem quis saber a hora, peguei o celular e liguei para ela.

No quarto toque Bianca atendeu.

— Alô! César? O que aconteceu? São quatro horas da madrugada!

— Poxa, amor, cheguei cheio de saudade, e você não está aqui! Você prometeu ficar aqui em casa.

— Eu sei, desculpe, é que vim arrumar umas coisas, tomei um banho e acabei pegando no sono. Estava cansada. Fez boa viagem?

— Sim, mas achei que iria me enterrar em você, estou cheio de saudade do seu cheiro, dos seus cabelos, dos seus olhos me dizendo que

estão seduzidos por mim.

— Para, amor, que é tarde e já estou me sentindo uma burra por estar aqui agora sem você.

— Está bom, pode ir dormir, que vou tomar um banho, preciso tirar esta roupa.

— Quer que eu tire pra você?

— Estou de terno e gravata.

— Coloque a banheira para encher com a água bem quente, acrescente os sais de banho de lavanda e agora venha cá que eu vou encostá-lo nessa pia para tirar essa gravata.

— O que está vestindo, meu bombom?

— Estou com uma blusa branca sua, de botão, e calcinha da mesma cor, rendada.

— Uau! Deixe-me abrir, um por um, esses botões, sentir o perfume delicioso de seu pescoço; os seios entumecidos, que parecem dunas, onde me perco em uma real miragem de você completamente nua a minha frente... Nesse momento já joguei até a calcinha para longe.

— Calma, amor, você ainda está vestido. Tire os sapatos, já joguei no chão sua blusa e a gravata permanece toda bagunçada no pescoço. Começo a beijar seu peito enquanto vou descendo com meu beijo e termino de tirar todo o resto.

— Bombom, a banheira está cheia e esse aroma de lavanda que inalo de seus cabelos me deixa ensandecido. Vamos entrar na banheira. A água está quente, está muito gostosa.

— A água, ou minha boca? Porque, neste momento, não consigo falar, só mostrar do que sou capaz com minhas habilidades — ela disse e senti sua respiração acelerar.

— O que foi? — questionei.

— Estou quase lá.

Engoli em seco, as bochechas queimando, minha mão percorrendo todo o meu corpo, enquanto eu imaginava seus dedos e seu toque.

— Toque seus seios com uma mão, porque a outra é a minha, que continua a percorrer todo o seu corpo até alcançar seu centro. Faça isso para mim, amor, estou muito excitado, só em me imaginar em você.

Ela arfava enquanto fazia o que eu havia pedido, e imaginei os tremores percorrendo todo o seu corpo, dos mamilos até o ventre. Bianca arquejava, um arfar rouco, alto, e minhas pernas começaram a tremer sem forças. Notei que ela sufocava um gemido e várias imagens se projetaram em minha mente — ela com o rosto enterrado no travesseiro, seu corpo trêmulo de prazer — e a acompanhei gritando seu nome.

— Amor, queria estar com você agora, para te cobrir de beijos — falei.

— Eu também queria muito estar com você agora.

— Mas a culpa é sua de não estar.

— E a culpa é sua por essa grande loucura a uma hora dessas.

— Quem manda ser essa perdição na minha vida?

— A culpa é só sua, César.

— Essa mulher ainda me mata.

Ela desligou.



*Trinta
e
Sete*

Bianca

Assim que cheguei à empresa, meu chefe pediu que eu fosse até o Meier, no escritório de contabilidade, buscar uns recibos que estavam ilegíveis, para fazermos os balanços. Saí antes que o César chegasse.

Quando conseguimos resolver todas as pendências, retornei à empresa e, para minha surpresa, as amigas imbatíveis estavam falando sobre o César.

Sem me permitir ser vista, fiquei escutando a conversa animada, a arquiteta Sabrina rindo de se acabar enquanto sua amiga falava.

— Conta para elas, Sabrina, que você só não foi para cama com o César porque não quis e por causa de uma crisezinha de ciúmes dele. Não sabia? Sabrina e César ficaram até altas horas em um bar, bebendo, e só não

rolou nada porque ela caiu na bobeira de convidar um rapaz da empresa para tomar uma cerveja e o César ficou louco de ciúmes.

— Sério, ele teve uma crise de ciúmes?

— U-hum... — a arquiteta confirmou e acrescentou: — Mas na próxima ele não me escapa.

— Não sei não, ouvi dizer que ele tem um casinho com a Bianca... — a outra duvidou.

— Ah, isso é só uma fantasia, um fetiche, ele gosta mesmo é de loiras e jamais me trocaria por uma pretinha sem-sal, que com certeza não consegue nem fazê-lo gozar.

Fui consumida pela fúria, só conseguia ver o César tomando a “bendita” cerveja com ela, quando a única coisa que eu tinha pedido fora que ficasse longe da Sabrina.

Quando elas se retiraram do corredor, saí feito um foguete, direto para a sala do Alex, e, para minha surpresa, ao entrar dei de cara com um César todo despojado, sentado junto ao seu amigo em um sofá.

Quando me viu, ele abriu aquele sorriso de tirar as estruturas do lugar — sem falar do resto — e logo se levantou, vindo em minha direção. Eu nem o olhei, fingi não vê-lo, deixando-o atordoado, e ele ficou me olhando aturdido, ainda com as mãos no ar.

— Alex, peço perdão pela forma como entrei na sua sala, mas preciso que me mande embora.

— Como é que é? — os dois falaram em uníssono.

— É isso mesmo que escutou. Quero sair da empresa. E, se não me mandar embora, amanhã não apareço para trabalhar.

— Calma, Bianca, para tudo há uma explicação! — César disse, já posicionando as mãos em meu ombro.

Eu o segui com os olhos soltando faísca, e no mesmo instante ele desceu lentamente as mãos para os bolsos, entendendo o meu recado não dito.

Alex colocou a mão no ombro do amigo, como quem pede calma, e me questionou.

— Por quê? Diga o que aconteceu e eu farei o que está me pedindo.

Nesse momento César explodiu em um ataque de fúria.

— Caramba, Alex, está louco? Agora vai embarcar nas loucuras de Bianca, por acaso?

Indignada com suas palavras, eu me virei para ele e olhei em seus olhos, mostrando que o negócio para o lado dele estava muito feio.

— Realmente, César, você deve estar coberto de razão, só não estou conseguindo entender por que estava comigo até agora, se sou negra, se só gosta de loiras... Ah, e, sabe o que mais? Agora ganhei mais um atributo: louca, mas pelo visto você está mais louco que eu.

César, com ar nervoso, passando as mãos por todo o rosto e pelo cabelo, encarou-me.

— Chega, Bianca, não gosto de meias-palavras e você me conhece bem.

— Engano seu, achei que o conhecesse, mas, como sempre, eu me enganei. A vida é isso, decepções, tombos, mas vou me levantar, e prosseguir é exatamente o que quero fazer, longe de todos aqui, estou farta e de saco cheio.

— Será, Bianca, que você já parou para observar o tanto de coisas que acabou de falar?

Alex foi até a mesa, espalmou as mãos sobre ela e baixou a cabeça. Continuou só ouvindo nossa discussão, até que, tomado por raiva, deu um grito de basta, batendo com força na mesa.

— Chega, vocês dois, estou de saco cheio dessa infantilidade! Será que só conseguem resolver as situações quando estão na cama, droga?! Nas demais vocês se comportam como crianças descobrindo as coisas simples da vida? Vocês complicam demais a vida dos dois e acabam perdendo oportunidades imprescindíveis.

Alex encarou o amigo e então se voltou para mim.

— Para, Bianca, de ter medo de errar! Eu sei que o receio corrói nossa alma muitas vezes e dificulta uma escolha, mas é preciso arriscar e fazer a escolha certa, ter coerência.

Voltou a olhar para o amigo e continuou:

— César, há coisas que são desnecessárias, mas impedi-las também é falta de prudência, adiá-las só nos fará surtar em doses homeopáticas. Conviver com o ser humano é isso, é aprender com seus erros e crescer tentando fazer diferente a cada dia. Sabemos que é uma tarefa difícil, mas vocês têm que tentar diariamente, do contrário não dará certo. Eu amo vocês dois, mas está difícil. Será que pode me explicar o porquê do pedido de demissão, Bianca?

Depois que o Alex disse todas essas coisas, percebi o quanto realmente estávamos sendo infantis, então comecei a narrar minha saga, tentando conter as lágrimas que já estavam pesando em meus olhos.

— Sabe, Alex, eu não quis falar nada porque não queria ninguém falando que eu estava me aproveitando da posição de namorada do chefe para ganhar vantagens ou ter privilégios.

César logo se manifestou, em seu surto habitual, bagunçando os cabelos, e se posicionou mais para perto de mim, dizendo:

— De onde tirou essa doideira, amor?

Alex logo estendeu-lhe a mão, parando-o e me incentivando a continuar.

— Estou farta da Sabrina e aquelas “três marias” que vivem arrastando tapetes para ela passar — desabafei.

Novamente o César, nervoso, começou a reclamar, tentando encontrar palavras brandas e manter o timbre de voz baixo, mas eu sabia que elas estavam carregadas de raiva e rancor.

— Bianca, eu expliquei que ela teria que ir comigo a trabalho e que te amo, que você não precisava ficar com medo de que ela tentasse dar em cima de mim. Eu não iria permitir, deixei isso bem claro para você e acho que, assim que cheguei em casa, você pôde constatar esse fato, ou será que não?

— César, o fato de eu estar aqui pedindo demissão não tem nada a ver com você tomar uma cervejinha com a Sabrina quando me garantiu ficar longe dessa vaca; isso é assunto para nós dois, e a sós.

Ele franziu o cenho, mas nada disse, então continuei:

— E, sim, estou de saco cheio, sufocada por essas mulheres que não têm o que fazer. Elas estão sempre pelos corredores e no toalete, sempre falando do César e de nossa relação. Isso sem notar que estou perto ouvindo a fofoca! Hoje foi a gota d’água! — desabafei e continuei a explicar:

“Quando eu ia sair da minha sala, estavam as quatro morrendo de rir, e a Sabrina dizendo que não sabia o que o César estava fazendo comigo, porque ele só gosta de loira, e pretas nunca fizeram parte do pacote dele!

”A Ana, caindo na gargalhada, respondeu que provavelmente ele só estava a fim de comer algo diferente. Isso foi só o início da conversa, que também já estou habituada a ouvir, então a Tamires falou, em alto e bom som, que a Sabrina e o César ficaram até altas horas num bar, bebendo, e que só não foram para a cama porque ele teve uma crise de ciúmes dela!”

— CA-RA-LHO! — César xingou, sem se conter. — O que está dizendo? Eu vou matar essa desgraçada! — Ele saiu sem olhar para trás,

mas, antes que colocasse a mão na maçaneta, Alex o alcançou.

— Calma, César, vamos resolver com coerência.

— Calma é algo que não existe em meu vocabulário, não diante de tantas infâmias. Olha o absurdo que elas falaram para minha namorada! Estou vendo nos olhos da Bianca que ela acreditou em tudo que ouviu, e eu não posso permitir; elas foram cruéis, isso é desumano.

— Concordo com você, e vou resolver agora, mas para isso preciso que se mantenha quietinho, sentado. Bianca, se quiser participar da conversa pode ficar; se não, vou pedir que fique em meu banheiro, que de lá vai escutar tudo sem se expor.

Alex interfonou para a sala das meninas e pediu que fossem até sua sala. Em frações de segundo, elas o atenderam. Chegaram sorridentes, mas, assim que viram a cara de poucos amigos dos dois à frente delas, deixaram morrer as gracinhas.

Alex pediu que se sentassem e começou, com uma voz de trovão, mas sem perder a postura:

— Olha só, eu vou dar só um aviso e, como é o primeiro, espero que isso não volte a acontecer, porque não perderei meu tempo com as quatro novamente. Eu fiquei sabendo de umas conversas que andam há muito tempo rondando os corredores desta empresa e estou abismado até agora por constatar que contratamos tantas mulheres cheias de potencial e ao mesmo tempo vis, mesquinhas, vulgares, ardilosas, fofoqueiras, preconceituosas, racistas e desumanas.

Sabrina, aparentemente sem entender nada, tentou questioná-lo, mas ele não permitiu e continuou:

— Quando, Sabrina, o César faltou com o respeito com uma de vocês, quando foi que ele deu em cima de você? Porque, pelo que me consta, somos sócios e algo que sempre deixamos claro é que nossa vida particular

fica para fora da empresa. Sempre deixamos bem claro que é proibido namoro aqui dentro e, antes que me pergunte sobre o relacionamento dele com a Bianca, eles já namoravam antes de ela vir trabalhar aqui, mas isso não é da conta de ninguém. Vocês sabem que a Bianca, se souber dessa fofoca que vocês andam fazendo, desse racismo idiota, pode colocar cada uma de vocês na prisão? Sim, porque isso é crime.

César não conseguiu ficar calado e se levantou. Tentando se controlar, puxou algumas respirações e se pronunciou.

— Eu não vou tocar nessa porção de absurdos que ouvi aqui, porque estou indignado com a situação e, para ser bem sincero, nunca imaginei sentir por uma pessoa o asco que está me corroendo neste instante. Mas preciso saber, em que momento parei para tomar cerveja com você e quando lhe dei confiança. Será que em algum momento na minha vida eu dei em cima de você? Porque devo estar sofrendo de algum tipo de amnésia agora e não estou sabendo. Mas tenho plena certeza de que minha capacidade de raciocínio, minhas faculdades mentais estão em perfeito estado. Será que pode me responder, Sabrina?

Ela, sem graça e de cabeça baixa, respondeu:

— Não, nunca.

— Por que mentiu? — César a questionou.

— Perdão, César, foi só uma brincadeira com as meninas.

— E por isso resolveu atrapalhar meu namoro com mentiras?

— Eu posso explicar para a Bianca que tudo não passou de uma brincadeira.

— E a forma como se refere a ela, também é uma simples brincadeira?

— César questionou. — Mas, antes que responda, deixe-me sanar a curiosidade de vocês. Até conhecer a Bianca, eu, de fato, só saía com loiras. Não que tivesse alguma preferência, simplesmente essas eram as mulheres

que estavam com frequência ao meu redor. Depois que a conheci, porém, encontrei o que havia de melhor na vida. Nela eu encontrei a melhor mulher do mundo, e quando digo melhor é em todos os sentidos, não há como compará-la a nenhuma de vocês, e a nenhuma outra, porque não existe comparação para minha namorada. Eu a amo e não vou permitir que vocês, nem ninguém, façam algo contra ela — dito isso ele se levantou e saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

Alex acabou encerrando a discussão e comunicando que estava dando uma oportunidade às quatro de se redimirem. Quando saí do banheiro, Alex me esperava próximo à porta e se assustou ao ver meu rosto banhado por lágrimas.

Eu não conseguia parar de pensar que precisava pedir perdão ao César por julgá-lo, quando já lhe havia dito que isso não iria mais acontecer.

Alex me abraçou e pediu que eu fosse com calma com o César, falando que o amigo deveria ter ido para casa.



Trinta e Dito

César

Escutar todas aquelas coisas da Sabrina me fez ver que o ser humano é horrendo, machuca, brinca como se nada estivesse fazendo.

O que me deixou quebrado, no entanto, foi saber que Bianca não acreditava em uma vírgula do que eu havia dito. Certamente, agora, ela estava remoendo cada palavra dita dentro daquela sala e, se pensava que eu correria atrás dela, estava totalmente enganada; ela precisava confiar em mim.

Não suportando aquela dor que sentia meu coração quebrado, saí sem olhar para trás, o Alex gritando. Fui para casa, precisava de um banho frio para esfriar os pensamentos, que insistiam em entrar em colapso.

Tomei um banho e coloquei a boxer branca, mas estava com o corpo em chamas, nem a água fria fora capaz de apagar a queimação de minha

alma.

Encostei-me na soleira da porta que dava acesso à sacada, havia um lindo entardecer, e fiquei suspendendo as mãos. O reflexo do sol batia em um metal próximo às janelas e formava um arco-íris em minhas mãos. Aquele colorido me dava esperança.

Soaram umas batidas à porta e, antes que eu pudesse responder, ela foi aberta lentamente. Por ela passou a mulher mais linda que já vi na vida e que estava me deixando louco.

Fingi não estar observando de esguelha, a impressão que eu tinha era de que Bianca estava cansada. Estava disposto a reconciliar, mas para isso precisava que a confiança entre nós fosse tangível; precisava de sua cooperação.

Ela me observava sem nada dizer, mas, depois de suspirar alto, deu uns passos. Logo estava na lateral da porta, onde meu corpo se apoiava, tomou coragem e falou:

— Prometo não tomar seu tempo. Não sei por onde começar, César, eu já chorei, já gritei, mas a questão é que fiz promessas que não sou capaz de cumprir, sou muito ciumenta. E quem não erra? Eu erro a todo instante, e isso está acabando comigo.

“Fui trocada em duas relações diferentes. Achava que era a deusa do Universo e acabei descobrindo que todos nós somos substituíveis em um passe de mágica.

“Eu queria muito chegar aqui e pedir perdão, dizer que não vou cometer os mesmos erros amanhã, mas estaria mentindo. Vou errar feio, porque nossa vida é uma busca incessante por algo certo e pelo qual vale a pena insistir.

“Eu quero você mais que tudo na minha vida, mas não sei como fazer para que isso dê certo.”

Eu sentia sua presença ainda junto as minhas costas, porque todos os pelos do meu corpo estavam eriçados devido ao seu perfume. Estava doido para tocar seu corpo, mas tive que conter meus impulsos, a boca seca. Podia ouvir os batimentos do meu coração e me sentia totalmente agitado, não via a hora de tomá-la como minha, reivindicá-la.

— Bianca, é normal agir dessa forma, mas quando amamos temos que confiar e a conversa é primordial — eu disse sem olhar para ela. — Fiquei chateado, porque não confiou em mim quando dei garantias de me manter distante de qualquer outra mulher. Preferiu acreditar em um bando de loucas para quem nunca olhei. O problema todo é sempre ter esse bendito “achismo”, que acaba estragando tudo.

Nesse momento ela baixou a cabeça e me pediu perdão. Foi em direção à porta, mas, antes que saísse, eu a abracei por trás com tanta força que parecia que ia esganá-la. Eu a virei para que ficasse de frente para mim e, quando a olhei nos olhos, pude ver a dor que ela sentia; nada diferente da dor que me dilacerava.

— Eu te amo tanto, meu bombom, que fico louco só de imaginar a possibilidade de perder você.

Ela soltou o ar, que parecia estar segurando. Alisou meu maxilar e disse:

— Desculpe por não contar sobre as meninas.

Ofereci meu sorriso torto, franzi a sobrancelha e a questioneei.

— Sério que veio aqui só para me dizer isso?

Ela arqueou as sobrancelhas e me olhou diretamente, mas, não conseguindo sustentar o contato visual, apoiou a cabeça em meu peito.

— Tenho medo de algo que eu possa ter me tornado, com todo esse sofrimento em minha vida — soltou as palavras em meio a lágrimas.

Eu a abracei com força, porque era isso que queria ter feito durante todo o dia, e lhe dei a segurança de que ela precisava.

— Para isso, você tem a mim, para lembrar, a cada fração de segundo, todos os dias da sua vida, quem você é... O ar que eu respiro, a luz da minha estrada, a mulher que escolhi para dividir a minha vida comigo.

Sem resistir ela me beijou.

Eu a peguei em meus braços e levei para nossa cama, onde ficamos agarradinhos, entre beijos, até o toque estridente do seu celular nos tirar de nossa bolha.



Trinta e Nove

Não me importo se chorar é demonstrar a fraqueza
de dentro de minha alma...

Jaqueline Salema

Bianca

Sabia que precisava tentar mudar, para nosso relacionamento dar certo. Eu amava aquele homem e às vezes me privava de dizer o que realmente sentia. Naquele dia, porém, percebi o quanto vinha sufocando nossa relação com omissões, então prometi para mim mesma tentar fazer diferente.

Estávamos deitados na cama, entre beijos e carícias, quando meu celular tocou, e a insistência foi tão grande que resolvi atender.

— Alô! — disse a voz do outro lado. — Estava com saudades de ouvir sua voz.

No mesmo momento fiz sinal para o César saber que a ligação vinha do número restrito de que eu havia lhe falado. Então ele ligou para um amigo policial, que lhe avisou que já estava monitorando.

— Oi, é você? Como está?

— Estou bem! E seu namorado, como vai?

— O César está bem também!

— Que bom!

— Qual é seu nome? Porque até hoje não me disse?

— Eu me chamo Guilherme.

— Ok! Guilherme, algum motivo em especial para me ligar a essa hora? Você sempre liga cedo.

— Hoje o dia não foi fácil, conclusão da faculdade e mais as coisas simples que fazemos questão de complicar.

Conversamos mais um pouco, mas ele foi meio reticente e logo me deu boa-noite, agradecendo por ouvi-lo.

Quando desliguei, César comunicou que seu amigo havia conseguido rastrear a ligação e que precisaríamos ir para Gramado.

Esse lugar traria algumas lembranças à tona e imediatamente pensei nas pessoas que, de lá, poderiam estar fazendo essa brincadeira comigo. Às vezes achava que não se tratava de uma brincadeira, mas como podia uma pessoa saber tanto sobre mim quando eu desconhecia até mesmo o seu nome?

Talvez eu não devesse ter atendido a esses telefonemas anônimos, mas algo naquela voz me acalmava e era como se existisse uma ligação entre nós. Não sabia se o destino havia reservado algo bom ou ruim para mim, mas o fato era que já havia me acostumado a receber aquelas ligações.

Saí dos pensamentos quando César comunicou que havia reservado o helicóptero da empresa, sairíamos às seis da manhã.

Enquanto ele terminava de resolver tudo para nossa viagem, fui tomar um banho. Depois do jantar, fomos para a cama, estávamos tão cansados que ficamos apenas abraçados, conversando até que o sono chegou e nos consumiu.



Estar ali naquele lugar trazia-me tanto recordações boas como ruins. Meu pensamento vagava quando as mãos do César me tiraram do transe.

Seu amigo se virou para mim e mostrou o rapaz que estava na praça, dizendo que era nosso alvo. Ressaltou que eu não precisava ficar com medo, porque seis dos homens à paisana no local eram de sua equipe.

Balancei a cabeça concordando com tudo, mas, no fundo, medo e desespero já me rondavam.

César relutou um pouco, pois queria ir comigo, temendo por minha vida, mas seu amigo garantiu que estaria tudo bem, que tinha tudo sob controle e já sabia do que se tratava.

Wendel chegara mais cedo e havia tido uma conversa com o pessoal do escritório de advocacia em que o autor das ligações trabalhava; falara com o chefe da firma e com o próprio rapaz.

Mais tranquilo, César pegou minhas mãos e beijou os nós de meus dedos. Dei-lhe um sorriso carregado de amor e fui.

Ao me aproximar do autor das ligações, achei o rosto dele familiar e não senti medo. Já atrás do banco em que ele estava sentado, sem nenhuma reserva, eu me manifestei:

— Queria me conhecer pessoalmente, estou aqui.

Sobressaltado, ele se pôs de pé.

— Nossa, você me assustou!

— Ele deu um sorriso lindo e, no mesmo momento, pareceu que eu estava vendo minha irmã na minha frente; o sorriso, as feições e até mesmo o jogar dos cabelos. Exceto pela cor, a pele da minha irmã era mais escura.

— Você é ainda mais linda pessoalmente, sabia? — ele disse olhando em meus olhos.

Nervosa porque sabia que os policiais e César estavam escutando nossa conversa, indaguei:

— Será que agora pode me dizer quem é você?

— Como disse ontem, meu nome é Guilherme, e sou filho de Valéria Linhares Moura. Tenho vinte e dois anos e estou sozinho no mundo. — Como se isso não fosse nada, ele despejou sua vida em cima de mim, então, sem aguentar toda aquela confissão, eu o abracei.

— Nossa, Gui! Não fazia ideia de sua existência. — Eu o abracei novamente e alisei sua face, contornando seu maxilar.

Ali, bem na minha frente, existia parte de mim e nem eu sabia que aquilo me fazia tanta falta; estava me sentindo preenchida por um carinho que nunca tive de minha família.

— Ela se foi faz cinco meses.

— Mas como assim “se foi”?

— Fazia cinco anos que ela sofria de esquizofrenia, só que ultimamente o quadro estava se agravando. Estava em uma casa de repouso e, em uma consulta de rotina, quando o médico se virou para pegar os remédios em um armário, ela o atacou, acertando algo na cabeça dele. Pegou vários vidros de remédio e ingeriu. Quando a encontraram, ela já estava inconsciente e, horas mais tarde, faleceu. Eu já tinha seus dados, mas a falta dela me fez te procurar; sua voz é parecida com a dela.

— Não suportando aquela dor que corroía a minha alma, eu o abracei forte e choramos juntos.



Quarenta

César

Eu fui o primeiro a incentivá-la a acabar logo com essa palhaçada, a descobrir quem era o autor dessas ligações misteriosas. Mas vê-la nos braços de um rapaz mais alto que eu e cheio de músculos fez que eu me sentisse um idiota.

Para piorar, o ponto de escuta deu problemas e ficamos sem ouvir parte da conversa. Fiquei doido para ir até lá e tirá-la daqueles braços, que não eram os meus, e sim daquele desconhecido.

Até que os vi vindo em minha direção, de mãos dadas, e meu coração queria sair do peito enquanto eu imaginava que a poderia ter perdido para um rapazinho. Quando ela se aproximou e ficou de frente para mim, eu me neguei a olhá-la, então Bianca pegou a minha mão e falou:

— Amor! O Guilherme é meu sobrinho, não é maravilhoso?

Eu não conseguia responder, a felicidade estampada na voz dela preencheu meu coração, pois eu sabia como Bianca queria ter o amor da família que nunca teve.

O rapaz parecia ser uma boa pessoa e transparecia, assim como a tia, ser carente de afeto. Eu o abracei chorando, feito criança imatura que tem seu doce retirado da boca, porque era assim que me sentia minutos atrás, até ela me mostrar que ele não seria uma ameaça, como meu cérebro teimava em ressaltar.

Bianca me puxou um pouco, afastando-me, e, com um olhar perdido, questionou:

— O que foi, amor? Por que está assim?

— Achei que tivesse perdido você — respondi com a voz arrastada. — Não estava suportando vê-la em um abraço que não era o meu.

Com um sorriso encantador no rosto, ela me beijou.

— Acostume-se a me ver todos os dias da sua vida, porque ninguém vai me tirar de você e nem eu quero ir a outro lugar que não seja o abrigo dos seus braços. Eu te amo, César, e hoje, ouvindo tudo o que esse rapaz me contou, descobri que temos que dar valor às pessoas que estão a nossa volta, amá-las intensamente.

Concordei com um gesto e, sem deixar de olhá-la nos olhos, passei os braços em volta de sua cintura.

— A vida passa muito rápido — ela continuou, os braços ao redor do meu pescoço — e perdemos grandes oportunidades. Não quero perder mais nada e você é alguém especial que a vida me presenteou, tornando meus simples dias os melhores de toda a minha história.

Nós nos beijamos como se não houvesse ninguém a nossa volta, até que um pigarrear nos tirou de nossa bolha.

Rindo, Guilherme colocou as mãos no ombro do César.

— Ei, cara, pode deixar para fazer isso em uma hora mais propícia? Tem criança passando na rua. — Todos juntos gargalhamos, e ele puxou César para um abraço, confessando: — Eu queria tanto conhecer vocês, mas não fazia ideia de que me sentiria tão acolhido em um abraço.

Almoçamos juntos, mas Wendel não pôde ficar, tinha que retornar ao Rio.

Guilherme nos contou sobre sua vida e planos, mas confessou não conhecer o paradeiro dos avós maternos. Disse que a mãe, quando ainda estava lúcida, contou que havia internado os dois em uma casa de recuperação; mas ele nunca conseguiu encontrá-los.

Parecia que já nos conhecíamos havia anos e ver aquele sorriso bobo no rosto de minha namorada estava me deixando no céu.

Quando estávamos almoçando, apareceu uma jovem linda, loira, olhos azuis, e ao vê-la os olhos dele brilharam.

Ela nos foi apresentada e eu supus que fosse a amiga em que Guilherme não parava de falar, desde que Bianca perguntara se ele tinha namorada: a pessoa que o ajudava no momento das adversidades.

Tive a impressão, porém, de que havia uma relação mais calorosa que uma simples amizade entre os dois.

Passamos um dia maravilhoso, deixei Guilherme à vontade, garantindo que poderia me procurar sempre que precisasse. Bianca teve um pouco mais de dificuldade para dizer tchau, mas conseguimos sair, com a promessa deles de nos visitarem no Rio.

Chegamos de madrugada, tomamos banho para conseguir dormir um pouco e nem namorar ela quis. Alisou meu rosto pedindo desculpas e me abraçou, mas percebi que chorava, então respeitei sua dor; sabia que estava de luto pela irmã.

De manhã, em nosso quarto, enquanto nos arrumávamos para ir trabalhar, ela permanecia calada, como em todo percurso que fizemos de volta.

Chegando à empresa, eu a deixei em sua sala e segui para a minha. Na hora do almoço, precisei sair e procurei por ela, mas não a encontrei.

Como me estendi até as seis na rua, liguei para a empresa, mas me comunicaram que ela já havia saído. Liguei para casa e Sônia me informou que Bianca já havia chegado, que tinha tomado um analgésico, pedido um chá e se deitado.

Quando entrei no quarto, as cortinas fechadas deixavam o ambiente escuro, e ela dormia tranquilamente. Tomei um banho e me aconcheguei junto ao seu corpo, sentindo aquele cheiro de lavanda que eu adorava e que tinha o potencial de me elevar e aumentar o desejo de estar com ela a cada fração de segundo.

Fiz carinho em seus cabelos e inalei seu cheiro, mas ela nem se mexeu, e assim adormeci.

Acordamos com uma leve batida à porta, levantei-me e a abri. Para minha surpresa, era a minha empregada comunicando que o jantar estava pronto. Agradei e voltei a me deitar sobre Bianca.

Ela sorriu docemente, mas era palpável a névoa que ainda rondava seus pensamentos.

Depois de um século calada, ela disse:

— César, pega uma gravata sua pra mim.

— Agora? — meio confuso, perguntei.

— Sim! — respondeu sem demonstrar nenhum tipo de sentimento.

Levantei-me e fui até a gaveta, peguei uma gravata grafite com três listras pretas, que ela tanto amava. Quando me virei para ir em sua direção, surpreendi-me ao ver Bianca completamente nua, de joelhos na cama.

Sem entender, eu lhe entreguei a gravata.

Olhando para mim, ela sorriu e me ordenou que eu me deitasse.

Eu prontamente obedeci.

— Pode se deitar bem no meio da cama e ponha suas mãos para cima.

Lentamente, Bianca se debruçou sobre mim e eu beijei sua barriga enquanto ela amarrava minhas mãos com a gravata na cama. Já estava gostando da brincadeira e arrependido de ter comprado outra cama para nossa nova casa, pois nela não havia como me amarrar.

Bianca já havia me despido da blusa, agora retirava todo o resto. Seus lábios tocaram os meus e todos os pensamentos se tornaram poeira quando ela me olhou com um sorriso malicioso.

Beijou meus pés até alcançar meu grande amigo e dedicar um carinho especial a ele.

Quando eu estava quase explodindo de tanto prazer, distribuiu beijos por minha barriga e pelo peito, até alcançar minha boca e me deixar louco com seus beijos.

Eu não podia segurá-la, estava com as mãos presas, e aquilo estava me deixando alucinado. Bianca mordiscou meus lábios e sorriu cheia de malícia; eu já estava implorando por alívio, mas ela nada dizia.

Então me preencheu com seu sexo, ditou suas próprias regras, e eu só conseguia gemer pela dimensão do prazer que ela me proporcionava; a visão mais perfeita a minha frente, meu bombom, completamente nu, cavalgando-me e me mantendo aprisionado em todos os sentidos. Era exatamente onde eu queria estar pelo resto de minha vida.



Quarenta e Um

“A vida é a arte do encontro,
embora haja tanto desencontro pela vida.”

Vinicius de Moraes

Bianca

Amei conhecer meu sobrinho e já me sentia responsável por ele, ainda que já fosse um homem feito.

Guilherme tinha tantos sonhos e tivera tão pouco amor, lidando tão cedo com a doença da mãe. Eu me sentia culpada ao pensar na possibilidade de um dos amigos dos nossos pais ter sido responsável pelo fim dela, mas não podia fazer nada a esse respeito, tinha que pensar no que viria pela frente. Sobre isso eu podia fazer algo, e faria tudo que pudesse para vê-lo feliz, vivendo o presente, deixando o passado para trás.

Vendo o carinho do César com meu sobrinho, o amor e a atenção que me dava mesmo quando eu não lhe dirigia uma palavra, percebi o quanto ele me amava e como eu tinha errado com ele.

Naquele dia resolvi ir mais cedo para casa e descansar um pouco, o que me fez bem.

Quando estava tomando banho, fiquei pensando e percebi que havia coisas que não poderíamos mudar. Mas percebi também que, a partir de agora, podíamos pelo menos fazer diferente, e era isso o que eu faria.

Ao despertar, vi meu grande amor vindo em minha direção. Por seu olhar, eu soube que estava doido de saudades, mas César respeitava minha dor e se continha, deixando os próprios desejos em segundo plano. Seu desprendimento me comoveu, mas também partiu meu coração, e no mesmo instante me surgiu uma ideia. Queria que ele percebesse o quanto eu o amava e o desejo imenso que tinha por ele.

Pedi que pegasse uma gravata e, nesse meio-tempo, eu me despi. Percebi como seus olhos cuspiam fogo ao contemplar meu corpo nu, tirei sua blusa e o fiz deitar; sempre tive esse fetiche, agora o colocaria em prática.

Submetido a toda aquela tortura, César se contorcia e gritava meu nome. Vê-lo assim me conduziu ao clímax junto dele, gemendo. Foi algo fora do normal e eu me sentia verdadeiramente amada, uma deusa venerada por seu amor.



Acordamos cedo, mas perdemos a hora. Pedi que me deixasse dormir mais dez minutinhos e, quando despertei, ele já estava todo engravatado,

pronto para ir trabalhar.

Eu ainda estava toda descabelada quando César se aproximou e o puxei pela gravata, começando a beijá-lo. Mesmo que ele quisesse se esquivar, seria impossível, era mais uma blusa que eu destruía fazendo todos os botões saltarem.

Fizemos amor, dessa vez calma e lentamente, em uma busca implacável de duas almas se conectando e chegando ao extremo de uma comunhão. Naquela manhã, nossos sonhos se realizavam, os corações entrelaçados.

Tomamos banho e um café delicioso, então fomos finalmente para o trabalho. Quando já estávamos quase na empresa, o telefone de César tocou, e ele, sem verificar quem era, pôs no viva-voz. O rádio tocava uma música animada e ele tamborilava o volante. Todo animado, atendeu.

— Alô!

— Uau! Gostei dessa animação toda, às onze e meia da manhã; isso é tom de quem teve uma noite excelente, ou de quem está apaixonado, será que acertei?

Fiquei parada observando o seu semblante, que não expressava nenhum sentimento. Ele olhou para mim e deu um sorriso fraco.

— Oi, mãe! Como está?

— Estou ótima, e bem aqui perto da empresa, vim convidá-lo para almoçar. Estou no Ravioli aguardando-o.

— Ok! Dez minutos e estaremos aí.

Ele desligou e puxou meu maxilar, dando-me um beijinho casto na boca. Achei que fosse fazer algum comentário sobre a ligação, mas nada disse e logo voltou a atenção para o trânsito.

César ligou para a empresa, comunicou ao meu chefe e ao Alex que chegaríamos após o almoço.

Momentos depois, descemos do carro e, quando ele pegou em minha mão para entrarmos no restaurante, dei um passo para trás.

— O que foi, amor? — César questionou, e expliquei que ele precisava conversar com a mãe a sós.

Apesar de ter ouvido o que falaram naquela ligação, eu estava com medo. Meu namorado, então, garantiu que sua mãe era tranquila, uma excelente pessoa, embora não tivesse maturidade para ser mãe. Pegou em minhas mãos, constatou o quanto estavam geladas e começou a beijar os nós de meus dedos. Quando eu já estava mais confiante, entramos.



Quarenta e Dois

“Ao invés de lamentar o que você perdeu,
batalhe por aquilo que você pode conquistar.”

Hudson Menezes

César

Fiquei surpreso ao atender a ligação e ouvir a voz da minha mãe, depois de tantos anos sem vê-la. Ela raramente ligava, mas, por incrível que pudesse parecer, estar com a Bianca havia curado todos os meus medos e inseguranças.

Não via mais o meu passado como um fardo, e sim como consequência da vida e sentia que já o havia superado. Amei Bianca ainda mais por isso, então percebi que seria uma excelente oportunidade para apresentá-la a minha mãe e fazer minha namorada perceber que era minha família a partir daquele momento.

O mais engraçado foi que, antes que eu pudesse cumprimentar minha mãe, ela abraçou minha acompanhante como se fossem amigas de longa data. Bianca, por sua vez, retribuiu o abraço, e fiquei impressionado, porque a mamãe nunca foi de demonstrar sentimentos; tive que quebrar o clima, porque já estava com ciúmes.

— Ei, e o filho aqui, não ganha um abraço?

Gargalhando, ela me abraçou como havia tantos anos eu esperava, e acabei chorando compulsivamente. Tão emocionada quanto eu, minha mãe afagou meus cabelos e afastou meu rosto com as duas mãos. Beijou minha face e disse que me amava.

Nós nos sentamos e ela pegou minhas mãos, beijou e depois me olhou dentro dos olhos, pedindo perdão.

— Mãe, não tenho que perdoar, eu era muito novo quando tudo aconteceu, mas depois de anos quebrando a cabeça, depois de ter perdido a fé e a confiança, achei esse bombom que saciou todos os meus anseios e me fez ver que o amor faz milagre.

— Você não precisa nem dizer por que, sua voz no telefone já denunciou que eu estava falando com uma nova pessoa e, ao vê-los entrar por aquela porta, pude sentir a essência do amor que exalava dos dois: a mais linda composição de uma canção que ainda não havia sido composta.

Abracei minha mulher com paixão e beijei suas mãos.

— Tem razão, mamãe, eu não consigo respirar sem esta mulher, ela é meu coração pulsando fora do peito.

Ruborizada, Bianca sorriu timidamente e eu sequei uma lágrima que rolava em seu rosto.

Assim seguiu nosso almoço, elas trocaram telefones, e mamãe garantiu ficar no Brasil por uns meses. Retornamos para a empresa e minha

mãe foi até lá dar um beijo no Alex. Depois deixei a Bianca em sua sala e fui trabalhar um pouco.

Antes de partir, mamãe passou em minha sala para me dar um beijo, e ficamos conversando. Ela falou sobre seu atual marido e de como ele a amava, que isso fez grandes mudanças em sua vida.

Eu fiquei muito feliz por ela. Contei sobre meu pedido de casamento e disse que gostaria que ela estivesse presente, mas pedi discrição, pois seria uma surpresa. Minha mãe garantiu total silêncio de sua parte e saiu prometendo ligar em breve.



Ao entrarmos no carro, liguei o rádio. A música que tocava, *Você tem a Minha Cara*, de Henrique e Diego, expressava exatamente o modo como eu me sentia:

“Não queria me apaixonar
Tava seco fechado pra amar
Mas você mudou tudo
E agora o meu mundo é só você.”

Bianca sorriu levemente, não sei se por me ouvir cantarolar o refrão ou se por algo do livro que estava lendo. Fiz duas perguntas para ela, mas percebi que estava totalmente absorta no exemplar que encontrava-se em suas mãos.

Assim que o sinal fechou, alisei seu queixo e ganhei seu sorriso, sua atenção. Dei-lhe um beijo casto nos lábios.

Ela estava tão dispersa, tão envolvida com a leitura, que logo eu estava me perguntando se era eu que estava carente; cheguei à conclusão de que não. Entregue àquele bendito livro, Bianca realmente havia me deixado sozinho no carro, e eu já estava até com ciúmes. Então, não suportando sua ausência, questionei:

— Queria saber que livro é esse que tomou totalmente sua atenção, estou me sentindo sozinho dentro deste carro.

Ela levou a mão à boca parecendo apavorada e se sentindo culpada por meu sentimento.

— Perdão, amor, não foi minha intenção, mas estou quase terminando a leitura e não queria parar; como você está dirigindo, não vi problema.

— Claro que não tem problema nenhum, meu bombom, a questão é que você estava tão compenetrada que fiquei curioso, quem é o autor?

— Sim, uma excelente leitura. A autora é um amor de pessoa, já assisti a umas *lives* dela e fiquei apaixonada. Também já li vários livros dela, a Jess Bidoia. É uma autora fora de série, tem uma escrita gostosa, e cada vez que você lê fica mais apaixonado, passa a viver a essência da história. Estou lendo este livro pela terceira vez e estou apaixonada pelo Arthur.

— Quem é esse Arthur?

— É o personagem gato da história, tem uma lição de vida incrível.

— Nossa, já quero até ler esse livro, quero saber quem, além de mim, está tirando suspiros da minha mulher.

— Não sabia que gostava de romance, até porque não é a sua cara.

— Realmente não gosto, mas é que você falou com tanto entusiasmo desse carinha aí e da autora, que fiquei curioso.

— Você é uma comédia, sabia, César? Está com ciúme do livro?

— Um pouco, mas realmente quero ler.

— Tudo bem, já estou terminando e te empresto.

— Mas tenho uma condição para começar a ler esse livro.

— É mesmo, é?

— Quero ler em um piquenique, com você, que tal sábado pela manhã?

Ela me abraçou, eufórica, e disse que já estava doida para que chegasse logo o sábado.



Quarenta e Três

“O amor não se vê com os olhos, mas com o coração.”

William Shakespeare

Bianca

Chegamos ao estacionamento próximo à Quinta da Boa Vista, mas César não me deixou descer do carro, vendou meus olhos e me levou no colo, sem dar a mínima importância aos meus apelos para que me pusesse no chão. Quando me posicionou em algo que balançava muito, eu já estava com medo, até que, de repente, soou a música *Versos Simples*, Chimarruts:

“Sabe, já faz tempo
Que eu queria te falar
Das coisas que trago no peito

Saudade, já não sei se é
A palavra certa para usar
Ainda lembro do seu jeito

Não te trago ouro
Porque ele não entra no céu
E nenhuma riqueza deste mundo

Não te trago flores
Porque elas secam e caem ao chão
Te trago os meus versos simples
Mas que fiz de coração.”

Nesse momento ele pediu que eu tirasse a venda dos olhos e assim eu fiz. César simplesmente remava um barquinho repleto de flores e com vários balões de coração vermelhos. Em cada um havia uma palavra gravada, formando a frase:

“Você é a razão do meu respirar, o motivo pelo qual voltei a acreditar e pude lhe entregar meu coração. Ele é somente seu, único e exclusivamente seu.”

Eu já estava com o rosto banhado por lágrimas, não conseguia nem mesmo admirar toda aquela paisagem magnífica a nossa volta. Somente aquele homem lindo tinha a minha total atenção, e meu coração, sem nem mesmo perceber, já estava totalmente rendido aos seus pés.

Fui surpreendida quando ele parou de remar, pegou o violão e começou a dedilhar uma canção do Gustavo Mioto, que, sempre que tinha

oportunidade, César cantava para mim.

“Me fala qual é o seu perfume
Que ainda hoje eu vou comprar
Tô sentindo minha vida tão sem cheiro
E eu já sei qual quero dar

Não quero ser precipitado
Muito menos te assustar
Mas é nesse teu sorriso
Que o meu beijo quer morar.”

Achei que ele fosse cantar, mas César me surpreendeu ao ficar dedilhando e me olhando nos olhos, até começar a falar:

— Amor, quando passamos a nos comunicar, também passamos a nos compreender mutuamente. Criamos, assim, uma relação mais forte e saudável, por isso quero que o nosso amor seja o ingrediente essencial para o nosso relacionamento permanecer firme e feliz; quero estar aberto e sempre pronto a te ouvir, não só com meus ouvidos, mas com os olhos e com o coração.

“Não quero o amor que a maior parte das pessoas julga passageiro, em que ninguém é de ninguém. Quero o amor que já se enraizou em meu peito, que se conectou ao seu; aquele que, acredito, ‘arde sem se ver’; o amor que nem mesmo as muitas águas são capazes de apagar ao submergi-lo; o amor narrado por Salomão, que ele classifica como ‘labaredas’. É esse amor que quero te oferecer, essa chama cadenciada dentro do meu ser.

“Quero permanecer dentro desse nosso laço, eterno abraço. Quero permanecer amante do seu corpo inteiro e me tornar escravo da essência

que exala de seu cheiro. Quero você, Bianca, para o resto de minha vida.”

Nesse momento eu não conseguia achar minha voz, eu só soluçava e, quando achei que iria reunir forças para lhe falar que meu coração estava explodindo de tanta emoção, ele estendeu uma caixa quadradinha, azul-turquesa brilhante, com um laço largo de cetim branco. Eu não sabia se olhava em seus olhos ou se desfazia o laço, mas enfim abri a caixa e, para minha surpresa, havia uma barra de chocolate preto, onde se lia a frase escrita por chocolate branco:

*“Bianca,
Aceita se casar comigo?
Seu eterno amor...
César”*

Ao lado da frase, havia um par de alianças meio fixado no chocolate e, quando consegui parar de ler, César estava estático, olhando para mim com lágrimas nos olhos e um sorriso mais sexy que nunca.

Sua expressão ainda estava carregada de medo. Talvez ele duvidasse de qual seria minha resposta, porque o coração alheio é uma incógnita, terra onde ninguém pisa e uma mente impenetrável.

Respirei fundo e peguei o par de alianças, colocando no centro de suas mãos. Ele olhou de mim para os dois aros brilhantes e baixou a cabeça. Nesse momento percebi uma lágrima que percorria seu rosto com uma velocidade maior, então comecei a falar:

— César, você foi a melhor coisa que surgiu na minha frente, quando minha alma gritava por socorro e meu coração já estava desesperançado, sem pulsação. Você se conectou a ele, e inexplicavelmente ele voltou a pulsar, por isso não quero que pense que é somente um cara especial. Quero

que tenha a certeza de que é tudo para mim e de que quero ser para você a imensidão do mar sem fim... Seu horizonte, o nascer e o pôr do sol para você...

“Quero ser seu barco a velas e não permitir que ele fique à deriva. Quero navegar por todos os continentes, ser o vento forte tocando seu corpo e esvoaçando seus cabelos; e nesse momento ser seu toque mais real. Quero ser as velas sopradas pelo vento que irá te conduzir. Quero ser seu leme dando a direção para partir, mas quero ser seu porto seguro e, quando ao seu destino chegar, quero ser sua âncora, para no lugar certo me fixar. Quero ser o verão para queimar todo o seu corpo. Quero ser seu inverno interior, para aquecer o frio de sua alma, e, quando sua vida estiver no outono, quero ser sua primavera, para florir e extrair o que há de melhor em você.

“Eu aceito me casar com você, meu amor!”

Ele se jogou nos meus braços e por pouco não fomos parar dentro do lago. Nós nos beijamos como se não houvesse amanhã e colocamos as alianças no dedo um do outro.

— Agora somos noivos — ele dizia e não parava de admirar minhas mãos.

Retornamos ao campo e, para minha surpresa, estava tudo arrumado para nosso piquenique.

Uma toalha imensa no chão, vermelha, com várias almofadas em formato de coração, e, ao lado, uma cesta de vime repleta de coisas gostosas. Havia até champanhe e um minibolo de chocolate.

Disposto sobre a toalha, um verdadeiro banquete, para alimentar uma multidão, e ao redor, vários balões em forma de coração, com meu nome e o dele junto da frase “Amor Eterno”.

Havia também um buquê de rosas silvestres — esse homem era mais do que eu poderia merecer — e ao lado estava o livro que ele havia

prometido ler.

Depois de lancharmos e nos beijarmos muito, ele se recostou na árvore sob a qual estava montado nosso piquenique, e eu apoiei a cabeça em suas pernas.

Antes que começasse a leitura de *Razões para Recomeçar*, ele esticou o braço, pegou um livro dentro de sua mochila e me entregou.

— Que livro é este, amor? — perguntei.

Com o sorriso mais bobo do universo, ele falou:

— Esse livro foi o Alex que me deu. Estava prestes a desistir de nós dois e me pediu paciência; sugeriu que, enquanto esperasse, eu fosse lendo. Como sou grato a ele por esse presente.

Eu amei a capa e lhe confessei: — O título é bem forte, *Fé no amor*.

Ele logo me incentivou a começar a leitura.

— Bombom, a autora, Andrezza Mota, descreve de uma forma tão sutil e singular os personagens que, de certa forma, você vai perceber semelhanças com a nossa história. Assim como nós dois, eles tinham vidas estilhaçadas pela falta de confiança, amarguras e erros do passado. A confiança e a fé os uniram, o amor dos dois fez tudo valer a pena, e foi essa fé que me fez acreditar que o nosso amor seria possível.

— Nossa, César, que lindo, quero começar a ler agora.



Quarenta e Quatro

“Tenha paciência. Tudo aquilo que você deseja, se for verdadeiro,
e o mais importante: se for para ser seu, acontecerá.”

Willian Shakespeare

César

Quando chegamos em casa, tomamos banho e fizemos amor como nunca antes, sem pressa, com calma, como numa entrega de palavras não ditas mas sentidas; como a poesia que canta e encanta sem precisar de instrumento; como o beijo que exala o sentimento. Como o toque da paixão que arrepia o coração.

Depois de intermináveis juras de amor, pelas quais expressamos um sentimento recíproco, adormecemos.

Ela acordou com um lindo café da manhã e um generoso solitário, um belo diamante de ametista, sobre um cupcake de chocolate.

Mais feliz eu fiquei em ver a felicidade dela, com seus olhos reluzentes já cedo, naquele bendito bolinho. Mesmo depois que coloquei o anel em seu dedo, ela sorria feito criança para o doce, como não amar essa mulher?

Passamos o domingo na casa de nossos amigos Alex e Emilly, onde, felizes da vida, brindamos ao nosso noivado.

Enquanto Bianca brincava com os gêmeos, Lara e Lucas, a Larissa, já com seus dois anos, colocava todos os seus brinquedos no centro da sala, tão pequena e tão amorosa com os irmãos.

Eu, Alex e Emilly terminávamos de traçar os planos para meu casamento, que ainda era uma surpresa. Como no sábado seguinte seria a festa de aniversário da Larissa, quando Bianca se aproximava começávamos a falar sobre isso, para despistá-la.



A festa de aniversário da Lari foi a coisa mais linda. Ela queria ser a princesa loira, então não houve outro jeito, tivemos que fazer a festa da Cinderela.

Emilly ficou frustrada, queria um tema mais atual, mas todos nós fizemos a vontade daquele projeto de gente grande que virava nosso coração ao avesso.

Ficamos na casa de nossos amigos e, no dia seguinte, fizemos um churrasco.

Saí de mansinho do quarto para não acordar Bianca, que estava muito cansada. Ela e Emilly ficaram feito doidas atrás das crianças durante toda a noite e, para completar, estava com um humor horroroso devido à TPM.

Além do mais, Alana, com seu costumeiro jeito provocativo, fingira uma queda só para se jogar em meus braços, e Bianca, que nunca suportou suas provocações, saíra “vendendo azeite”.

Agora quem sofria as consequências era eu.

Estava na churrasqueira ajudando Alex, em um papo animado sobre a lua de mel de Serginho, um amigo engenheiro. Sua mulher só fazia sexo com a luz apagada e, enquanto nos confidenciava isso, ele não tirava os olhos da esposa, pois, se ela ouvisse, ele seria um homem morto.

Eu e Alex caíamos na gargalhada. Serginho tinha esperanças de que, quando chegasse o grande dia, ele pudesse deixar uma luz acesa, mas acabou por se decepcionar.

Ao entrar na suíte encontrou somente a luz da lua, que clareava todo o quarto, e só conseguiu vislumbrar a silhueta da mulher.

Ela, vendo que ele ia acender a luz, entrou em desespero e implorou que a deixasse apagada, mas ele não aceitou seus protestos e acendeu. Antes que Serginho se deitasse, porém, a mulher já estava chorando.

Sérgio começou a explicar a ela que não precisava ficar assim:

“Gisa, eu estou cansado de saber das suas estrias, amor, você fica toda esticada na cama achando que está escondendo as celulites, mas eu estou farto de saber que elas não têm para onde correr”, explicou a ela. “Para de besteira!”

“Mas, amor, você já sabia? Eu achei que, se me esticasse, você nem perceberia”, ela disse.

Explodimos em uma gargalhada, porque mulheres, todas bobas, dão valor a coisas tão pequenas.

Nesse momento fui surpreendido, quando mãos finas me agarraram por trás e contornaram meu abdome. Eu estava com uma sunga preta, sem

blusa, e tinha nas mãos um garfo e uma faca grandes, além de um pano de prato no ombro.

Na mesma hora virei-me para trás, com o susto, e nem podia tirar as mãos, que sabia que não eram da minha noiva, pois conhecia o toque e o perfume dela de longe.

Alana, que me enlaçava, sorria com um olhar safado, no instante em que Bianca vinha em nossa direção. Minha noiva estacou no lugar ao ver a cena e, no mesmo momento, fiquei pálido, sem voz.

Alex, percebendo meu desespero, chamou a atenção de sua irmã, que achou tudo muito engraçado e resmungou que não tínhamos senso de humor.

Entreguei as coisas que estavam em minhas mãos para meu amigo, que segurava o meu ombro e me pedia calma. Respirei profundamente antes de sair à procura do meu furacão, porque já previa um temporal.



Quarenta e Cinco

“Com as lágrimas do tempo e a cal do meu dia,
eu fiz o cimento da minha poesia.”

Vinicius de Moraes

Bianca

Acordei cheia de amor e carente. O dia anterior foi o segundo do meu ciclo e, com todo o corre-corre do aniversário da Lari, eu havia ficado estressada, acabando por descontar no César meu mau humor.

Sabia que ele não tinha culpa pelas gracinhas da Alana, mas não estava preparada para a cena que acabei encontrando: eles em um papo para lá de animado e dona Alana se deliciando no abdome do meu noivo.

Se ele queria ficar de sem-vergonhice, não seria me fazendo de otária na frente de todos.

Agora os dois vão me pagar — disse a mim mesma —, primeiro o Sr. César.

Eu havia posto um maiô devido à presença de uns amigos do Alex e do César, mas, depois de testemunhar aquela cena, vesti o meu costumeiro fio-dental, que graças a Deus tinha deixado na casa da minha amiga.

É guerra? Pois bem, é guerra que ele vai ter.

Quando eu estava saindo do quarto, ele chegou, todo preocupado, as feições mostrando grande desespero.

— Posso falar com você, amor?

— César, agora não posso conversar, senão vou perder esse sol maravilhoso. — Dei de ombros para sua fala e saí rumo à piscina, com ele em meu encalço.

Lari, quando me viu, veio correndo e se jogou em meu colo, apontava para a água e pedia banho. Na mesma hora a coloquei no chão e dei uma olhada de esguelha nele, que vinha lentamente atrás de mim.

César travou no lugar quando me viu retirar a saída de praia e jogá-la lentamente na espreguiçadeira; não só ele, mas a maior parte dos homens ali presentes e até mesmo as mulheres.

Eu me senti envergonhada, porque sei que, modéstia à parte, Deus foi muito generoso comigo ao moldar cada centímetro do meu corpo. Minha vingança, porém, era para a vaca da Alana, que era loira e linda, mas desprovida de busto e bunda. Só em pensar nisso, a malévola dentro de mim estava dando pulinhos.

Já Alana estava de boca aberta enquanto me olhava. Pensei em dar um salto na água, mas, para manter a classe, peguei a Lari no colo e contornei a piscina. Desci as escadas com ela saltitando de felicidade e, em frações de segundo, havia uns seis rapazes dentro da piscina.

Enquanto brincava com a minha gatinha, eu já entrava em desespero. Sabia que o César não tinha feito nada e que estava punindo-o por tabela,

mas, quando vi o sorriso da Lari para além de meu ombro, percebi que ele estava atrás de mim.

Nesse momento ele me abraçou por trás e beijou meu ombro, colocou meus cabelos para o lado e começou a distribuir beijos por meu pescoço. Mordeu o lóbulo de minha orelha e confessou, com a voz rouca, que me amava, mas que estava puto de raiva comigo.

Meu coração já estava em uma verdadeira euforia, alegria, com vários sentimentos em conflito.

César pegou as duas boias e começou a colocar uma no bracinho da nossa afilhada, então ficamos os três brincando com uma bola, até Emilly pegar a pequena para almoçar. Na mesma hora ele enlaçou minha cintura, sem me dar chance de correr, porque sabia que era isso que eu iria fazer.

— Bi! Eu posso te pedir perdão, mas não acho que eu precise, porque, juro, não fiz nada. Estávamos só eu e os homens conversando quando a louca da Alana chegou e me pegou desprevenido.

— E por que não a empurrou, ou tirou as mãos dela do seu abdome?

— Eu estava com as mãos ocupadas.

— César, você reparou que ela só faz isso com você? Será que vai gostar se um amigo chegar por trás de mim assim, do jeito que estou aqui agora, e me abraçar, vai gostar de ver isso? Responde.

— Nunca quero presenciar uma cena assim. Não consigo nem imaginar alguém com os olhos em cima de você, que dirá as mãos!

— Ah, tá! Então eu não estou tendo um ataque à toa, né?

Soltei os braços dele de minha cintura e saí da piscina, em direção a casa. Quando cheguei à sala, Alana estava vendo TV e me ignorou. Como vi que o César estava vindo atrás de mim, aguardei, porque, já que estava explodindo de raiva, eu era capaz de socar a cara dela.

Assim que ele entrou na sala, cruzei os braços e fiquei aguardando alguma reação da sua parte, até que, cansada de esperar, questionei:

— Não vai falar com a Alana?

— Vou, amor, mas acho que este não é o momento.

— Ah, agora existe hora certa para consertar as coisas?

Alana explodiu em uma gargalhada e falou:

— Nossa, César, achei que nunca iria assistir a essa cena deplorável, em que momento virou pau-mandado de sua noivinha?

— Isso aí. César, continua dando trela para essa louca.

Virei as costas e subi correndo as escadas; queria sair dali o mais rápido possível, essa mulher conseguia abalar minhas estruturas.

Quando estava lavando meus cabelos, ouvi a porta do banheiro sendo trancada e um César de semblante contraído entrou no box. Pegou o sabonete e começou a me esfregar, sem dizer uma só palavra. Depois colocou a barra nas minhas mãos e fechou os olhos embaixo d'água, então resolvi deixar a raiva descer pelo ralo. Alana queria que brigássemos, mas esse gostinho eu não daria a ela, por isso comecei a ensaboá-lo.

Pegou uma toalha, um roupão e me entregou; depois se secou e colocou a roupa, saindo em seguida. Quando saí do banheiro, ele estava me aguardando para irmos almoçar.

Eu sabia que tinha acontecido algo, porque ele estava calado demais, mas nada perguntei. Quando chegamos ao jardim, todos estavam almoçando e me sentei à mesa junto com a Emilly, então César se afastou, indo até a churrasqueira.

Nesse momento minha amiga me contou que, ao entrar na sala, flagrara César conversando com os pais de Alana e dizendo poucas e boas a ela, que chorava feito criança. Segundo minha amiga, logo em seguida o pai

do Alex passou um sermão na filha e a fez prometer que me pediria desculpas, que não iria mais nos importunar.

Assim que Emilly acabou de me contar os fatos, César chegou com nosso prato em mãos e se sentou. Almoçamos em silêncio e, depois da sobremesa, fomos embora.

Assim que entramos em casa, ele foi direto para o quarto, encheu a banheira com água quente e o vapor inundou todo ambiente. O cheiro dos sais de banho exalava por todo o quarto, ele deixara a porta aberta e, de onde eu estava, podia contemplá-lo; estava com a cabeça para trás, relaxando.

Fui para a cozinha fazer palha italiana para comer, precisava de algo para me acalmar. Então resolvi deixar morrer o assunto, não iria permitir que aquela vaca atrapalhasse nosso relacionamento.



Quarenta e Seis

“Quanto mais o tempo passa,
mais se torna necessário simplificar a vida.”

Martha Medeiros

César

Costumo conversar sobre as coisas que nos desagradam, mas remoer as histórias fracassadas da Alana, sinceramente, já era demais para mim. Preferi deixar para lá.

Se eu dissesse que não estava chateado com minha noiva, estaria mentindo; o fato de ela ter usado aquele “bendito” fio-dental me chateou mais que tudo. E o pior é que ela não fazia ideia de como eu me sentia.

Faltavam dez dias para nosso casamento e ela não sabia, seria uma surpresa. Eu já havia comprado o imóvel que dava de frente para a casa de nossos amigos.

Lembrava-me de quando, na varanda da casa do Alex, ela admirava a casa da frente. Na ocasião eu a tinha abraçado e perguntado se ela mudaria algo no imóvel se fosse dela; Bianca fora descrevendo. No dia seguinte conversei com Alex e ele conseguiu fazer uma proposta de compra. Por sorte o proprietário havia conhecido uma garota na França e, por isso, na mesma hora resolvera vender.

Sem que Bianca percebesse, a construtora em que trabalhávamos se desdobrava para me entregar a casa pronta, toda mobiliada, até o dia seguinte. Eu tinha certeza de que minha noiva iria amar, pois estava exatamente como ela descrevera.

Ela pensava que no dia do nosso casamento estaríamos fazendo uma sessão de fotos nessa casa, para uma revista de noivas, então sabia que teria que passar o dia em um SPA, junto das madrinhas, e que só nos veríamos no pôr do sol, para fazer as fotos. Eu havia convidado os amigos mais chegados e pedido ao Guilherme que entrasse com ela.

A cerimônia aconteceria em nossa própria casa, que era imensa, três vezes maior que a do Alex. Nos fundos havia uma exuberante piscina e, mais ao fundo, construímos uma tenda toda branca, de madeira, onde seria celebrada a nossa união.

Minha mãe prometera se juntar a nós até sexta, meu piano de cauda já estava na tenda, e eu sabia que teríamos grandes surpresas. Esperava que Bianca gostasse, pois cada detalhe estava sendo feito com todo o meu amor.

Dezessete horas e, desde quando havíamos chegado, não nos falávamos. Por tudo que estava por vir, eu não queria chegar ao sábado chateado com ela, mas, enquanto não esclarecêssemos os fatos, essa mágoa estaria aqui.



Já havia adiantado todo o meu serviço e pretendia passar pela sala da minha noiva para ver se ela já podia sair.

Ao chegar à porta da sala dela, fui recebido pelo chefe do RH, que me cumprimentou. Perguntei por ela e ele me comunicou que Bianca tinha ido embora às doze horas, o horário do almoço.

Então, certamente por notar minha cara de poucos amigos, ele disse que minha noiva não estava bem e fui imediatamente consumido por preocupação e desespero. Sentindo-me culpado, agradeci e saí desesperado.

Ao entrar em casa, ouvi um barulho proveniente da cozinha e segui para lá, na esperança de encontrá-la, mas fui recebido por Sônia, minha empregada.

Com um semblante preocupado, ela disse ter encontrado o café sobre a mesa, intocado. Disse também que Bianca havia recusado o almoço, ao chegar, alegando estar sem fome. Sônia estava preocupada, pois havia notado o choro recente no semblante de Bianca, que até aquele momento não havia saído do quarto.

Agradeci e saí a sua procura, a raiva transformada em culpa. Não sabia por que me sentia assim, mas acabei me convencendo de que isso se devia ao fato de não termos conversado ainda. Embora já estivesse maquinando um modo de jogar tudo em cima dela — Bianca não podia simplesmente agir da forma como achava correto —, amava tanto essa mulher que, fosse qual fosse o motivo, o medo de perdê-la já estava me consumindo.

Ao abrir a porta, eu me desarmeí completamente. Ela na certa já havia tomado banho, pois, embora estivesse deitada, ainda levava uma toalha em volta dos cabelos.

A toalha que envolvia seu corpo se desprendia, certamente porque ela havia se remexido na cama. Seios expostos, o roupão jogado ao seu lado, fiquei tentado a abraçá-la e a beijá-la, mas não poderia ceder tão facilmente. Havíamos prometido um ao outro amadurecer juntos, a confiar e confidenciar o que estava desagradando, mas para isso ela precisava assumir que errara.

Nesse momento Bianca percebeu que eu a observava sentado em uma poltrona, de frente para nossa cama. Ela tentou sorrir, mas ficou séria e se sentou. Tirou a toalha dos cabelos e depois a jogou na cama, enquanto a outra, que cobria seu corpo, soltava-se revelando sua nudez.

Foi ao banheiro levando as toalhas e retornou com os cabelos penteados em um coque frouxo.

Eu já estava desesperado enquanto ela desfilava nua na minha frente. Resolvi me controlar e sacudi a cabeça, afastando todos os pensamentos.

Ela veio ao meu encontro, e se sentou, e se acomodou em meu colo de modo que ficasse de frente para mim. Fiquei totalmente estático e a desejando feito um touro na arena, doido para correr para cima da minha mulher e me enfiar por dentro dela, mas pedi forças aos céus para me conter; estava em uma briga comigo mesmo. Até que, toda chorosa, ela me abraçou delicada e fortemente ao mesmo tempo.

Não consegui nem mesmo lembrar meu nome, que dirá o motivo pelo qual ela me pedia perdão.

Bianca ficou me olhando nos olhos, acho que aguardando uma resposta. Eu me via louco de desejo de me enterrar nela e beijá-la — que saudade daquela boca gostosa. Estava me sentindo em abstinência depois de quase vinte e quatro horas sem beijá-la, tudo por conta da doida da Alana e do temperamento explosivo de minha noiva, mas precisava conversar.

Quando eu pensava em falar, Bianca assaltou a minha boca. Pensei que ela seria como um tsunami, mas minha noiva me desarmou ao introduzir a língua lentamente em minha boca, fazendo carinho. Sinceramente não sou de ferro, correspondi ao beijo.

Ela começou a retirar minha blusa, e fiz menção de me levantar para retirar a calça. Bianca já havia desafivelado o cinto e aberto o fecho-ecler, mas não permitiu que eu terminasse de me despir, enquanto acariciava meu amigo da parte de baixo.

Com a mão livre, puxava meus cabelos, fazendo com que eu tombasse a cabeça para trás e lhe desse livre acesso a minha boca, em momento algum se desgrudava dela.

Devagar, sentou-se em mim e eu a penetrei de forma lenta e prazerosa, até chegarmos ao clímax. Sussurrámos o nome um do outro, de forma que só éramos capazes de ouvir isso, as bocas coladas, recebendo os gemidos e grunhidos. Quando nossa respiração se estabilizou, eu a olhei mas ela baixou a cabeça, então eu mansamente lhe disse:

— Eu gostei da forma como me pediu perdão.

De cabeça baixa, desviou o olhar mais uma vez e eu segurei seu maxilar, perscrutando seus olhos. Ainda existia algo que eu não conseguia descrever, então a peguei no colo e a levei para o banheiro.

Enchi a banheira, coloquei os sais de banho e, envolvido pelo vapor aromatizado, imergi com ela em meu colo. Eu me sentei e abri as pernas, então ela se acomodou de costas para mim, a cabeça em meu peito. Coloquei sabonete líquido nas mãos, fiz espuma e comecei a deslizá-las por seu ombro. Em seguida realizei o mesmo processo em seus seios e no abdome.

De forma carinhosa, com a voz que mais parecia um sussurro, comecei a conversar com ela. Não queria que Bianca pensasse que eu estava

chamando sua atenção, mas também não queria que achasse que não fez nada de errado.

— Amor, eu sei que sua atitude na casa do Alex foi algo impensado, estava com raiva da Alana e agiu daquela forma, só que, ao tentar ser superior a ela, você me magoou. O único que fez papel de idiota fui eu, tanto por Alana quanto por você.

Nesse momento ela tentou se virar para me falar alguma coisa, mas não permiti, continuei falando carinhosamente o que estava, feito um nó, entalado em minha garganta.

Ela levou uns instantes para absorver minhas palavras, até que se virou e ficou de frente para mim, sorrindo docemente.

— Você perdoa minha imprudência? Não tive a intenção de magoar, mas fiquei chateada quando permiti que ela colocasse as mãos em seu abdome; não queria que se sentisse um idiota.

— Foi muito rápido e você olhou exatamente na hora em que ela colocou a mão e eu me virei. Mas pode ficar despreocupada, que isso não irá mais acontecer, nem com ela e nem com qualquer outra pessoa. — Peguei as mãos dela, levei até meu peito e lhe disse: — Meu coração é seu, somente seu, e eu sou seu por inteiro.

Ela me abraçou prometendo fazer as coisas de forma certa, e lá estávamos nós, fazendo amor novamente.



Quarenta e Sete

Bianca

— Para, César! Eu quero dormir!

— Amor, você já dormiu demais, são sete da manhã e a Emilly já está lá na sala. Hoje haverá a sessão de fotos, você vai passar o dia no SPA.

— Aff! Havia me esquecido que hoje é sábado. Tenho que ir mesmo?

— Claro que sim, vou sentir sua falta.

— Eu também.

Segurei seu pescoço e o beijei me esfregando nele. Sem precisar de muito esforço, estávamos nos embolando no edredom, em nossa cama.

Depois de cansados e extasiados, com a respiração ainda irregular, ele colocou a testa na minha e me deu um selinho, comunicando que ia para a sala fazer companhia aos nossos amigos. Segurei sua mão e pedi a ele que me levasse para o banheiro no colo, e assim César fez.

No instante em que entramos no boxe, liguei o chuveiro sem dar-lhe tempo de sair. Olhei-o e mordi seus lábios, dessa forma ele já estava mais uma vez rendido a mim. Não sei quanto tempo levamos nos amando e, depois, tomando banho, mas, quando chegamos à sala, Alex estava com cara de poucos amigos. Já Emilly me olhou sorrindo, como quem estava adorando imaginar o que estávamos fazendo.

— Agora podemos tomar café antes de sairmos — César disse ao amigo, tentando soar brincalhão.

Alex, indignado, respondeu:

— Você é um filho de uma vaca mesmo, e muito cara de pau.

César levou a mão ao peito, fazendo-se de desentendido.

— E agora, o que foi que eu fiz?

Já sabendo do motivo da indignação de seu marido, Emilly me puxou para a mesa onde estava posto o nosso café.

César, que adorava provocar o amigo, disse:

— *Bora* comer, porque estou urrando de fome.

E todos caímos na gargalhada.

Não conseguia entender por que, para fazer uma simples sessão de fotos, eu precisava passar um dia de princesa, como se fosse um casamento de verdade. Minha amiga, contudo, pediu que eu relaxasse e aproveitasse o dia de rainha, porque a revista era muito rica e podia bancar. Rimos alto e assim fomos aproveitar.

Na hora do almoço, chegou, além da refeição, um balde de gelo com champanhe. Havia dois corações entrelaçados e um bilheteinho:

Brindemos a nossa felicidade! Faço tudo por você, eu te amo, meu bombom!

Quando percebi, já estava chorando.

Minha amiga abriu o champanhe e fizemos um brinde à felicidade. Então, às quinze horas, recebi uma caixa repleta de chocolate e mais um cartão, com a letra do César, que dizia:

“Amor,

Quando passamos a nos comunicar, passamos também a nos compreender mutuamente. Criamos assim uma relação mais forte e saudável.

Quero que nosso amor seja o ingrediente essencial para nosso relacionamento permanecer firme e feliz; quero estar aberto e sempre pronto para ouvir, não só com os ouvidos, mas com os olhos e com o coração.

Não desejo o amor que a maior parte das pessoas julga passageiro, em que ninguém é de ninguém. Quero o amor que arde em meu peito, o amor descrito por Salomão como “labaredas”. Com grande exatidão, ele afirma que ‘nem mesmo as muitas águas podem apagar e nem submergir o amor’, e é esse o amor, que arde em mim, que lhe ofereço; o amor que interfere e fere com paixão, que permite à alma recitar poesias com inspiração; o amor que se faz em versos e prosa; o amor que interpõe a sua adaga entre o desejo e a razão.

Temos o seu coração e o meu para cuidar para todo o sempre...”

Minha amiga me abraçou e choramos juntas. Eu achava que nunca viveria esse grande amor e naquele instante estava me sentindo nos céus, pois era assim que César me fazia sentir.

Emilly me incentivou a escrever algo em retribuição. Aceitei a sugestão e escrevi, mas, quando ela se ofereceu para arranjar alguém que levasse o bilhete para ele, recusei. Eu mesma gostaria de ler para César, queria lhe mostrar o quanto havíamos crescido juntos, como ele me fizera amadurecer e acreditar no amor.



Quarenta e Cito

~O grande dia~

César

— César, pelo amor de Deus, para quieto no lugar.

— Alex, estou muito nervoso, ela já está atrasada! Será que Bianca irá gostar da surpresa? E se ela me disser um não?!

— Claro que ela vai amar, Bianca ama você, seu mané, e tudo está divino. — Meu amigo me envolveu em um abraço de urso, parecendo não acreditar que estava vivendo esse momento junto comigo.

Só eu sabia como havíamos sofrido nessa vida por causa de relacionamento frustrado e não correspondido. Mas eu havia encontrado um amor de verdade, alguém que fazia os meus dias serem coloridos, porque

me iluminava e irradiava toda a sua alegria sobre mim, transformando-me em um homem de verdade, merecedor de seu amor.

Dez minutos depois, todos os convidados encontravam-se sentados, e eu me via posicionado no altar feito exclusivamente para receber minha noiva, a mulher que se tornaria única e exclusivamente minha esposa.

Comecei a chorar quando a posicionaram no início do tapete vermelho e meu coração por pouco não saía correndo para pegá-la no colo.

Bianca estava mais linda do que nunca, se é que era possível. Seus cabelos estavam presos na frente por uma coroa de pedras brilhosas, os cachos longos caindo em profusão sobre os ombros. O vestido de tecido rendado até as mangas, composto por pedraria reluzente, caía sobre um cetim, deixando o ombro dela à mostra, provocando-me, pedindo que eu o beijasse.

O sobrinho da noiva já estava posicionado ao seu lado, mas ela ainda tinha os olhos vendados. Apenas quando começou a soar a marcha nupcial, tiraram a venda dos olhos dela e, de onde eu estava, pude vê-la levar as mãos à boca num gesto de surpresa e paixão. Tudo passou a valer a pena.

Os gêmeos do Alex já estavam posicionados na frente de minha noiva. Primeiro veio o pequeno Lucas trazendo nas mãos uma plaquinha que dizia: “Aguenta firme, tio César, que lá vem seu bombom!”

Eu já estava feito mulherzinha, chorando igual a uma criança e me perguntando o que aconteceria com a minha reputação de *pegador* de primeira. Depois veio a pequena Lara espalhando pétalas de rosas brancas pelo chão.

De repente a música cessou e os instrumentos de uma banda começaram a soar, enquanto um casal começava a cantar *Endless Love*, de Lionel Richie:

“Meu amor

Há somente você na minha vida
A única coisa que é certa

Meu primeiro amor
Você é "tudo que respiro"
Você é cada passo que dou

E eu
Eu eu-eu-eu-eu
Eu quero dividir
Todo o meu amor com você
Ninguém mais o fará

E seus olhos
Seus olhos, seus olhos
Eles me dizem o quanto você se importa
Oh sim, você sempre será
Meu amor sem fim

Dois corações
Dois corações que batem como um só
Nossas vidas apenas começaram

Para sempre
Ohh [...]"

Ela vinha ao meu encontro ao som dessa canção, mas eu não pude esperar e dei os passos que faltavam para alcançá-la. Abracei o Guilherme e ele me falou que não precisávamos de felicitações, pois já éramos donos da química do amor. Beijou a testa dela e se posicionou ao lado de sua acompanhante, a Eloise.

Recebi a minha noiva e não via a hora de chamá-la de minha esposa; peguei suas mãos e beijei o nó de cada um de seus dedos, conduzindo-a até

o oficial de paz ali presente junto do padre.

Ela me olhou com uma expressão interrogativa e eu confidenciei em seu ouvido:

— Hoje você passará a ser minha esposa.

Bianca sorriu e encostou a cabeça em meu braço, em um gesto de carinho. Antes que começasse a falar, o padre me deu um sinal positivo de cabeça e eu beijei a testa dela.

Fui até o piano e me posicionei, olhando para ela e tentando demonstrar todo o meu amor; dar-lhe a certeza de que meu coração estava em suas mãos. Então comecei a tocar *Se Eu Não Te Amasse Tanto Assim*, Ivete Sangalo.

“Meu coração, sem direção
Voando só por voar
Sem saber onde chegar
Sonhando em te encontrar

E as estrelas
Que hoje eu descobri
No seu olhar
As estrelas vão me guiar

Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão

Se eu não te amasse tanto assim

Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração

Hoje eu sei, eu te amei
No vento de um temporal
Mas fui mais, muito além
Do tempo do vendaval

Nos desejos
Num beijo que eu jamais provei igual
E as estrelas dão um sinal.”

Todos aplaudiram e Bianca não conseguia parar de chorar.

Tomei meu lugar ao seu lado e encostei a testa na sua, então choramos juntos. O padre chamou nossa atenção com uma arranhada de garganta e começou o seu sermão, até que pediu que entrassem com as alianças.

Nossa pequena Larissa entrou com um vestido lindo, como o da minha noiva, e me entregou uma almofada de coração vermelho, as alianças dispostas ali.

O padre perguntou se eu aceitava a Bianca e, antes que ele completasse o nome dela, eu já estava dizendo repetidamente sim, fazendo os nossos amigos rirem alto, alguns mais próximos dizendo ao padre que eu estava doido para ir para lua de mel. Então ele prosseguiu:

— Bianca Castilho Moura, aceita o Sr. César Alvim Montes como seu legítimo esposo, até que a morte os separe?

Nesse momento meu coração perdeu todas as batidas e, quando ela olhou em meus olhos, eu tremi. Então Bianca disse “SIM” e minha

felicidade era tanta que esqueci onde estava. Peguei-a no colo e a beijei.

Outro arranhar de garganta nos tirou de nossa névoa de felicidade e rapidamente nos posicionamos, então deslizei, em seu dedo anelar, a nossa aliança. A lembrança do pacto entre nós dois, que simbolizava nosso compromisso até a eternidade, porque aliança não tem início nem fim...

Dei um beijo no dedo que continha agora o peso de meu sobrenome e que me dava o poder de encher a boca e dizer “minha mulher”, “minha esposa”. Tive vontade de sorrir e gritar o quanto esperara por isso.

Então o padre pediu que pronunciássemos os votos, e ela me surpreendeu ao pedir para falar primeiro.

— César, eu te amei no instante em que corri e me joguei em seus braços, logo os corações se entrelaçaram. Mesmo sem que percebêssemos, eles nos convidaram para embarcar em uma viagem em que nossas próprias perguntas se tornaram as respostas, em que os corações se identificaram e se conectaram, num ritmo acelerado, como um verdadeiro ímã, não permitindo que ninguém os separasse.

“Somos duas vidas ressurgidas dos maus-tratos do destino. Os fragmentos disso não nos permitiam prosseguir ou ultrapassar a barreira de sustentação, impondo-nos novos desafios.

“Acabamos dando lugar ao acaso, com seu jeito fácil de brincar, tentando retirar as estilhas dos erros do passado. Uma luta que pareceu vã, quando as marcas da vida não nos permitiam acreditar no amor.

“Sem pedir licença, no entanto, o amor desbravou, destemidamente as barreiras de contenção de nosso coração tão fragmentado, fazendo com que uma fé morta voltasse a surgir de um sonho e se tornasse uma realidade constante. Até a falta de crença na vida passou a vibrar em uma atmosfera radiante, e tudo passou a dar certo, então nós percebemos que nunca havíamos amado de verdade.

“Com a fé renovada, nós nos permitimos amar e ser amados, assim acabamos com os corações entrelaçados.

“Te amo, meu amor... Para sempre...”

Com o polegar, ela secou algumas lágrimas que rolavam em minha face e me deu um beijo casto, enquanto todos choravam e aplaudiam.

Então chegou a minha vez de pronunciar os votos:

— Amor, eu nem acredito que escrevi este texto; passei a noite em claro, mas valeu a pena estar aqui hoje dizendo aos quatro ventos como eu te amo!!!

“Um belo dia o vento forte mudou a rota de minha embarcação e de repente ele lançou você em meus braços. Quando te olhei e vi essa pele toda bronzeada, percebi que você era o bombom que faltava em minha caixa. Esses cabelos encaracolados... Eu já me imaginava segurando seus cachos.

“Nesse momento algo inesperado aconteceu, pude sentir as batidas perdidas de toda uma vida, do meu coração, quando inalei o seu perfume, a lavanda mais refrescante, que dominou todo o meu ser.

“Naquele instante meu coração te amou e te reconheceu como seu dono, mas nos negamos a aceitar. Não me achava capaz de amar e nem de ser amado. Achava que nós dois éramos simplesmente efeito de uma química de puro tesão. Dessa forma, no entanto, eu só tentava me enganar em relação aos meus sentimentos, porque os corações já estavam entrelaçados, e só nós dois que não conseguíamos enxergar.

“Foi preciso que nosso amigo aqui presente prendesse nossas mãos com fita adesiva, unindo-nos e nos obrigando a ficar de frente um para o outro, sem ter para onde correr e nem como fugir do que estava explícito e gritando, para conversarmos.

“Sempre fugíamos para outro lugar, mas dessa vez deixamos o amor falar. E bem naquele momento descobri que, com você ao meu lado,

poderia ser e sentir qualquer coisa, pois meu coração já te amava.

“Então crescemos e amadurecemos juntos. Eu me neguei a desistir de nós dois, porque reconheci que o amor é o sentimento mais nobre em todo o planeta. O amor faz com que busquemos em nós o que temos de melhor, o amor faz com que achemos no outro aquilo que ele tem de bom para oferecer.”

A emoção embargava minha voz, precisei engolir em seco, mas prossegui.

— Assim me sinto poderoso e capaz de recomeçar, refazer nosso caminho em nosso coração, por isso não permitirei que nada e nem ninguém desfaça nossos laços e abraços: os corações entrelaçados permanecerão até o

FIM.

Epílogo

César

Ainda me lembro da forma angustiante como descobri que minha esposa estava grávida do nosso primeiro filho, um mês depois do nosso casamento. Estávamos na empresa e interfonei para ela, para irmos almoçar, mas Bianca me disse que a Emilly a havia convidado para almoçar porque estava com um probleminha para resolver.

Durante toda a semana, eu vinha achando minha esposa estranha, mas atribuí isso ao fato de termos passado muito tempo em lua de mel; um mês inteiro conhecendo a França, e era lindo de ver os olhinhos dela por cada lugar que passávamos.

Achei que a volta a nossa rotina de trabalho a estava deixando angustiada e apreensiva, mas mesmo assim meu subconsciente estava com uma luzinha piscando.

Alex tinha me dito, ao me ver chegar à empresa, que iria levar a Emilly para almoçar, pois era aniversário de casamento deles, então eu soube que havia alguma coisa errada nessa história.

Desconfiado fui até a sala de meu amigo, e ele me falou que não poderia ir almoçar com a esposa porque a Bianca estava com um problema e a Emilly iria ajudá-la.

Eu não disse nada, disfarcei e saí a tempo de ver minha esposa entrando em um táxi, que já estava ocupado por alguém. Eu imaginava que

era sua amiga, mas precisava descobrir quem estava mentindo nessa história e por quê.

Segui o táxi até vê-lo parar em frente a um prédio elegante, onde eu já tinha ido com o Alex, no oitavo andar, entregar o resultado de um exame para a ginecologista da Emilly. Nada estava fazendo sentido, por que ela não podia simplesmente me dizer que estava indo ao médico?

Quando elas entraram no elevador, esperei até que ele parou no oitavo andar. Já havia chamado o outro e, quando chegou, segui o mesmo destino.

Minha esposa me viu entrar na recepção e cumprimentar todos sem desviar o olhar dela. Ficou branca como uma vela, mas logo perguntou o que eu estava fazendo ali.

Sem dar um sorriso, confessei que queria entender, mas, antes que eu pudesse terminar a frase, a médica chamou o nome da minha esposa.

Bianca pegou na mão da amiga e a puxou, mas, antes que a médica fechasse a porta, eu entrei. Vi quando minha esposa começou a entrelaçar os dedos, ela fazia isso quando estava muito nervosa, mas nada havia me preparado para ouvir o que a médica começou a dizer:

— Então, Bianca, a Emilly já me deixou a par do seu dilema, mas saiba: até o último momento existe uma esperança, temos muitas alternativas para induzir uma gravidez e vários outros meios para uma mulher realizar o sonho de ser mãe.

Neste momento a “ficha caiu”, ela deveria estar com algum problema para engravidar e tinha pedido ajuda para a amiga.

Pedi licença e saí da sala. Se ela preferiu confiar na amiga dela, tudo bem, mas eu estava muito magoado. Pensava estar sendo tudo de que ela precisava.

Com a cabeça dando mil voltas, sem saber o que fazer e para onde ir, vi a porta do consultório se abrir e a Emilly sair. Então a médica pediu que

eu entrasse e, meio relutante, eu aquiesci.

Bianca

A médica me viu chorar assim que o César saiu da sala e explicamos a ela o que havia acontecido. Eu não tinha motivo para agir assim com ele, César sempre foi um amigo, além de um esposo maravilhoso, mas meu medo de não poder dar-lhe um filho foi maior que tudo.

Ele já me havia dito que, para a felicidade dele ser completa, só faltava ter um filho. Como eu conseguiria sobreviver a isso? Desde o meu rompimento com o Bruno, eu havia parado de tomar anticoncepcional; eu e César nunca usamos preservativo, tínhamos muito tempo juntos, e nada. Quando me dei conta disso, batera um medo incontrolável.

Então a médica falou que, se ele era da forma como eu havia descrito, não havia razões para que meu marido não estivesse participando de uma consulta tão importante. E assim ela o chamou.

César entrou, mas não me olhou, e ela nos dirigiu à maca, pedindo a ele que me ajudasse.

Meu marido assim fez, sem me encarar, mas pude observar que seus olhos estavam vermelhos. Ele me ajudou a deitar, e a médica explicou que primeiro iria fazer uma ultrassonografia, para depois conversarmos; se fosse o caso, ela pediria outros exames.

Quando a doutora pôs o gel gelado em minha barriga, César segurou minha mão e encostou a testa na minha. Sem que percebêssemos, já estávamos pedindo perdão um para o outro, com os olhos banhados por lágrimas, e ele me deu um beijo casto.

Então escutamos a voz da médica conversando com alguém que não conseguíamos ver dentro daquela sala. Ela nos olhou com um sorriso

contagiante e disse:

— Olhem para o monitor, estão vendo todo esse comprimento aqui? Então, você está gravidíssima, dezesseis semanas de gestação. Se quiserem saber o sexo, dá para ver, porque essa criancinha aqui está toda aberta.

César não sabia se ria ou se chorava, e o melhor momento foi quando a médica colocou o aparelho, deixando soar, em alto e bom som, aquele coraçãozinho batendo compulsivamente.

Ela revelou que era um menino, e meu marido esqueceu que estávamos em um consultório: ele me beijou e beijou minha barriga, dizendo o quanto nos amava por fazermos dele o homem mais feliz do mundo.

~Um ano depois~

César

Estava absorto, encostado na parede da sala, quando senti a refrescante fragrância de lavanda. Logo braços afáveis enlaçaram meu pescoço e, sem pedir licença, puxaram-me e me envolveram em um beijo cheio de paixão.

Segurei com firmeza sua cintura e a envolvi em meus braços, retribuindo o beijo maravilhoso de minha esposa. Ela gemeu em minha boca e foi o suficiente para pegá-la em meus braços — sob protestos, pois mamãe estava em nossa casa, em uma conversa fluida com a Emilly, junto às crianças —, ninguém mandou vir me provocar...

Ao chegar ao nosso quarto, eu a fitei nos olhos, que não deixavam dúvidas de que era exatamente ali que ela queria estar. Nós nos amamos por

mais de uma hora e, depois de encostarmos as testas, aguardando que a respiração voltasse ao normal, eu a envolvi em meus braços, levando-a para a banheira.

Ficamos vários minutos ali, relembrando nossa primeira noite em casa, com tudo divinamente perfeito, como ela tanto havia sonhado; a casa pintada de branco, portas e janelas em azul-cobalto, tudo planejado ao seu gosto e sem que ela soubesse.

A surpresa maior, porém, tinha sido nosso cantinho, todo branco, com uma parede composta por portas de correr de vidro, separando nosso quarto do banheiro. Em cada quadrado, uma composição de fotos — nossas e dela sozinha — atribuindo cor, alegria e brilho ao nosso ninho de amor.

Quando as portas do banheiro se abriam, deparávamos com uma banheira imensa e, na parede seguinte, dois vitrôs azuis, de onde surgia uma verdadeira cascata, uma belíssima cachoeira só nossa.

Uma batida à porta acabou nos tirando de nossa bolha e nos trazendo à realidade, mamãe lembrando que havia visitas em casa e que todos estavam famintos, inclusive nosso bebê, aguardando-nos para jantar.

Gritei que já estávamos indo, mas isso não me impediu de dar mais alguns beijos em minha esposa. Depois do nascimento do Calleb, era raro ficarmos tanto tempo a sós, tínhamos que aproveitar a presença da minha mãe. Mas Bianca acabou correndo de mim, com o instinto materno gritando e temendo não conseguir olhar para nossos amigos sem entregar o que estávamos fazendo.

Bianca

— Por que está me olhando desse jeito, César? Não estamos sozinhos e estamos em uma festa, melhor não ficar me olhando com cara de quem

quer comer alguma coisa.

O descarado teve coragem de gargalhar e roçar aquela barba cerrada que tanto amo em meu maxilar, aproximando-se do lóbulo de minha orelha e dizendo:

— E você nem imagina o que eu quero comer, meu amor!

Engoli em seco, criando todo um cenário em minha cabeça tão perversa. Já estava me sentindo quente por dentro com aqueles pensamentos, até que Guilherme chegou nos tirando daquela onda de delírio.

Nesse dia estávamos comemorando sua pós-graduação e seu próprio escritório de advocacia. Eu estava muito orgulhosa do meu sobrinho e tinha certeza de que sua mãe, se estivesse viva e lúcida, estaria soltando fogos de artifício.

— Gui, estou tão orgulhosa de você! — eu disse assim que ele se aproximou e o abracei com tanta ternura que meu esposo não resistiu e nos envolveu em seus braços.

O que eu mais amava nessa relação era a forma como César o acolhera, tanto na empresa como em nossa vida, como se o Gui fosse o filho mais velho.

Tentando se recompor, Guilherme secou as lágrimas do rosto e o meu esposo logo pegou um lenço, secando minha face.

Vi os dois em uma troca de olhares silenciosa e não queria soar intrometida, mas minha curiosidade já estava corroendo tudo por dentro. Desde a hora em que eu havia chegado, mesmo vendo meu sobrinho sorrir, eu havia percebido uma tristeza embutida naquela máscara de felicidade aparente.

— Vão me contar o que eu estou perdendo, ou terei que descobrir sozinha? — Cruzei os braços e fiquei aguardando a resposta.

Então, sem escapatória, Guilherme confessou:

— Não convidei a Eloise.

— Por que não?

— Será melhor assim, tia!

— César, não estou acreditando que você deixou que ele fizesse isso.

Meu marido, indignado, respondeu:

— Era só o que me faltava eu ser culpado pelo relacionamento a distância do Guilherme. Bianca, faça-me o favor!

— Não brigue com ele, tia, César me aconselhou, mas achei melhor assim. Já se passou um ano e ela não me procurou, por que eu iria atrás dela?

— Você já imaginou que pode ter acontecido alguma coisa com ela?

— Eu sei que não aconteceu nada e será melhor assim.

— Tudo bem, você já tem idade suficiente para saber o que é melhor para si, mas com certeza acho que está cometendo uma grande burrada.

Nesse instante apareceu uma loira sem-sal e “sem-açúcar”, toda sorridente para o lado do meu sobrinho, e o carregou.

Alex e Emilly chegaram no momento em que eu já estava doida para ir embora, mas eles não permitiram e ficamos em uma conversa animada.

Alguns anos depois

— Papai, papai!

Caleb, com quatro anos de idade, entrou correndo, todo molhado na sala, e César era incapaz de chamar a atenção dele, uma verdadeira manteiga derretida com nossos filhos.

— César, você não está vendo que o Calleb está molhando toda a casa? Daqui a pouco vamos ter que cancelar a festa da Carolina!

Nossa pequena estava completando dois aninhos, a casa estava cheia só com minhas crianças e as da Emilly.

Sorrindo, César me agarrou pela cintura, com o Calleb todo molhado nos braços. O garoto morria de rir porque o pai estava passando a barba nele, espetando sua barriga.

— Relaxa, amor! Hoje ninguém vai se machucar, né, filhão?

E o safado, mais que depressa, respondeu:

— É, papai, somos fortes, né? Homem nem cai à toa, né, pai?

— É, filhão, somos machos.

— Então, machões, aproveitem e vão secar o chão, porque a área da piscina é lá fora; a festa está acontecendo lá, e não aqui.

Os dois começaram a me dar beijos para ver se eu deixava de ser brava e, nesse momento, entrou a Carolina, chorando nos braços de minha sogra, porque o Lucas, filho da Emilly, só queria ficar correndo e brincando, enquanto ela só queria saber de abraçar.

Ela era como a mãe, toda nervosinha, e, quando não conseguia o que queria, chorava. Dali a dois segundos, César já estava compadecido pelo choro dela e a consolando.

— Amor, eu acho que isso não vai dar certo — César, todo preocupado, disse e caímos na gargalhada.

Fomos para o quintal, estávamos todos reunidos para cantar parabéns, e minha única tristeza se devia à ausência de Guilherme. Ele estava em outro estado, não pudera comparecer.

Às duas da manhã, as crianças já dormiam tranquilamente e eu fechava a porta do nosso quarto, quando o César me pegou no colo. As

lâmpadas estavam apagadas, e somente a luz de velas aromáticas acesas, distribuídas por todo o banheiro, guiava-nos.

Banheira cheia de espuma, fomos recebidos pela fragrância da lavanda, pelo vapor e a quentura da água. Um balde de gelo estava disposto ao lado, e pétalas de rosas vermelhas, espalhadas por todo o chão.

César me pôs de pé e despiu toda a minha roupa, tirando o roupão que envolvia seu corpo. Ele nos conduziu até a banheira e, quando estávamos sentados um de frente para o outro, entrelaçamos as pernas.

Ofereceu-me um sorriso torto, com seu ar maroto, e colocou um morango coberto com chocolate em minha boca, então o mordeu junto comigo.

Permanecemos com os olhos conectados e assim nos beijamos, com um sabor de morango e chocolate nos lábios.

Ele abriu o champanhe e brindamos ao nosso amor, a nossos filhos e a toda nossa felicidade.

— Eu te amo tanto, César, que a imensidão do oceano é pequena diante da grandeza do meu amor!

— Shhh — disse antes que eu pudesse continuar.

Suavemente acariciou todo o meu rosto e, hipnotizado, olhando em minhas íris, declarou:

— Amor, minha vida era um verdadeiro moinho, que mói tudo a sua frente, até você chegar e torná-la um verdadeiro cata-vento, dando-me direção. Você acabou sendo o vento na minha vida, espalhando sementes de sentimentos bons e me permitindo retornar à vida que antes estava perdida.

“Você me fez ter fé e esperança em nós dois, e me deu nossos melhores sorrisos; as joias mais preciosas para amar e cuidar.

“Você me fez enxergar que fazer sexo é felicidade, mas que fazer amor é cadenciar o amor no coração, é olhar para o futuro, rumo ao infinito, e

poder nos ver velhinhos com os nós de nossos dedos em um só enlaçar de mãos.”

Roçou o dorso de um dedo em meu rosto delicadamente e concluiu:

— Obrigado por me amar e por me permitir ser quem eu sou. Obrigado por se dispor a caminhar ao meu lado, os dois sempre juntos, com os corações entrelaçados até o

Fim...

Agradecimentos

O ser humano pode até achar que não tem nada, mas, se ele tiver Deus, família e os amigos verdadeiros ao seu lado, ele tem tudo.

Deus

Em primeiro lugar, a Deus, por me amar e me permitir ser quem eu sou, por ser tudo em mim... Moldar minha vida e em momento algum me deixar esquecer que Ele é o centro dela... Pela inspiração a cada novo amanhecer...

Mãe

A minha mãe, por ser essa guerreira pronta para a guerra a todo momento e por ser sempre meu maior exemplo. Amo-te!

Benicio Dias

Por estar sempre unido à minha mãe e me permitir uma educação digna; por ajudar na minha criação e formação; por me colocar sempre como prioridade, abrindo mão de seus próprios interesses para que os meus estivessem em primeiro plano. Sem palavras para lhe dizer o quanto lhe sou grata.

Luiz Eduardo, Lucas e Larissa

Ao meu esposo e meus filhos, por estarem sempre ao meu lado e por me dividirem com meus personagens, amo-os imensa e eternamente.

D. Ratton

A minha revisora, para quem não tenho palavras: obrigada por lapidar minha história e ajudar a torná-la um perfeito diamante; por sua amizade e compreensão.

Ao grupo Editorial The Books e Papoula

Minha imensa gratidão por mais uma publicação e pela credibilidade com minha escrita.

Minha capista

Michelle Mariani, obrigada por ser essa profissional espetacular, por conseguir me entender quando nem eu mesma me entendo, por sua delicadeza e inspiração, por sua amizade sem par.

Betas

Às betas mais lindas do mundo, **Jess Bidoia, Andrezza Mota, D. Valenti e Suely Elias**, que me apoiam e incentivam.

David Eduardo Schimidt e João Vitor Ratton

Quero agradecer aos meus dois rapazes, que são essenciais em minha vida, ajudando com as imagens.

Amigas

À Andrezza Mota, Jess Bidoia e D. Valenti, vocês são anjos que Deus colocou no meu caminho tornando a estrada prazerosa. Obrigada por estarem ao meu lado e por me fazerem acreditar que, a cada degrau, não suspendemos somente uma taça exibindo uma vitória, mas aprendemos o peso de uma lágrima e a satisfação dela; que não importam os olhares que estão acima de você, mas sim para onde olha e o que é capaz de enxergar,

aqueles que estão a sua frente, de braços abertos, reconhecendo e torcendo por sua vitória.

Aos amigos

Aos que direta ou indiretamente sempre me apoiaram e me incentivaram nesta linda caminhada, onde há flores, mas também há espinhos; onde o maior alento é saber que temos braços fortes para nos receber, pois amigo é isso: “O sol que surge para secar os respingos de chuva que insistem em ficar”.

Jaque Salema.

Para Patrícia Morett; Lorena Morett; Izabel Dornellas; Isabelle Dornellas; Eloise Dornellas; Elis Dornellas; Vilma Souza; Adrielly Souza; Luana Souza; Lara Souza; Jess Bidoia; Andrezza Motta; D. Valenti; Michelle Mariani; Suely Elias; Larissa Siqueira; Joana Maris Leite; Wall Oliveira; Fran Nani; Mia Antiere; Bah Pinheiro; Maria Dal Bianco; Ana Angélica Gomides; Luciene Freire; Jailma Santos; Érika Silva; Hilda Nascimento; Rita de Cássia Ferreira; Alda Azeredo; Marlene Dias; Fabiana Souza; Ana Clara Souza; Patrícia Palmeira; Patrícia Barbosa; Márcia Rocha; Bianca Cardoso; Bianca Macedo; Michelle Vilaça; Helaine Lessa; Isabel Tinoco; Ortelia Oliveira; Vania Carvalho e Jefferson.

Floresça, mesmo quando a chuva insistir em castigar o tempo...

Aqueça mesmo quando o coração gelado parecer não ter jeito...

Arrume mesmo quando parecer não ter mais forma...

Não se limite em fazer...

Não se preocupe com a aparência, isso é o que menos importa...

Faça e refaça quantas vezes for preciso...

Doe o que há de bom em você...
Floresça a cada novo amanhecer...
Deixe exalar o perfume que há em sua alma...
Serenidade ...
Generosidade
Bondade ...
Regue seus dias com paz de espírito ...
Mansidão ...
Entusiasmo ...
Otimismo ...
E poderá colher o mais puro amor que floresceu...
Não nos esquecendo que o cultivo só depende de cada um de nós...
Doamos o que temos dentro de nós...

Aos meus leitores, nada eu seria sem vocês ...

Minha gratidão de sempre...

Jaque Salema.

Em breve...

Meu Coração Sempre Foi Seu (Spin-off Duologia Corações)

Sinopse

O coração encontra o amor quando ele nem sabe a dor do sentimento; quando ele simplesmente acontece, a atmosfera muda e tudo passa a trabalhar ao seu favor.

Guilherme e Eloise são dois jovens sorridentes e felizes que encontraram dentro da amizade um amor impossível de acontecer. Carregam dentro de si perdas irreparáveis e se alicerçam um no outro como bons amigos que são; lutam por seus sonhos e metas estabelecidas.

Mas em determinado momento, quando o coração está a ponto de explodir, resolvem criar asas e mudar a rota de voo.

Um descortinar de acontecimentos poderá pôr esse amor à prova ou fazê-lo desabar de vez.

Uma revelação será capaz de acabar com esse amor?



@_jaque_salema_



/jaquelinesalema

^[1] Fragmento de um poema de Jaque Salema.